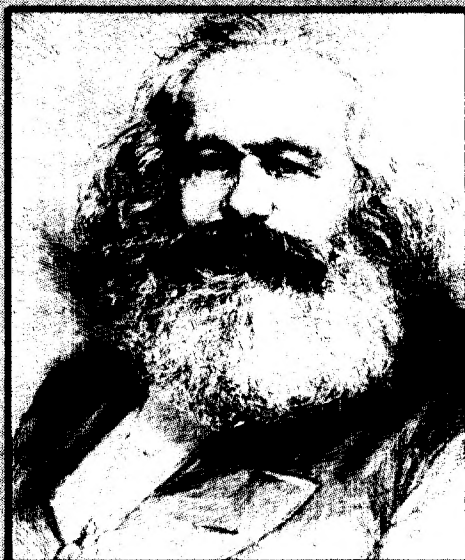


No centenário da morte de Karl Marx

Karl Marx morreu em Londres no dia 14 de Março de 1883. O centenário da sua morte tem sido comemorado em vários tons e estilos, com intenções muito diferentes. O «DL» evoca a efeméride sublinhando aspectos do conhecimento que em Portugal se teve da obra e da personalidade do poderoso analista de «O Capital».

Págs. 2, 3 e 4



Polícia morta no Estoril

Um agente da PSP, Joaquim Monteiro Duarte, de 30 anos, que prestava serviço na esquadra do Estoril, foi encontrado morto esta manhã na praia do Tamariz. Junto ao seu corpo estava uma pistola. Joaquim Duarte era natural de Alcácer do Sal e estivera de folga no domingo. A sua mãe falecera recentemente. A Polícia Judiciária investiga as causas da morte,

embora a hipótese de suicídio seja a mais viável.

Entretanto, um agente da PSP, José Marques Simões, de 24 anos, da esquadra do Rato, foi abatido a tiro, após discussão com um seu colega, no comboio que se dirigia de Lisboa para Vilar Formoso. O agressor, António Maia, de 25 anos, foi detido pela GNR de Pombal.

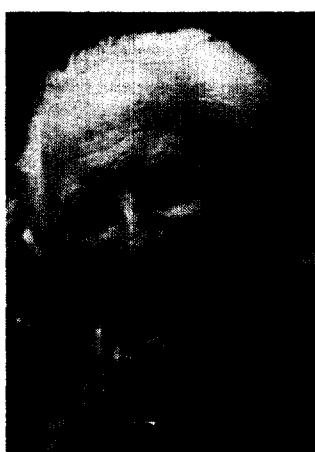
Esquerda francesa ganha na 2.ª volta das municipais

Mitterrand pressionado a remodelar o Governo

A esquerda recuperou votos na segunda volta das eleições municipais francesas, realizada ontem. Com efeito, e segundo estimativas não oficiais, nas cidades com mais de trinta mil habitantes, a actual maioria que governa em Paris obteve mais de 50 por cento dos votos (46,3 na primeira volta), enquanto que a oposição desceu para cerca de 49 por cento. A mobilização do eleitorado de esquerda foi também notada na diminuição das abstenções. A taxa de participação do acto eleitoral de ontem foi superior, em cerca de 10 por cento, ao verificado no escrutínio de 6 de Março. Traduzidos em ganhos, os números deram às forças de esquerda as presidências dos



Pierre Mauroy vence, à segunda volta, em Lille



Gaston Deferre, ministro do Interior, ganha em Marselha

municípios de Marselha, a segunda cidade mais importante do país, Lille, Belfort, Clichy, Nevres, Rennes e Chateaufort, num conjunto de 36 das 66 cidades em disputa. Em contrapartida a direita, para além de conquistar 30 cidades, garantiu os dois únicos bairros que lhe faltavam em Paris. No entanto, as atenções convergem agora para o Eliseu esperando-se uma contra-ofensiva do presidente François Mitterrand que, eventualmente, poderá passar por uma remodelação ministerial, hipótese que ganha a adesão da generalidade dos comentadores e jornais hoje publicados em França.

Págs. centrais



Direcção alargada à Madeira e aos Açores

Congresso da CGTP termina com apelo à luta

Pág. 10

Lever(Gaia): sete futebolistas acabaram no hospital

Infelizmente, começa a ser lugar-comum o registo de violências cometidas nos campos desportivos, perante uma contínua passividade de responsáveis que parece somente esperar que os murros e os pontapés se convertam, um dia destes, em tiro de canhão. Ontem, acon-

teceu em Lever: sete jogadores de futebol sentiram na carne o preço da sua profissão. E a interrogativa avoluma-se, sabendo que até a força da GNR destacada para o policiamento do jogo, porventura por escassa, não conseguiu impedir um gravíssimo atentado à ética desportiva.

Pág. 16



Álvaro Cunhal ao «DL»
“PCP no Governo” não é “slogan” eleitoral

«PCP no Governo» não é «slogan» eleitoral mas uma proposta ao povo português, ou seja, em véspera de eleições ao eleitorado — considerou para o «DL», Álvaro Cunhal. Ataques ao PS? «As críticas que o PCP faz à direcção do PS são críticas políticas» — respondeu-nos o dirigente comunista que entendeu, ainda, ser uma «proposta de interesse» a sugestão de Mota Amaral de um encontro entre as principais forças políticas, sob a égide de Ramalho Eanes, para debate dos principais problemas nacionais. Sobre Freitas do Amaral diz que ele teve uma «retirada desordenada no momento da derrota».

«Voto útil» no PS pode ser extremamente útil ao PSD e ao CDS para, pela mão de M. Soares sobreviverem no poder, no preciso momento da sua derrota» — afirmou-nos ainda Cunhal.

Págs. 5 e 6

Um esclarecimento que se impõe:

Na passada quinta-feira, ao anunciarmos a série de entrevistas com os dirigentes das principais forças políticas, prevíamos a publicação hoje, segunda-feira, da entrevista com o líder do PSD. Com efeito, dentro da programação que estabelecíamos para os contactos com Lucas Pires, Mário Soares, Álvaro Cunhal e, naturalmente, Mota Pinto, o dirigente do PSD surgiu em

terceiro lugar. Só que o imprevisto aconteceu... Mota Pinto, ocupado em período de pré-campanha, anunciava-nos, sexta-feira, a impossibilidade de se encontrar com o jornalista do «DL» na data que prevíamos. Tal situação levou-nos a alterar a ordem de publicação das entrevistas, inicialmente prevista.

No primeiro centenário da morte de Marx

Em volta de uma edição ignorada do Manifesto

Alberto Pedrosa

«Desatualizado o Manifesto? – Assim Marx e Engels pudessem estar aqui connosco para verem com os seus próprios olhos!» – Vasco Magalhães-Vilhena (1)

PRECISAMENTE um quarto de século depois do aparecimento em Londres, no fim de Fevereiro de 1848, da edição original em alemão do **Manifesto do Partido Comunista**, os «internacionais» portugueses procedem à divulgação entre nós da primeira edição portuguesa do **Manifesto**, justamente considerado «o primeiro documento programático dos comunistas científicos» (2).

Publicada sucessivamente a partir do número 46, de 2 de Março de 1873, de **O Pensamento Social** (o primeiro periódico operário português, discreto porta-voz da AIT na «Região Portuguesa»), tem sido admitido por alguns investigadores (3), — compreensivelmente — que esta nossa primeira versão do **Manifesto** decerto foi interrompida logo após a edição do semanário relativa a 5 de Abril (n.º 51), mesmo à beira, portanto, da conclusão do segundo capítulo (**Proletários e Comunistas**) e, muito provavelmente também, que não mais voltou a ser retomada nas páginas do velho periódico operário.

A sorte desta primeira tentativa de difusão de um dos primeiros textos do pensamento marxista teria acompanhado assim, de acordo com essa perspectiva, as vicissitudes da conturbada existência do jornal, então confessionalmente forçado a suspender de imediato e durante algum tempo a sua saída regular. Tal suspensão resultou, como a própria redacção do periódico teve a preocupação de sublinhar da resolução (dolorosa, sem dúvida) tomada em colectivo pela Comissão Administrativa e pela Assembleia de Delegados, uma e outra apreensivas com as crescentes dificuldades financeiras do movimento operário, dificuldades, inquietantemente agravadas não apenas pelo apoio que foi imperioso prestar ao movimento de greves reivindicativas em curso por essa época, mas também pela vida financeira do próprio periódico, chegando mesmo a sua redacção a reconhecer publicamente que **apesar de ser considerável a tiragem do jornal, o défice que dá semanalmente obriga a associação a este sacrifício**. (4)

A opinião até agora predominante de que a publicação da primeira versão portuguesa do **Manifesto** não terá sido retomada no periódico após a sua anunciada suspensão e, como já acentuamos bem compreensível

face à circunstância de se ignorar ainda o conteúdo dos quatro números de **O Pensamento Social** posteriormente saídos e dos quais também a redacção de um outro semanário socialista, **O Protesto**, nos dá notícia. (5) Na verdade, muito embora esteja comprovado que o periódico terá prolongado assim a sua existência, sobrevivendo até ao número 55, para logo depois desaparecer em definitivo — a realidade, porém, é que a sua colecção existente na Biblioteca Nacional de Lisboa apenas incluiu os 51 números saídos até 5 de Abril de 1873. Tão lamentável falta tem permitido que, por vezes, incorrectamente se afirme que a colectânea desse semanário socialista é constituído somente por aquele conjunto (1 a 51), ao mesmo tempo que tem impedido a análise desse período tão significativo da vida da Secção Portuguesa da AIT — reconhecida, uma fase de refluxo do movimento operário e sindical do nosso país. Do mesmo passo nos impossibilita agora o esclarecimento documental directo da dúvida legitimamente posta até aqui quanto à continuidade e integral publicação da tradução original portuguesa do **Manifesto Comunista**.

Ao contrário, porém, da opinião que até há algum tempo nós próprios mantivamos quanto à imerecida sorte que parcialmente teria inutilizado o esforço de divulgação empreendido pelos redactores de **O Pensamento Social** (esforço a que, decerto, não foram alheios, por outro lado, a presença de Paul Lafargue em Portugal, por mais breve que tenha sido, durante cerca de duas semanas, na primeira metade de Agosto de 1872 e, por outro lado, o contacto epistolar e a permuta de documentação mais ou menos regularmente mantidos com os membros da corrente marxista da AIT espanhola), — bem ao contrário disso, dizíamos, dois velhos mas já esquecidos testemunhos vem demonstrar que não apenas a publicação do **Manifesto** realizada por **O Pensamento Social** foi feita integralmente, como igualmente que não corresponde à realidade a afirmação há algum tempo feita de que a sua segunda edição somente tenha surgido cerca de quinze anos depois, em 1887, promovida por **A Voz do Operário** e inserta no seu órgão de imprensa. (7)

— Tão desamparada e por fazer continua a estar a investi-



Capa da 1.ª edição do Manifesto do Partido Comunista, 1848

gação histórica do movimento operário do nosso país...

O primeiro dos dois testemunhos a que aludimos encontramos-lo no curto preâmbulo com que a redacção do porta-voz da já centenária agremiação introduziu a reedição do **Manifesto**, iniciada no número 356, de 22/8/1886 e concluída em 30 de Janeiro do ano seguinte (n.º 3790, ao fim de cinco meses de ininterrupta publicação. (8) Não resistimos à transcrição do aludido preâmbulo:

«O importante manifesto que hoje o principiamos a publicar é transcrito do antigo jornal **O Pensamento Social**, para onde foi pela primeira vez traduzido em língua portuguesa pelo nosso querido companheiro e amigo Nobre França.

«Julgamos prestar um bom serviço aos nossos leitores publicando-o de novo na nossa

folha, visto que é este notável escripto numa das afirmações do moderno socialismo revolucionário científico.

«Publicado pela primeira vez na Alemanha há perto de quarenta anos, tem ainda hoje um cunho de perfeita actualidade, e pode-se afortunadamente dizer que é uma das mais formidáveis críticas que tem sido dirigidas contra a sociedade burguesa e exploradora.»

Recomendamos pois a sua leitura aos nossos amigos, na certeza de que ali encontrarão não só uma das mais importantes páginas da história das classes trabalhadoras, mas também uma das muitas e valiosas produções dos dois grandes mestres do proletariado, Carl Marx e Frederico Engels, o primeiro já infelizmente morto, e o segundo actualmente emigrado em Inglaterra, continuando honrosamente as suas brilhantes e gi-

gantesca tradições revolucionárias.

Honremos aqueles heroes, divulgando o mais possível as suas grandiosas e sublimes ideias d'onde emanam torrentes de luz.

Para além do caloroso reconhecimento do labor teórico e militante dos dois grandes mestres do proletariado, cremos ser de anotar sobretudo as duas preciosas informações prestadas logo no primeiro parágrafo: o facto do texto então publicado ser **transcripto do antigo jornal operário «O Pensamento Social»** e, depois, a revelação (pela primeira vez divulgada, quanto a nós) de ter sido José Correia Nobre França, destacado militante da Secção Portuguesa da AIT, o responsável pela primeira tradução portuguesa do **Manifesto** (9), efectuada sobre a versão espanhola surgida no periódico socialista madrilenho **La Emancipación**, órgão da Nova Federação Madrilenha da AIT, em Nov.-Dez.º de 1871, versão por sua vez traduzida do francês por José Mesa. (10)

Sendo a transcrição feita por **A Voz do Operário** colhida das páginas daquele periódico, afigura-se-nos que deixa de ser legítimo afirmar-se ter ficado incompleta a edição em folhetim por ele publicada.

O segundo testemunho — muito importante, a nosso ver — deparou-se-nos nas páginas de **O Protesto**, revelando-nos a existência de uma edição actualmente ignorada (e talvez mesmo perdida) do **Manifesto do Partido Comunista**, edição de que jamais vimos qualquer menção, esquecida por todos quantos se têm debruçado sobre a história do movimento operário português, do mesmo modo que não figura nas diversas bibliografias sobre ele até agora dadas a público.

Na verdade, quando há tempos procedíamos à consulta daquele órgão do antigo e extinto Partido Socialista em Portugal, em busca de elementos nem de perto nem de longe relacionados com Marx, chamou-nos a atenção um extenso artigo inserto no seu número 92, intitulado **A Propaganda Socialista**. (11)

Neste artigo, e depois de sublinhar que **infelizmente, entre nós, a propaganda socialista tem sido muito limitada, pois que, desde o estabelecimento do movimento operário em Portugal, só se tem feito as seguintes publicações:**, a redacção de **O Protesto** começa por enumerar as três vozes operárias então existentes na Im-

Continua na pág. 4

Uma morte há 100 anos

Eugénio Alves

«A morte não é uma infelicidade para o que morre, mas antes para o que sobrevive» — dizia ele frequentemente, citando Epicuro.

Morreu há 100 anos, em Londres, ao princípio de uma tarde enevoada e fria. Há seis semanas que Engels o visitava diariamente, depois de almoço, no seu quarto. Uma antiga pleuresia agravava a saúde já débil do amigo. Nesse 14 de Março de 1883, ao virar a esquina da rua onde Marx habitava, Engels olhou, como era seu hábito, as janelas da casa. As cortinas não estavam corridas. Era um bom sinal. Porém, quando entrou, o ambiente era de lágrimas.

«O fim parecia próximo — escreveu Engels, no dia seguinte, a Sorge — procurei saber o que se passava. Tinha ocorrido uma grave hemorragia, seguida de súbito enfraquecimento. A nossa velha e valente Lenchen, que cuidou dele como jamais uma mãe cuidou de um filho, subia e descia as escadas de acesso ao quarto: ele estava meio adormecido, eu podia subir com ela. Quando entrámos, estava deitado e dormia, para nunca mais acordar. Sentiam-se ainda o pulso e a respiração. Dois minutos depois expirava. Tranquilamente, sem sofrimento.»

Gostava de poemas. Sabia de cor Heine e Goethe. Citava-os frequentemente quando conversava. Conhecia versos inteiros de Shakespeare e, todos os anos, relia Esquilo, outro dos seus preferidos. Deste, repetia muitas vezes uma frase do «Prometeu Agridoador» — «odeio todos os deuses».

Alexandre Dumas, pai, e Walter Scott eram romancistas que apreciava. Mas admirava sobretudo Balzac. Não o preocupava a mentalidade monárquico-conservadora do grande autor da «Comédia Humana». Lafargue, seu genro, revelou que Marx tencionava, mal terminasse as suas obras de economia, escrever um livro sobre Balzac.

Em Julho de 1869, quando arrumava alguns livros, descobriu as «Sentenças» de La Rochefoucauld. Escreveu então a Engels (27-7-69) e citou algumas dessas «belas frases». Como esta: «A compostura é um mistério do corpo, inventado para esconder os defeitos do espírito». E uma outra: «Os velhos gostam de dar bons conselhos para se consolarem de já não poderem dar maus exemplos.»

Um dia, Jenny e Laura, as duas filhas mais velhas, pediram-lhe que respondesse a um inquérito intitulado «confissão». Perguntaram-lhe, entre outras coisas, qual a qualidade que mais apreciava. «A simplicidade nas pessoas, a força nos homens, a fraqueza nas mulheres», disse. E o defeito? O servilismo. A divisa? Duvidar de tudo.

Marx era assim, também. Não se esgotou na «mais valia» nem viveu apenas à sombra da «luta de classes», eternas contribuições — convém não esquecê-lo — para a luta por uma sociedade melhor. Foi poeta, agitador, filósofo, historiador. Mas não só.

A Laura e Jenny disse, ainda, que a sua máxima preferência era: «nada do que é humano me é estranho.»

Marxismo, intelectuais, anedotas

Ernesto Sampaio

No grande Ocidente liberal, os proprietários da opinião pública concedem gentilmente que haja intelectuais marxistas, desde que não sejam leninistas nem militem em partidos comunistas. Bem hajam.

Porque não se pode ser comunista? Simples: por causa da Polónia, do Afeganistão, dos processos de Moscovo e do assassinato de Trotsky, da incompatibilidade do comunismo com uma perspectiva de sociedade pluralista e democrática, do congelamento e deformação do marxismo na versão estalinista, das contradições realidade-utopia, liberdade-autoridade, etc.

METENDO por agora entre parêntesis as críticas «metafísicas» ao marxismo, convirá lembrar aos anticomunistas a debilidade do processo utilizado, na medida em que, por exemplo, não ocorreria a ninguém negar aos cristãos o direito ao cristianismo por causa dos regimes que se reclamam da sua religião (Salazar, Franco e outros Pinochet) e de todos os crimes que foram cometidos em nome de Cristo.

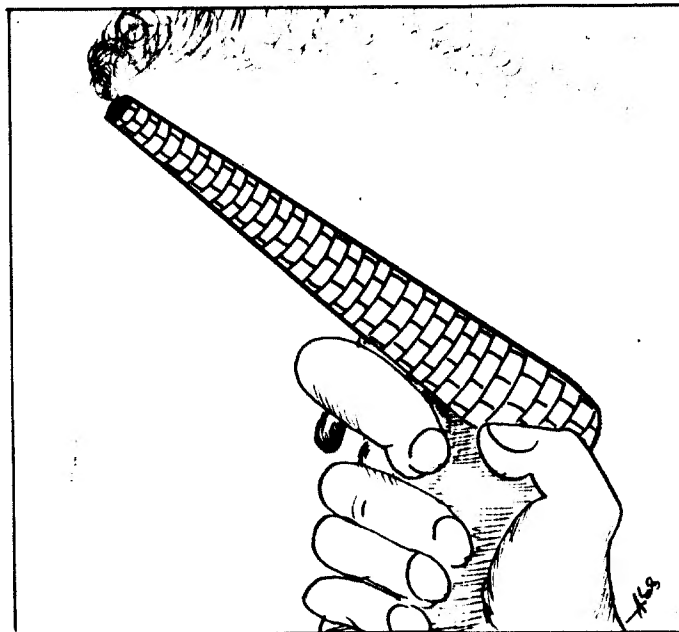
O terreno dos princípios é, com efeito, muito movediço. Ainda recentemente na televisão espanhola, num debate sobre marxismo

mo o sr. Bernard-Henry Levy referiu a existência de campos de concentração no Vietname, em Cuba e na União Soviética para provar que o marxismo conduz directamente às colónias penitenciais (em Espanha, onde até há pouco tempo os marxistas conheciam as prisões por dentro, isto foi tomado como «broma» de mau gosto). É caso para duvidar se o sr. Levy sabe realmente onde ficam o Vietname e Cuba. Situar estas nações na Europa ocidental, algures entre os Países Baixos e a Escandinávia?

O Vietname é um país colonial

subdesenvolvido, onde efectivamente triunfou um partido marxista, ao cabo de 30 anos de guerra contra os imperialismos francês e americano, que deixaram a região, já de si pobre, completamente destruída. No meio da ruína, da pobreza, da hostilidade das grandes potências, só um imbecil ou indivíduo sem qualquer assomo de honestidade intelectual, poderá exigir aos vietnamitas, no duro e difícil período de transição que atravessam uma democracia de estilo ocidental para o seu país. E será lícito exi-

Continua na pág. 4



Notas avulsas no centenário da morte de Karl Marx

1 - As utilizações de uma efeméride

O centenário da morte de Marx tem sido ocasião e pretexto de celebrações rituais, de triunfalismos incritos, de ajustes de contas. Tem acontecido que para piedosamente evocar a efeméride, se ataca rijamente o «marxismo» ou em relação à herança de Marx se detalham fissuras e distanciamientos.

E é ainda mais frequente zurzir o «marxismo» para atingir uma versão do «marxismo» que ganhou curso e teve baptismo nos anos 30: o «marxismo-leninismo». Da extensão e associação, Marx está, obviamente, inocente.

Mesmo quanto ao «marxismo», o grande trabalhador de ideias que foi Marx, deu-se ao trabalho de precisar que nalgumas leituras da sua obra não se reconhecia, que o liam para além e aquém do texto. É o que se deduz da carta que a Paul Lafargue teria escrito e que conhecemos pela referência de Engels: «o que é certo, é que eu não sou marxista» (Carta de F. Engels a E. Bernstein, 2-3 Nov., 1882).

Frase que não autoriza, como é bem de ver, qualquer ideia de renúncia ao que pensou e escreveu. Que somente inculca a demarcar de uma diferença entre a obra — que com Friedrich Engels foi intimamente partilhada — e os leitores e seguidores da doutrina.

O centenário da morte de Marx poderá ser o pretexto para uma revisão crítica do «marxismo», mas não deverá dar ocasião a demonstrações de ignorância do «marxismo» e à divulgação das críticas mais superficiais. Lamentável é que se sacrifique à moda do «antimarxismo».

2 - Um método que não pode ser ignorado

Este pensador não limitou o objecto de seus estudos e trabalhos ao propósito de interpretar o mundo, entendeu que era necessário

KARL MARX



Rosto da 1.ª edição da tradução francesa de O Capital, editada por Maurice Lachatre, de Paris. Foi esta edição que se vendeu em Lisboa, na Livraria Internacional, da Rua do Arsenal

transformá-lo. A sua filosofia é uma metodologia da iniciativa histórica.

Há anos, num livro publicado em hora incerta, escolarmente, mas não escolasticamente, demos o resumo da criação do método segundo a descrição que nos deixou o próprio Marx: «O primeiro trabalho que realizei para resolver as dúvidas que me assaltavam foi uma revisão crítica da *Filosofia do Direito*, de Hegel (...) As minhas investigações conduziram à conclusão de que as relações jurídicas — assim como as formas do Estado — não podiam ser compreendidas nem em si, nem pela chamada evolução geral do espírito humano, mas que, inversamente, tinham as suas raízes nas condições materiais da existência, que Hegel, a exemplo dos ingleses e dos franceses do século XVIII, engloba no conjunto sob a designação de «sociedade civil», e que a anatomia da sociedade civil deve ser procurada na economia política (...) O resultado geral ao qual cheguei, e que, uma vez atingido, me serviu de fio condutor nos meus estudos

pode resumidamente formular-se do seguinte modo: na redução social da sua existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um dado grau de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção constitui a estrutura jurídica e política, à qual correspondem formas de consciência social determinadas. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; é, inversamente, o seu ser social que determina a sua consciência. Num certo estágio de desenvolvimento as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes, ou, o que não é senão a sua expressão jurídica, com as relações de propriedade no meio das quais até então tinham evoluído. De formas de desenvolvimento das forças produtivas que eram, estas relações tornam-se obstáculos ao seu desenvolvimento. Então inicia-se uma época de revolução social. A mudança na base económica transforma, mais ou menos lentamente, toda a enorme superestrutura. Quando se consideram tais transformações, é necessário distinguir sempre entre a transformação material das condições de produção económica — que se pode verificar fielmente com a ajuda das ciências da natureza — e as formas jurídicas, políticas, religiosas, artísticas e filosóficas, em suma, as formas ideológicas sob as quais os homens adquirem consciência deste conflito e que o levam às últimas consequências. Do mesmo modo que não se julga um indivíduo pela ideia que ele faz de si próprio, não se pode igualmente julgar uma tal época de transformação pela sua própria consciência: é necessário, ao invés, explicar essa consciência pelas contradi-

ções da vida material, pelo conflito que existe entre as forças produtivas sociais e as relações de produção...

Deste modo, Marx poderá dizer: «O meu método dialéctico não é somente diferente pelos seus fundamentos do método hegeliano; é directamente o contrário...»

Os estudiosos das Ciências Sociais — os historiadores, os sociólogos, os economistas — não podem alhear-se desta metodologia no trabalho científico.

Outra é a liberdade dos literatos, outro será o desembaraço dos políticos. Destes, em nome da actualização do socialismo, não são raros os que eliminam o «marxismo» dos seus programas partidários, por razões meramente conjunturais.

3 - Marx leitor de Rebelo da Silva

Mas não queremos ir por aí. Não são as flutuações socialistas — e o consequente empobrecimento da análise estrutural do sistema económico e dos seus mecanismos — que nos propomos focar nestas notas rapidíssimas, ao correr da pena. Queríamos comentar, ligeiramente embora, a ligeireza com que se fala de um tema que carece investigação mais repousada: «Marx e Portugal».

Que Marx, na sua infatigável diligência de estudioso dos problemas económicos, se interessou por obter informação e documentação sobre Portugal, é facto incontestável. Na revista «Economia e Socialismo» (n.º 54) publicámos umas breves páginas sobre o tema. Que foi leitor da «Memória sobre a População e a Agricultura», de Luís Augusto Rebelo da Silva, não restam dúvidas. Que liço o 1.º volume (e único publicado) da «Memória» pretendeu ter acesso à continuação do estudo, é o que se conclui da leitura de uma carta de Nobre França a Karl Marx: «O segundo volume de *Memória sobre a População e a Agricultura de Portugal* — não se publicou, nem provavelmente se publicará, por ter falecido o membro mais activo e prestidado da Comissão, Rebelo da Silva. Servir-vos-á algum dos documentos citados na *Memória* publicados?»

Não conhecemos a resposta de Marx, sabemos que Nobre França lhe falou dos «Relatórios dos governadores civis». A correspondência de Marx para Nobre França ainda não foi encontrada. Há, de resto, a versão de que o destinatário português a terá destruído. E há a convicção de que na desordem de alguns arquivos e nas surpresas de alguns espólios, não esteja excluída a possibilidade de curiosas revelações. Não é esse o caso do artigo de Alberto Pedroso?

4 - O «Capital» em Lisboa

Não abordaremos hoje o problema interessante, e que tantas decepções tem causado, da influência ideológica directa da obra de Karl Marx no pensamento político e filosófico português. Nas 13 cartas de Portugal para Engels e Marx, dadas à estampa por César Oliveira, depara-se-nos o agradecimento de Nobre França, ao «Ilustre cidadão Marx», fazendo referência a «os dois exemplares do *Capital*, que tivestes a bondade de nos oferecer por intermédio de M. Engels, um dos quais contém uma dedicatória dirigida a mim. Agora, pois, ainda agora agradeço a oferta: a vossa bondade me desculpará de o não ter feito há mais



Retrato de Karl Marx, em Margate, em Março de 1866. Em plena fase de actividade na AIT

tempo. Pena é que o vosso livro não existisse há mais tempo para os outros povos, como para o alemão...

E, seguidamente, explica-se quanto a esta valorização da primeira tradução francesa da obra fundamental de Marx: «... Para nós vem a tempo, porque desde o nosso movimento em Portugal, o comunismo de Proudhon derramava-se pela mocidade literária...»

Tinha razão Nobre França quanto à repercussão entre nós, nos meios intelectuais e no movimento operário, das doutrinas de Proudhon. Se o *Capital* teria sido um antídoto, essa é outra questão. O exame das referências em obras de direito, economia, sociologia, ou escritos políticos, não leva a que se estabeleça uma influência vasta e menos ainda profunda. Mas na sucessão dos programas do Partido Socialista é uma referência ideológica positiva e negativa constante. Omissa a citação da autoridade, presente a inspiração nas linhas mestras: a classe, a luta de classes, o partido de classe. Presente o lema; permanente a vontade da ligação à Internacional.

E sabendo-se, como se sabe, que em Lisboa, além dos volumes que nos chegaram por oferta, se venderam mais de uma centena (130?, 150?) exemplares da 1.ª edição da tradução francesa de O *Capital*, não esquecendo os leitores do resumo «do consciencioso e sem sabor Block», a que Antero se refere numa carta a Oliveira Martins, perguntar-se-á: onde estão esses leitores de Marx?

Os volumes estiveram e desapareciam nas livrarias, veja-se a carta de Antero. Venderam-se, às dezenas, na Livraria Internacional, na Rua do Arsenal, de que era proprietário Carrilho Videira. A loja — segundo Nobre França — tinha «fama de revolucionária, de internacionalista».

Ter-se-ão vendido 100, ou 130, ou 150 exemplares? Não podemos afirmar. Mas é este o número que se deduz da documentação publicada: Carta de Nobre França a Engels: nota do Arquivo I.I.S.G. de Amsterdão. E é um número surpreendente, enorme. Na 1.ª edição alemã de

O *Capital*, a tiragem do 1.º volume tinha sido de 1000 exemplares.

5 - A popularidade de Karl Marx no meio operário de Lisboa

Há que levar mais longe, há que aprofundar — pesquisando pacientemente como fez Alberto Pedroso — a repercussão da obra de Marx e de Engels em Portugal, não só inventariando as referências expressas, como detectando a inspiração profunda. Que algum «socialismo» se faz à margem de Marx, ou no seu conhecimento superficialíssimo, sabemos, mas o problema é, evidentemente, mais complexo, e das alusões por via da polémica com Proudhon, ou das guerras com Bakunine, não podemos saltar, queimando etapas, para a anotação reverente de Sampaio Bruno a propósito de O *Capital*: «livro fundamental, destes que ilustram período».

O escol intelectual — literatos pensantes e divagantes, univesitários aplicados — não revela no décimo nono século uma grande influência de Marx, sequer a escolar frequência da doutrina. E o povo? E a massa operária?

Da Associação Internacional dos Trabalhadores (A.I.T.), cujo «Apelo inaugural» terá circulado em versão portuguesa, fluiu uma presença emblemática do «Ilustre Cidadão Marx». E que o autor de O *Capital* era conhecido em Portugal, ou pelo menos na cidade de Lisboa, que gozava de prestígio, que o seu nome era popular no meio operário, nenhum testemunho será mais expressivo que a carta que lhe endereçou José Fontana e que, a seguir, transcrevemos:

Caro companheiro e Senhor Karl Marx:

A nossa associação em Lisboa vai dar um sarau socialista para ajudar dois companheiros nossos perseguidos pelos industriais e governo por causa da greve do ano passado na classe dos manipuladores de tabacos.

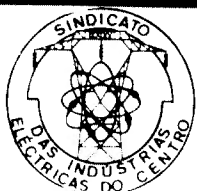
Este espectáculo ou sarau deve ser nos meados de Fevereiro de 1874.

Fernando Piteira Santos

Continua na pág. 9



Laura Marx Lafargue e Paul Lafargue, a filha e o genro de Karl Marx, que estiveram em Lisboa no Verão de 1872



SINDICATO DAS INDÚSTRIAS ELÉCTRICAS DO CENTRO Assembleia Geral Ordinária CONVOCATÓRIA

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL, NOS TERMOS DAS ALÍNEAS B) E C) DO ARTIGO 31.º DOS ESTATUTOS, CONVOCA TODOS OS ASSOCIADOS DESTES SINDICATO PARA UMA ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA, A REALIZAR NO DIA 19 DE MARÇO DE 1983, PELAS 10.00 HORAS, NA SEDE DO SINDICATO COM A SEGUINTE ORDEM DE TRABALHOS:

1. — APRECIAR E DELIBERAR SOBRE O ORÇAMENTO PARA 1983, PROPOSTO PELA DIRECÇÃO.
2. — APRECIAR E DELIBERAR SOBRE O RELATÓRIO E CONTAS DE 1982.

COIMBRA, 28 DE FEVEREIRO DE 1983.

PEL'A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

José Luís Pascoal Soares
Carlos José Fernandes dos Santos
Maria Isolete da Silva Veiros
Abel Pedro de Carvalho

4 NOVOS LIVROS DA coleção SABER



BUDISMO

Henri Arvon

A génese e o aspecto temporal e evolucionista duma religião que tem desempenhado um importante papel na história do Extremo Oriente.

A ECONOMIA DA EMPRESA

Pierre Franck

Existe uma tão grande relação entre a economia e a empresa que é inconcebível ter ideias precisas sobre uma sem possuir bons conhecimentos sobre a outra.



PASTEUR e o micróbio

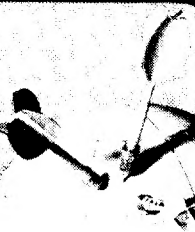
Albert Delaunay

A influência do génio de Pasteur no desenvolvimento da Microbiologia médica.

O IMPERIALISMO

Philippe Braillard
Pierre de Senarclens

Este livro oferece motivos de reflexão para a compreensão do conceito de imperialismo, termo quase sempre utilizado com objectivos políticos.



E, de novo, o livro de J. MARTINS LAMPREIA



4.ª edição
18.000
exemplares

Envie-me, contra reembolso, os livros assinalados com x:

O BUDISMO (225\$) PASTEUR E OS MICRÓBIOS (215\$)
A ECONOMIA DA EMPRESA (225\$) O IMPERIALISMO (225\$)
TECNICAS DE COMUNICAÇÃO (215\$)

NOME

PROFISSÃO

MORADA

COD. POSTAL

LOCALIDADE

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
Apartado 8 — 2726 MEM MARTINS CODEX

Uma edição ignorada do Manifesto

Continuação da pág. 2

prensa portuguesa, prosseguindo assim:

Folhetos — O que é a Internacional, pelo dr. Anthero de Quental, Lisboa, 1872; **«As Cooperativas»**, por José Fontana, Lisboa, 1873; **«Manifesto Inaugural da Internacional»**, Lisboa, 1872; **«Manifesto do Partido Comunista»**, Lisboa, 1873; **«Resumo Oficial das Actas do Primeiro Congresso português»**, Lisboa, 1877.

O artigo continua, mas o restante já não vem agora ao caso. O importante a reter foi para nós a notícia da existência do **Manifesto** em edição própria ou, talvez, como separata de **O Pensamento Social** — um folheto cujo aparecimento sem dúvida terá feito empalidecer ainda mais os rostos dos Ávilas e Bolamas que se sucederam nas cadeiras do Poder.

Agradavelmente surpreendidos com tão inesperada revelação logo de seguida procuramos encontrar o precioso folheto, o qual, a nosso ver, constitui a primeira edição em brochura do **Manifesto** publicada em Portugal — muito embora não traduzida directamente do original alemão ou de qualquer uma das edições revistas pessoalmente por Engels. Para tanto ter-se-ia de aguardar mais de um século (muito contribuindo para tão longa espera o fascismo, que durante quase 50 anos devastou o nosso país), pelo esforço de V. Magalhães-Vilhena e de Álvaro Pina (12).

Em vão o procuramos, porém. Em nenhuma parte conseguimos encontrar até agora o ignorado folheto — nem mesmo nos fundos da Biblioteca Nacional de Lisboa, nem sequer, como chegamos a acreditar, nos ricos mas inexplorados espólios existentes na biblioteca de **A Voz do Operário**.

De qualquer modo, não duvidamos que a edição foi feita. O folheto existiu. A notícia aqui fica.

(1) V. Magalhães-Vilhena, in *Ao Leitor*, «Manifesto...» Lisboa, Ed. Avante!, 1975, p. 17

(2) idem, p. 16

(3) id., p. 21

(4) in *O Pensamento Social*, n.º 51, p. 1

(5) n.º 92 (Maio de 1877), p. 2

(6) A partir de 1872 passou a ser designado também desta forma abreviada.

(7) Alfredo Margarido, in «A introdução do marxismo em Portugal», Guimarães Editores, Lx, 1975, p. 55. Este autor dirá ainda (nota 89 do citado livro) que a última edição antes da de 1967, lançada pelas Ed. Avante! (clandestina), fora a publicada no Eco Socialista em 1982. A afirmação é incorrecta, uma vez que em 1931, terá saído uma outra edição, por iniciativa das Edições Moutinho, do Porto.

(8) A publicação teve início em 1886 e não 1887 como indica A. Margarido.

(9) comentando a 1.ª versão portuguesa, V.M. Vilhena refere que ela foi publicada **ignorando-se quem a traduzira**.

(10) tipógrafo, dirigente da 1.ª Internacional em Espanha, amigo e companheiro de Lafargue.

(11) Maio de 1877, p. 2

(12) Edição de Julho de 1975 das Ed. Avante!

Opinião de José Manuel Tengarrinha (MDP/CDE)

Direita está derrotada

O presidente do MDP/CDE José Manuel Tengarrinha afirma «a AD já não existe e a direita está à partida derrotada». Tengarrinha falava no final das reuniões interdistritais do MDP/CDE que decorreram no fim-de-semana nas principais capitais de distrito do País (Lisboa, Porto, Coimbra e Beja) para a «decisão sobre a estratégia eleitoral do partido», em que participaram centenas de militantes do continente.

Ao focar a estratégia aprovada, que assenta em cinco direcções principais, o dirigente do MDP/CDE aludiu à «responsabilização do PSD e do CDS pela gravíssima situação em que o país se encontra».

«Como facto novo dos últimos anos da nossa situação política» — disse — «a direita está profundamente dividida, sem projecto coordenado, não apresentando qualquer credibilidade para governar o país».

Ao apontar «a inviabilidade do bloco central», sublinhou que «coligações governativas entre o PS e o PSD, envolvendo até o CDS, não conduziram a uma mudança, mas ao prolongamento da crise, permitindo, no fundamental, a continuação da mesma política».

Sobre a questão «o PS não é alternativa à direita», Tengarrinha explicou este ponto contido na estratégia eleitoral do MDP/CDE, sustentando que, «ainda recentemente, ao anunciar em conferência de imprensa os traços fundamentais da sua política económica, bem como quando foi Governador, nota-se que a orientação socialista não é muito diferente da AD».



«Privilegia medidas de natureza conjuntural em vez de fundamentalmente atacar os problemas estruturais da nossa economia» — disse Tengarrinha, concluindo que, «como o PS promete, irá agravar-se a vida dos portugueses sem uma perspectiva de melhoria a médio prazo».

Ao focar outro dos pontos da estratégia «só a APU garante a alternativa e a mudança», aquele dirigente salientou «a estabilidade da Aliança Povo Unido em contraste com o falhanço das outras coligações e as convulsões internas nos outros partidos».

Salientou também «a coerência da APU na defesa da democracia e a sua eficácia demonstrada nos governos das autarquias», sublinhando que «só esta coligação garante uma alternativa por estar em condições de impedir uma política de direita e permitir um Governo democrático, estabilidade social e eficácia política».

Ao falar do último ponto da estratégia eleitoral do MDP/CDE, «alargar a imagem da APU através da intervenção do MDP/CDE», Tengarrinha disse que o seu partido «desenvolverá durante a campanha iniciativas próprias e apresentará propostas concretas, tanto a nível global como sectorial, para ultrapassar a crise».

O MDP, ao contrário do que acontecerá com a ASDI e a UEDS, que concorrem como independentes nas listas do PS, formará um dos cinco grupos parlamentares da próxima Assembleia da República — notou.

Acrescentou ainda que «ao contrário daquelas formações, o MDP/CDE não estabeleceu nenhum estatuto de dependência parlamentar, tendo total autonomia na sua actuação na Assembleia da República».

Marxismo, intelectuais, anedotas

Continuação da pág. 2

gi-la a Cuba, cuja realidade seria hoje bem diferente se não fosse o longo bloqueio americano?

Quanto à União Soviética, rasura-se ou ignora-se a complexidade e a dificuldade da situação histórica que os marxistas russos tiveram de enfrentar: tomar o poder e tentar construir uma sociedade mais justa, embora não estivessem maduras as condições económicas e culturais do país para fazer o socialismo, ou deixar escapar essa oportunidade histórica? Tomaram o poder e aconteceu que, antes de construir o socialismo, viram-se obrigados a realizar a acumulação que nos países capitalistas fora feita com métodos duríssimos e gravosos para a imensa maioria das populações. Desse período de «capitalismo de Estado», Lenine frisou claramente que não era nem podia ser ainda o socialismo, mas uma fase necessária de criação de meios para o realizar, num país atrasado e carecido de tudo, devastado por uma impiedosa guerra civil, agredido pelos intervencionistas estrangeiros e isolado do mundo pelo «cordão sanitário» de Poincaré.

O sr. Levy é um filósofo liru que não merece esta cera, mas serve perfeitamente como exemplo rematado do intelectual que conhece grandes frustrações com o marxismo e passa o resto da vida a falar sozinho da liberdade, como se isso de algum modo lhe fizesse pele nova e apagasse o passado. Que se há-de fazer? Alguns intelectuais são assim: oscilantes entre uma frieza, um ceticismo de anciãos e entusiasmos repentinos de crianças.

A coisa não teria importância se na colónia portuguesa grande parte das modas não continuassem a ser importadas de França, onde o acesso aos «media», editores, mundo do espectáculo, fama, carcanhóis, passa sempre pela negação radical do temismo como modelo viável para a construção de uma democracia socialista plena e pela afirmação da sua absoluta incompatibilidade

de com aquilo a que chamam «o marxismo de Marx».

Para este jardim não se fanar na monotonia, a velha e inepta tropa anarquial continua garbosamente a cumprir o seu papel de amortecedor ou válvula de escape da sociedade dos «bem pensantes», que no fundo se limitam a reactivar a quase centenária polémica sobre a oposição essencial entre as formas «conselhistas» (soviéticas) da democracia efectiva dos trabalhadores e as formas representativas ou delegadas da democracia burguesa. Tomando pela essência do modelo o que não é mais do que simples variação ou desvio da sua representação teórica motivado por determinada realidade sociopolítica, os ideólogos burgueses do «consenso», da «igualdade de oportunidades» declaram o sovietismo fatalmente curto-circuitado por um sistema de aparelhos (militares, económicos, administrativos, jurídicos, etc.) que em vez de contribuir para a extinção do Estado, antes o consolidam e perpetuam. Sem recesse a pena, seria fácil demonstrar que o que se passa com a democracia burguesa é pior: proporciona sempre mais votos a quem tem mais poder.

Da rejeição do leninismo à negação da luta de classes, isto é, da estruturação das sociedades por relações de domínio, privilégios e discriminações, o passo é curto: basta rejeitar a seguir o papel medular da **mais-valia** nas divisões classistas da sociedade capitalista, isto é, mesmo aceitando a existência de um conflito de classes, basta procurar-lhe as causas, não na propriedade privada dos meios de produção, mas numa «desigual distribuição de autoridade» entre grupos de interesse que pugnam entre si para preservar ou modificar o «statu quo», segundo a visão reformista das coisas.

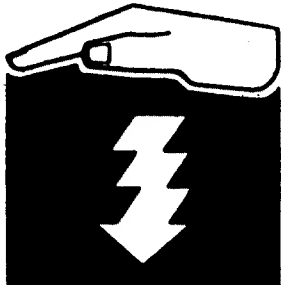
Com efeito, utilizando critérios puramente económicos, surgiram nas colónias europeias do grande império americano, le-

giões de sociólogos cujo principal escopo é a elaboração de amplas escalas de estratificação social que **esfumam todos os antagonismos: classes alta, média e baixa**, segundo o nível de ganhos dos indivíduos, ulteriormente repartidas numa infinidade de subdivisões que retiram virulência ao conjunto social. Simultaneamente, a categoria de classe média é alargada até incluir médicos com clínica privada e operários da Linave.

Caricaturas, ninharias destinadas a operar exclusivamente ao nível ideológico nas cachimónias da população, já de si tão fraguinhadas com os tratos a que a TV as submete. Anedotas como a daquele pândego que decretou a abolição da luta de classes ou daquele outro (professor universitário, este!) que supõe o marxismo uma máquina para tomar e conservar o poder.

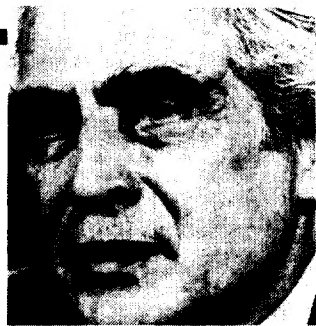
«O que isola os comunistas portugueses», dizem as vozes autorizadas, «não é o seu marxismo, mas o seu leninismo». E vá de apontar os exemplos «euro» do PCE e do PCI. «Se ao menos fossem como esses...». Pois é: os espanhóis andaram 30 anos a preparar o derrube do fascismo através de uma greve geral pacífica à Lewis Carroll (tocava-se uma cometa, o país parava e Franco caía); os italianos, num país a cair aos bocados (como o nosso, aliás) enchem páginas e páginas das suas publicações teóricas a interrogar-se se afinal não seria Nietzsche quem tinha razão.

Claro, um comunismo assim é que convinha aqui, perfeitamente incapaz de ir além das manifestações exteriores e do fluir contingente dos acontecimentos, de pôr a nu as raízes daquela corrupção e profunda degenerescência da sociedade portuguesa que o fascismo operou, cujas sequelas, na sua corrida para a catástrofe, ainda hoje se fazem sentir intensamente nesta terra que é a Pátria de nós todos e não a propriedade ou o jardim de uns poucos.



POUPE ELECTRICIDADE

entrevista

Álvaro
CunhalAs críticas que fazemos ao PS
são políticas

«As críticas que o PCP faz à direcção do PS são críticas políticas — respondeu, em entrevista ao «DL», o líder do PCP, Álvaro Cunhal, que acrescenta desenvolver o PS, pelo contrário, «uma sistemática e violentíssima campanha contra o PCP, não na base de uma análise política, mas de calúnias e dos insultos mais primários». O lema eleitoral «Só com o PCP no Governo é possível a saída da crise»; a proposta de Mota Amaral de um encontro de todos os partidos, o alegado «tecto eleitoral da APU, a composição das suas listas, armas nucleares em Portugal e Soares candidato a Belém, são outros dos temas da entrevista.

Razões de «agenda sobrecarregada» impediram a conversa ao vivo (eventualmente mais interessante) com o secretário-geral do PCP. Foi pena. Mandámos as perguntas, vieram as respostas. Aqui ficam, uma e outras, com subtítulos da nossa responsabilidade.

E. A.

«DL» — O grande lema da campanha eleitoral do PCP, no âmbito da APU, vai ser, como é sabido, «Só com o PCP no Governo é possível a saída da crise».

Atendendo à previsível política de alianças de um futuro Executivo liderado pelo PS, não será esse lema enganador ou susceptível de correr o risco de fracasso como, de algum modo, ocorreu com a antiga ideia da «maioria de esquerda»? Ou será que se trata de um «slogan» essencialmente eleitoral?

AC — «O PCP no Governo» não é «slogan» eleitoral mas uma proposta ao povo português, ou seja, em véspera de eleições, ao eleitorado. Os outros partidos já mostraram que não só são completamente incapazes de resolver os problemas nacionais, como os têm seriamente agravado. A política, que tanto o PSD e o CDS como o PS propõem, continuará as linhas fundamentais da política de restauração monopolista que tem sido seguida nos últimos anos e que conduziu o País à beira do desastre. O PCP propõe ao povo uma nova política. Indica as medidas necessárias para sair da crise e assegurar o desenvolvimento económico, o bem-estar material e cultural do povo, o regime democrático e a independência nacional. Afirma, com base sólida, que para a solução dos problemas nacionais, a participação do PCP é não só necessária como indispensável. Falamos ao povo português. A resposta será o povo a dá-la.

Dependência
«não é fatalidade»

«DL» — Admitindo a possibilidade de um Governo com a participação de comunistas, até que ponto teria esse Executivo possibilidades de êxito, nomeadamente para a saída da crise, dada a nossa extrema dependência face ao sistema económico-financeiro do mundo capitalista, aos empréstimos do FMI, Banco Mundial, etc.?

AC — Sem dúvida que a política seguida nos últimos anos por sucessivos governos (desde o Governo do PS sozinho até aos governos da AD) criou para Portugal fortes laços de dependência económica e financeira. Mas a dependência não é uma fatalidade, antes é um facto inaceitável que uma política nacional e patriótica tem que corajosamente alijar. O secretário-geral do PS, na sua conferência de imprensa de 8.3.83, insiste na fatalidade de uma política de dependência e desastre nacional.

O que propõe é a continuação dos aspectos fundamentais da política da AD: continuação da produção, subida de preços, inflação, liquidação de benefícios sociais, desvalorização do escudo, aumento da taxa de desemprego, subida da taxa de juro, falências, corte nos investimentos públicos, abandono de projectos nacionais e, natural-



mente, novos empréstimos em condições gravosas, admitindo à partida (e é quase inconcebível que o proclame) a desvalorização do escudo e a venda das reservas de ouro! Tal política está gasta, não resolve nada, só pode agravar a situação. O PCP (ver «Proclamação eleitoral» aprovada na recente Conferência Nacional) propõe ao País uma política capaz de assegurar a saída da crise. Completamente ao contrário daqueles que se submetem às condições do FMI, o que se impõe é a mobilização dos recursos e energias nacionais, o impulso aos projectos de interesse nacional, o aumento da produção, a dinamização de todos os sectores da economia, o embaratecimento do crédito, o alargamento do mercado interno.

Não é a dependência que deve determinar a política nacional. Uma política nacional tem o dever de se propor assegurar a independência.

«DL» — Embora sem considerar o PS «inimigo principal», as intervenções já feitas e a própria proclamação eleitoral do PCP apontam para críticas cerradas e sistemáticas àquele partido. Pensa que isso beneficiará eleitoralmente a APU? Em caso afirmativo não julga que esse facto afastará ainda mais a possibilidade de entendimento entre o PS e o PCP, reclamado insistentemente pelos comunistas?

AC — O «inimigo principal» do PCP é manifestamente a reacção e, no concreto, a «AD» e os partidos que a compunham. O que nós mais criticamos na direcção

do PS é precisamente não combater o «inimigo principal» mas aliar-se com ele e propor ao país uma política que não se distingue em aspectos essenciais da política da «AD». Esta crítica é essencial para a compreensão da situação política, das posições dos vários partidos e das perspectivas que realmente oferecem e para que cada eleitor possa dedicar com consciência qual é o voto necessário para assegurar uma alternativa democrática.

Gostariamos também de sublinhar que as críticas que o PCP faz à direcção do PS são críticas políticas, ao passo que o PS desenvolve uma sistemática e violentíssima campanha contra o PCP, não na base de uma análise política, mas de calúnias e dos insultos mais primários.

As nossas críticas à direcção do PS não só não contrariam a nossa insistência do entendimento de comunistas e socialistas, como são uma contribuição para que esse entendimento venha a verificar-se.

«DL» — Os elementos do ex-Secretariado do PS têm, de uma maneira ou doutra, defendido, ao contrário da direcção do partido, o diálogo com os comunistas. Afastada essa componente do PS da bancada parlamentar e carecida ainda de meios efectivos no aparelho partidário, não serão ainda mais longínquas as possibilidades de um futuro entendimento entre socialistas e comunistas?

AC — O afastamento dos elementos do ex-Secretariado das listas do PS e das bancadas da Assembleia da República aumenta o número dos deputados soa-

ristas. Mas traduz a existência de uma forte corrente democrática no PS, oposta à aliança com a reacção que a direcção do PS terá de ter em conta se não quiser isolar-se progressivamente e criar novos factores propícios à alteração do quadro partidário actualmente existente. Um futuro entendimento entre socialistas e comunistas é violentamente rejeitado por Mário Soares. Mas aquilo que M. Soares não quer poderá vir a ser uma realidade na medida em que o queira uma corrente democrática e socialista suficientemente forte.

Novos partidos?

«DL» — O PCP tem vindo a considerar a existência de condições políticas e sociais para o surgimento de uma ou mais forças no espaço partidário português. Dada a actual situação, nomeadamente o estrangalhamento da AD e a apreçoada possibilidade de êxito eleitoral do PS, cre que essas condições são ainda favoráveis?

AC — As crises profundas no PSD, CDS e PS dão novas comprovações de que os partidos existentes estão longe de responder satisfatoriamente às opções políticas dos portugueses.

Uma parte dos desiludidos com o PSD, CDS e PS poderão vir até nós. Outros certamente não. Continuar por isso não só a existir, como a alargar-se, o campo social e político vazio de que tantas vezes temos falado. Continuam a existir condições objectivas para o aparecimento de novos partidos e movimentos.

A percentagem relativamente baixa de abstenções nas últimas eleições autárquicas e aquela que se pode vir a verificar nas próximas eleições não altera esta nossa apreciação. Os portugueses conquistaram com o 25 de Abril o direito de voto. Habituar-se (e é muito positivo) a exercê-lo. Votam nos partidos que existem. Poderão vir a votar noutros que se criem.

Quanto à atitude do Presidente da República face a novos partidos, não estamos em condições de prever qual será. Não vemos que um Presidente da República (enquanto o for) possa tornar-se chefe de um partido. Mas admitimos como natural que um partido possa apoiar um Presidente da República.

«DL» — Que pensa da proposta de Mota Amaral de um encontro entre as principais forças partidárias, sob a égide do Presidente da República, para debate dos problemas nacionais?

AC — No sistema político e na vida política portuguesa as principais forças partidárias têm numerosas ocasiões de examinar, debater ou discutir os problemas nacionais. Fazem-no na Assembleia da República. Fazem-no com sigilo no Conselho de Estado onde todos estão representados. Podem também fazê-lo em público em debates nos meios de Comunicação social, como sucederá no dia 31 do mês corrente na RTP, no qual, pela nossa parte, concordamos em participar. Se o Presidente da República tomasse a iniciativa de chamar em conjunto os dirigentes dos principais partidos para que lhe expusessem as medidas que propõem para a saída da crise e a solução dos problemas nacionais e pudessem com o Presidente da República debater também em conjunto as medidas propostas, certamente veríamos tal iniciativa de forma favorável. Se é essa a proposta de Mota Amaral, parece-nos uma proposta de interesse.

RFA e França:
«desgaste do poder»

«DL» — Os resultados das eleições locais em França e das legislativas na RFA que se traduziram num recuo das forças mais progressistas, não poderão vir a influenciar as eleições portuguesas? E como aprecia, no contexto europeu, e mesmo internacional, esses resultados?

AC — Esses resultados reflectem fenómenos eleitorais já clássicos em países onde se alternam no poder formações que, pela sua política, se mostram incapazes de resolver os problemas nacionais. É por isso que se fala no «desgaste do poder». Agora, na RFA e na França, coube particularmente à social-democracia e aos socialistas pagarem eleitoralmente um tal «desgaste». Trata-se entretanto de uma guinada à direita que não tem certamente consequências positivas na vida internacional.

Quanto à possível influência nas eleições portuguesas, pensamos que não será grande. Tais resultados não chegam para que o PSD e o CDS recobrem ânimo. E para o PS diminuem-no um pouco. O Congresso da Internacional Socialista que, em período eleitoral, o PS promove em Portugal, perde um bom bocado do vento eleitoralista com que lhe estavam a enfunar as velas.

«DL» — Acredita que o alegado «tecto eleitoral» da APU, de 20-21 por cento poderá ser «furado» nestas próximas eleições? Que factores o levam, em caso afirmativo, a admitir esse «furo»?

AC — A APU não tem qualquer «tecto eleitoral». Os nossos adversários têm ao longo dos anos afirmado que a APU e o PCP, tem «tectos eleitorais» inultrapassáveis. Dirigentes de outros partidos, nas suas campanhas eleitoralistas, afirmavam que o «tecto» era de 15%, ou de 12%, ou de 8% e mesmo de 6% (Mário Soares, sic!).

Afinal, nas últimas eleições autárquicas, a APU atingiu 21,0%. Pode naturalmente subir mais. A receptividade às nossas posições e a afluência às nossas iniciativas parecem prenunciá-lo.

Gestão autárquica
é «mais unitária»

«DL» — Dos candidatos das listas da APU, 249 são do PCP, 40 do MDP, 55 são independentes e 4 pertencem ao partido «Os Verdes». Comparada aos cerca de 50 por cento de independentes nas listas da APU nas recentes eleições autárquicas, como interpretar esta desproporção face às legislativas de 25 de Abril?

AC — A gestão autárquica tem por sua própria natureza no regime democrático português, um carácter profundamente unitário. A intervenção dos deputados na Assembleia da República, por força também do papel que no regime democrático português têm os partidos políticos, tem um carácter essencialmente partidário. É pois compreensível que a percentagem de independentes fosse extraordinariamente mais elevada nas listas da APU para os órgãos autárquicos (sobretudo para as Assembleias Municipais e de Freguesia) que nas listas para a Assembleia da República, na qual a representação fundamental é partidária.

«DL» — Na sua intervenção na Conferência Nacional do passado dia 5, Carlos Brito considerou que apenas 51 mulheres nas listas da APU é um número «muito aquém do papel desempenhado pelas mulheres na nossa coligação e a atenção que esta dedica aos problemas femininos». Como explica esta limitação do número de mulheres nas listas?

AC — Talvez desatenção no exame global das listas distritais. Entretanto é de sublinhar que, se nas listas da APU figuram apenas 15% de mulheres, no Grupo Parlamentar do PCP essa percentagem poderá subir a 20% ou mais.

«DL» — Vê perspectivas de maior isenção, durante a campanha dos principais órgãos de informação, designadamente da RTP e da RDP?

AC — Por vezes, aqui e além, aparecem factores que parecem indicar uma maior abertura. Mas no geral, a desinformação, a calúnia mal disfarçada, a instrumentalização pelos partidos do governo da comunicação social estatizada designadamente da RTP para fins eleitoralistas continua a ser um escândalo e uma violação sistemática das regras democráticas. O anticomunismo, pelas afirmações e pelas omissões, continua a ser uma linha mestra da orientação de programas. Insistimos em reclamar contra a manipulação feita pelo governo e para que os princípios democráticos e em particular a igualdade de direitos sejam observados.

«DL» — Numa intervenção em Castelo Branco, falou da existência de armas nucleares nos Açores, na Base das Lajes. Há, entretanto, a ameaça de instalação de outras armas nucleares em terri-

Continua na pág. 7

Setúbal

APU quer ultrapassar 200 mil votos

PS em busca do eleitorado perdido

Se há distritos onde a APU se mostre particularmente tranquila, um deles é Setúbal, onde a sua hegemonia em relação às demais forças políticas se tem vindo a acentuar de eleição para eleição. Apenas em 1980 houve uma pequena baixa que parece ter resultado de um fenómeno de voto útil no PS. Esta oscilação não teve no entanto grandes incidências na leitura eleitoral do distrito.

Em Dezembro de 1982, para as eleições autárquicas, a APU obtinha a sua maior votação de sempre naquele distrito, atingindo uma contagem de 193 123 votos, contra 179 030 obtidos nas legislativas de 1980. Passava assim a deter 53 por cento do eleitorado, e a maioria absoluta num distrito que concentra uma grande parte das maiores empresas do sector público, abrange já uma significativa área da zona de intervenção da Reforma Agrária e inclui aglomerados populacionais que funcionam como dormitórios de Lisboa.

Trata-se, pois, de um distrito que engloba, além de outros, todos os substratos das camadas trabalhadoras.

São por outro lado números consolidados e suficientemente indicativos de uma inserção política que ninguém poderá contestar com um mínimo de realismo. E num horizonte próximo não se vislumbra qualquer sintoma de mudança significativa deste eleitorado.

Embora muitos políticos insistam, e por vezes com certa razão, em sublinhar o carácter específico das eleições autárquicas, não lhes atribuindo o sentido de voto partidário das legislativas, num distrito com as características que Setúbal apresenta tal facto é cada vez menos exacto. O trabalho autárquico começa, na verdade, a ter uma real projecção para as legislativas e a motivar os eleitores.

A força do poder local

Para esta votação da APU contribuiu de forma decisiva o trabalho produzido nas autárquias do distrito. Todas as câmaras eram já suas, mas a coligação do PCP e do MDP passou a ter maioria absoluta onde isso ainda não acontecia. E mesmo a nível de freguesias, a APU, que tinha 50 das 54 freguesias do distrito, ganhou mais duas. S. Julião, na área urbana da cidade de Setúbal, e a Costa da Caparica, são as únicas que não lhe pertencem.

«Apesar dos grandes ataques que sofreu afirma Manuel Sobral, responsável distrital daquela coligação — a APU aumentou a votação. Não respondemos a esses ataques e optámos por uma campanha serena, pela positiva, uma vez que tínhamos todos os argumentos a nosso favor. O julgamento do eleitorado mais uma vez traduziu essa realidade».

Com cerca de 480 mil eleitores, Setúbal elege um total de 17 deputados, número que se mantém desde 1976. Nesse ano a APU elegeu 9 deputados e desde então, embora tenha aumentado sempre as suas percentagens e o número de votos, com a excepção já referida, não conseguiu todavia aumentar o número de deputados.

O seu objectivo é agora eleger o décimo deputado, o que se afigura possível aos responsáveis locais da APU, que argumentam com os resultados das autárquicas para afirmarem que, se porventura se tivesse tratado de eleições legislativas, esse deputado teria sido automaticamente eleito.

«O voto das autárquias tem neste distrito características importantes de voto muito politizado. Naturalmente que é um voto mais próximo das votações para a Assembleia da República do que o voto normal no órgão autárquico».

Nesse sentido pensamos, e temos toda a confiança, que esta votação irá aumentar, como tem sido normal, das autárquicas



António Valente (PS)

para as legislativas. Para além da eleição do décimo deputado, outro dos nossos objectivos é ultrapassar a barreira dos 200 mil votos no distrito.»

Os êxitos eleitorais da APU em Setúbal são explicados, segundo responsáveis dos partidos que compõem a coligação, «em grande parte pela forma como as pessoas vêm como os comunistas e os seus aliados são capazes de governar o poder local».

«Em Setúbal — afirmam — não surte tanto o efeito da propaganda maciça de que os comunistas não estão vocacionados, para o poder. O que se verifica é que não só estão vocacionados como também aqui se demonstra que não só respeitamos como fomentamos as práticas das liberdades democráticas consignadas na Constituição, o que é demonstrado nos próprios órgãos autárquicos».

Como reforço dessas afirmações salientam que mais de 90 por cento das deliberações dos órgãos autárquicos são tomadas por unanimidade pelas várias forças que constituem as assembleias e as câmaras municipais.

«Isto passa-se num distrito onde, dada a nossa maioria absoluta, não teríamos dificuldade em aprovar tudo o que entendêssemos. Mas outro aspecto que conta muito é a forma coerente como defendemos os interesses dos trabalhadores».

Crise não afecta só as classes trabalhadoras

Para além de constituir um dos maiores pólos industriais do País, se não o maior, o distrito de Setúbal tem igualmente um sector de serviços muito importante. O posicionamento dos partidos da APU na luta pelos interesses das classes trabalhadoras não tem ficado apenas circunscrito aos meios operários, estendendo-se a outros sectores, como os serviços, e até mesmo ao pequeno comércio e indústria, onde a APU tem já um eleitorado que representa um certo peso nos resultados globais do distrito.

Sente-se por parte dos pequenos e médios comerciantes e industriais que desenvolvem a sua actividade neste distrito, que a política dos sucessivos governos contra as empresas nacio-



Manuel Sobral (PCP)

nalizadas os tem prejudicado directamente. Por outro lado, a parte sul do distrito é também zona de Reforma Agrária, onde também há uma actividade comercial grande, a quem a política dos últimos governos não serve.

É também o desemprego que regressa, e mais uma vez o seu reflexo nos sectores intermediários da população, como os pequenos industriais e comerciantes.

«Uma coisa é certa, diz Manuel Sobral: a classe operária de Setúbal é determinante e a sua luta determina, em grande medida, o posicionamento das outras classes. E no fundo aparece muitas vezes a luta por objectivos que são comuns a outras camadas da população».

Que espaço para os socialistas?

Com todos os seus erros, embora a grande distância da APU, o PS é a segunda força eleitoral do distrito e a única que pode eventualmente vir a disputar algum eleitorado flutuante à APU.

O problema parece não inquietar muito esta coligação que diz que o PS só aparece nas eleições e acusou os socialistas de não aparecerem nas lutas sindicais nem nas comissões de trabalhadores e de não terem uma política consequente na defesa desses mesmos trabalhadores.

E será isso que explica o seu declínio eleitoral desde 1976, altura em que tinha no distrito uma votação muito próxima da APU. Enquanto a APU passou de 159 079 votos em 1976, para 193 123 em 1982, o PS passou de cerca de 115 000 para 89 000 no mesmo período.

«Estes números demonstram que num distrito predominantemente de classes trabalhadoras, a política do PS não aparece aos olhos destes como uma política de defesa dos seus interesses fundamentais», dizem os homens da APU.

Todavia, o décimo deputado que esta coligação procura, não irá buscá-lo aos socialistas mas sim à direita. Os responsáveis da APU pensam que continuará a verificar-se uma deslocação de votos do PS para a APU, como desta vez se verificará uma recuperação por parte do PS de eleitorado seu que tinha ido parar à AD, o que, no fim de contas, não irá determinar grandes alterações no que diz respeito à APU mas pode determinar troca de deputados entre a AD e o PS.

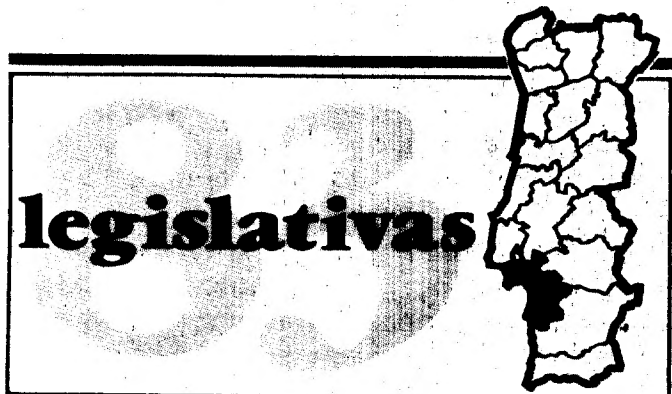
Desaparecida a AD, quem mais lucra de momento em Setúbal com isso será o PS, mas a APU também pode recolher dividendos, ficando mais próxima da eleição de um eventual 11.º deputado que iria buscar ao CDS.

Em todo o caso os socialistas não se mostram muito pessimistas em Setúbal apesar de reconhecerem a grande superioridade eleitoral da APU.

Américo Salteiro, coordenador da Comissão Técnica Eleitoral do PS, é de opinião que a situação se está a modificar gradualmente naquele distrito, o que já se terá começado a verificar nas autárquicas, onde os socialistas subiram cerca de 5 por cento.

O PS tem presentemente quatro deputados e aponta para o mínimo de seis.

O eleitorado está suficientemente esclarecido. Já se viu que as coligações não têm viabilidade



no nosso país. O povo tem que fazer uma opção em quem está mais perto de uma maioria absoluta.

Os socialistas defendem ainda outra tese que é de que, neste momento, «deixou de haver voto útil para dar lugar ao voto de salvação nacional. Esse voto é no PS».

Mas como se explica ao longo destes anos a queda eleitoral do PS no distrito de Setúbal?

O dirigente Américo Salteiro considera que é «normal», porque o PS esteve no Governo e qualquer partido que vai para o Governo tem sempre um desgaste. «É o que está a suceder com a AD».

Como propostas eleitorais o PS vai apresentar «a defesa intransigente dos trabalhadores, com uma campanha sem qualquer demagogia e apontando para a realidade».

Américo Salteiro afirma, para dissipar dúvidas, que ninguém pode pensar que o PS vai cometer de novo os erros que cometeu.

«Estamos a preparar uma campanha dinâmica, sem demagogia e tentando fazer sentir ao eleitorado que o voto do PS é o voto de salvação nacional». Dentro da própria campanha devemos ser claros. O eleitorado pode ter a certeza de que vamos governar não cometendo os erros anteriores — e normais por uma falta de experiência — nem concessões à direita».

Para a eleição dos seus previstos seis deputados o PS afirma que vai pescar em todos as águas: na abstenção que atingiu 25,8 por cento, na AD que está a descer de dia para dia e na APU.

Quem vai perder e quem será o inimigo principal?

«Inimigo principal não temos. O nosso inimigo número um é a abstenção. Contamos ter uma subida considerável e quem vai perder pensamos que serão os partidos da AD. A APU deve manter».

Segundo o dirigente socialista, a campanha terá aspectos dife-

rentes do habitual, porque em seu entender a agitação está ultrapassada. «Só se for uma agitação festiva. Até mesmo na parte de colagens de material as pessoas começam a ficar fartas. Iremos mais para o contacto pessoal, reuniões com parceiros sociais e outras que se forem tornando necessárias».

A unidade de esquerda continua a ser impossível mas Américo Salteiro afirma que as relações com a APU são boas, «ou pelo menos não são más» e que no distrito não têm problemas com os outros dois partidos. «Desde que não sejamos agredidos ideologicamente».

Eduardo Pereira é o cabeça de lista do PS para este distrito nela participando também Maldonado Gonelha. A elaboração desta lista terá sido mais ou menos pacífica, mas há socialistas em Setúbal, principalmente ao nível de bases, que têm dúvidas sobre se serão estes os melhores nomes para contrapor ao cabeça de lista da APU, Domingos Abrantes, um homem que passou muito tempo na clandestinidade naquele distrito e com grandes ligações nos meios fabris, principalmente no Barreiro.

Direita sem possibilidades

Os partidos de direita tentaram sempre aparentar uma certa força em Setúbal mas os resultados conseguidos nunca tiveram correspondência com esses desejos e até com os meios investidos.

Como organização estes partidos são pouco expressivos e vivem essencialmente da propaganda que lhes é veiculada através dos grandes meios de Comunicação Social.

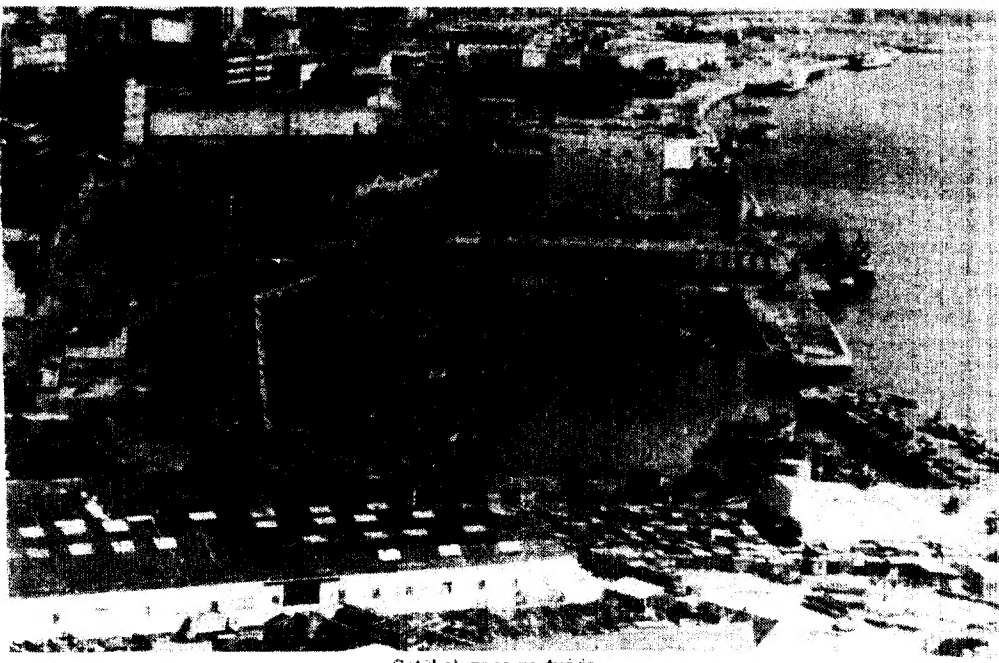
Têm todavia aparelho e uma certa base social de apoio que vem especialmente de estratos sociais com grandes interesses no distrito, nomeadamente famílias ligadas aos grandes latifundiários que existiam e que de certo modo estão a reconstituir o seu poder com a política do Governo em relação à Reforma Agrária. Há também muita gente mais ou menos ligada ao regime anterior que possui uma certa capacidade de movimentação.

Mas tudo isso não chega para criar uma dinâmica capaz de fazer com que deixem de ser claramente minoritários, como ainda há bem pouco tempo se viu, nas eleições autárquicas.

Um dado importante neste distrito é a juventude, mas ninguém acredita que os partidos da AD consigam de novo envolver os jovens maciçamente nas suas campanhas e atraí-los.

Aliás, já nas autárquicas se verificou que as metas do novo eleitorado acompanharam o crescimento da APU e que, de um modo geral, o voto da juventude foi à esquerda numa ou noutra força, ao contrário daquilo que por vezes se pretende afirmar tomando como exemplo algumas eleições em escolas e que não são significativas.

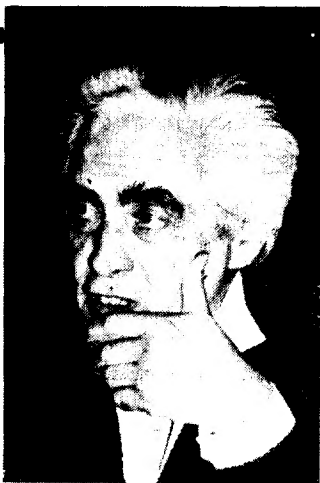
Augusto Vilela



Setúbal: zona portuária

entrevista

As críticas que fazemos ao PS são políticas



Continuação da pag 5

tório continental. Que meios ou soluções propõe o PCP para, num caso, obrigar à retirada das já existentes e, noutro, evitar a sua instalação?

AC — Ao nível da acção política geral é necessário que o povo português seja alertado para os perigos dessa situação, tome consciência deles e empreenda com firmeza a luta contra a instalação, permanência ou trânsito de armas nucleares em território português.

Ao nível da acção governativa duas linhas de conduta fundamentais são de observar. A primeira, não fazer qualquer nova concessão militar em território português, recusar firmemente a instalação de mísseis nucleares, não dar novas facilidades nas bases existentes. A segunda, actuar, nas relações com os Estados Unidos, numa sólida posição nacional exigindo o respeito pela soberania portuguesa e negociando para que não haja armas nucleares em território português e nas nossas águas marítimas e fluviais.

Freitas do Amaral não fez recuo calculado

«DL» — O PCP considera como grande vitória das forças democráticas o afastamento do Governo e da vida política do prof. Freitas do Amaral. Será de excluir totalmente a hipótese de um recuo calculado, a pensar nas eleições presidenciais de 1985?

AC — O afastamento de Freitas do Amaral não foi um recuo calculado. Foi uma retirada desordenada no momento da derrota. A reacção portuguesa, depois do 25 de Abril, mostrou saber avançar contra a democracia. Mas, no dobrar de 1982 para 1983, mostrou não saber recuar.

Nos últimos anos a reacção habituara-se à ofensiva. Freitas do Amaral, vice-Primeiro-Ministro e ministro da Defesa, tinha já como certo o golpe de assalto às Forças Armadas, preparação na base da revisão da Constituição e da Lei de Defesa Nacional. Assumindo ostensivamente a liderança da AD anunciava já o prosseguimento da ofensiva. O golpe falhou. A AD foi derrotada pela luta do povo e pelo funcionamento das instituições. Uma vez derrotada, foi a debandada.

Não podemos naturalmente excluir que em determinada conjuntura, Freitas do Amaral reapareça com pretensões de liderança. Quando pediu a demissão dos seus cargos tivemos ocasião de sugerir que podia estar procurando imitar o exemplo de Salazar que pediu a demissão e se retirou para Santa Comba para voltar depois como chefe ditatorial. Mas os tempos são outros. E Freitas do Amaral necessitará de muitos anos para se recuperar (se alguma vez se recuperar politicamente) da derrota que sofreu.

Soares: «água» muito «poluída»

«DL» — Poderá o PCP afirmar, já à partida, que Mário Soares nunca será um candidato a Belém apoiável pelos comunistas?

AC — Mesmo que seja um dito popular que não se deve garantir que «desta água não beberei», a verdade é que no caso concreto «esta água» está politicamente

tão poluída que se pode afirmar que M. Soares não oferece condições para poder ser apoiado pelo PCP numa sua eventual candidatura à Presidência da República.

«DL» — Como interpreta a mudança de direcção no PSD? Pensa que será essa a via para uma futura aliança PS-PSD? E a mudança na direcção do CDS?

AD — A aliança que se está a negociar e a cozinhar não é apenas do PS com o PSD. É do PS dom PSD e o CDS.

O secretário-geral do PS e outros dirigentes do PS proclamam que o PS abandona o «isolacionismo» e abre-se ao «consenso» com o que chama «os partidos democráticos» ou seja, o PSD e o CDS. Mota Pinto, falando na apresentação dos candidatos do PSD, proclama que, se o PSD e o CDS alcançassem a maioria, o «consenso» deveria alargar-se ao PS e, se o PSD e o PS alcançassem a maioria, o «consenso» deveria alargar-se ao CDS. Por seu lado, uma das principais afirmações feitas por Lucas Pires depois de designado presidente do CDS foi (a par do ataque ao «bloco central») a de que o seu partido «passaria a falar mais, melhor e directamente com o Presidente da República e com o PS».

Vê-se como tem razão o PCP em prevenir que o perigo nas próximas eleições, não é tanto que a «AD» e os partidos que a compunham não sejam derrotados (eles já estão derrotados à partida) mas que, pela mão do PS, possam ficar num «Governo de consenso» com o PS e numa «maioria de consenso» igualmente com o PS na Assembleia da República.

Dai a nossa afirmação de que, nestas circunstâncias, o chamado «voto útil» no PS, pode ser «extremamente útil» ao PSD e ao CDS para, pela mão de M. Soares, sobreviverem no poder no preciso momento da sua derrota.

Dai a nossa afirmação de que o PS não é alternativa e da necessidade de reforçar significativamente o número de votos na APU e de deputados eleitos pela APU.

É a única votação que poderá pesar para abrir caminho a uma alternativa democrática, ou seja, a um Governo com uma política capaz de assegurar a saída da crise e a consolidação do regime democrático e das suas conquistas.

«A satisfação mais profunda»

«DL» — Qual o facto político que mais satisfação lhe causou nestes anos pós-25 de Abril? E qual o mais negativo?

AC — Muitos e muitos causaram profunda satisfação. Muitos houve considerados negativos. Consideramos negativos todos aqueles que feriram as liberdades e direitos dos cidadãos, as conquistas democráticas do povo, o bem-estar dos portugueses, o regime democrático e a independência nacional. Causaram satisfação todos aqueles que significam avanços da democracia, luta e conquistas do povo, melhoramento da vida dos portugueses, afirmações nacionais de independência.

Viver e lutar com os trabalhadores, com o povo, com Portugal de Abril, é a mais profunda satisfação de todos os comunistas.

No Norte e no Centro do País...

Lucas Pires empreende “sementeira” da nova AD

«O CDS fará a sua campanha eleitoral como uma sementeira da nova AD.» Esta frase, gritada aos quatro ventos, foi ouvida durante o último fim-de-semana em várias cidades e localidades do Norte e Centro do País. Quem a pronunciou foi Francisco Lucas Pires, um dirigente partidário já em plena campanha pré-eleitoral.

Para Francisco Lucas Pires, que se deslocou a Aveiro, Coimbra e Leiria, «uma nova AD é viável e necessária, pois, no fundo, o bloco central no Governo equivaleria a levar o Parlamento para o Governo e o País não se compadeceria com isso». Delineando o perfil dessa nova AD, Lucas Pires diria em Aveiro que «a nova AD é com o PSD, PPM e CDS, pois se integrasse o PS seria um comboio extremamente pesado e poria o PCP de fora». Na opinião do líder centrista, o facto do PCP ficar de fora «seria incoerente para a democracia, porque significa o 25 de Novembro partidário que não tem justificação política na situação actual».

«Troca-tintas»...

Aludindo ainda à necessidade do ressurgimento da Aliança Democrática, Lucas Pires declarou ainda que o CDS, que se apresenta como «alternativa à doença socialista», fará a sua campanha «como uma sementeira da nova AD».

Criticando o bloco central, Lucas Pires interrogou os auditórios que o ouviam nos seguintes termos: «É o PS que está à espera que o PSD se torne mais vermelho, ou o PSD que está à espera que o PS se torne mais cor-de-rosa? Se é assim, trata-se

afinal de troca-tintas», responderia o próprio presidente da Comissão Política do CDS. E mais adiante, uma nova pergunta «Que bandeira teria um tal bloco, feito de restos?» Os «restos», tudo o indica, são os «primeiros-ministros já vistos do PS e PSD», enquanto o CDS, «como única alternativa nova (...) não tem para oferecer primeiros-ministros já vistos...»

Sem complexos

Para Francisco Lucas Pires, o CDS apresenta-se às próximas eleições «sem quaisquer complexos», defendendo um programa que assentará basicamente em três pilares: uma maior autoridade política, um maior consenso e diálogo social e uma maior liberdade económica.

Referindo-se à situação interna do CDS, Lucas Pires disse numa das suas intervenções que o CDS saído do último Congresso «é o mesmo de sempre e que, embora acusado de não ser democrático, resolveu os seus problemas com exemplar democracia».

Entretanto, Adriano Moreira, presidente do Conselho Nacional centrista, declarou em Vila Real que «se o PS se demitir do marxismo-leninismo, será um partido da área social-democrata e, como tal, forte concorrente perante o eleitorado afecto ao PSD».

Para Adriano Moreira, a solução para os problemas nacionais passa pelo «criar de uma nova Aliança Democrática, renovada e reforçada, para reganhar o que se pediu com os últimos actos político-partidários».

CASE, que projectou e construiu a Retroescavadora mais perfeita do Mundo, a 580 F, decidiu aperfeiçoar... a perfeição!

E assim nasceu CASE 580 G, depois de 136.000 horas de estudos que trouxeram novos padrões de produtividade, de economia, e de conforto.

CASE 580 G é, hoje, a retroescavadora... mais que perfeita!

A vantagem de ter tudo à mão

Uma porta ainda mais ampla, permite-lhe o acesso ao interior da nova 580 G onde o espera um confortável assento giratório, totalmente ajustável.

Sentado, todos os comandos principais da 580 G estão à mão...

A alavanca de comando dispõe de um botão conversor de binário e a alavanca de controlo de carga e escavação regressa automaticamente à posição inicial.

Todas as operações, de resto, foram facilitadas com o aumento de visibilidade conseguido.

580G A MAIS QUE PERFEITA

Até o círculo de viragem foi aperfeiçoado e oferece uma tal capacidade de manobra que torna quase inacreditável a sua tracção às 4 rodas.

O valor do silêncio

A cabina da CASE 580 G permite apreciar a importância de trabalhar em silêncio.

Almofadas de borracha isolam a cabina da máquina, reduzindo ao mínimo os ruídos e as vibrações.

O motor e a transmissão, montados sobre apoios de borracha, quase não se sentem e o condutor pode assim trabalhar mais horas, com menos fadiga!

A força de Hércules

CASE dotou a 580 G de potencialidades que fazem dela uma verdadeira campeã:

Maior profundidade de escavação, maior elevação da carga suspensa e maior força de corte, o que lhe confere 25% de maior produtividade.

Andar mais e gastar menos

Foi aumentada para o dobro, a sua velocidade, e reduzido em 25% o seu consumo de combustível.

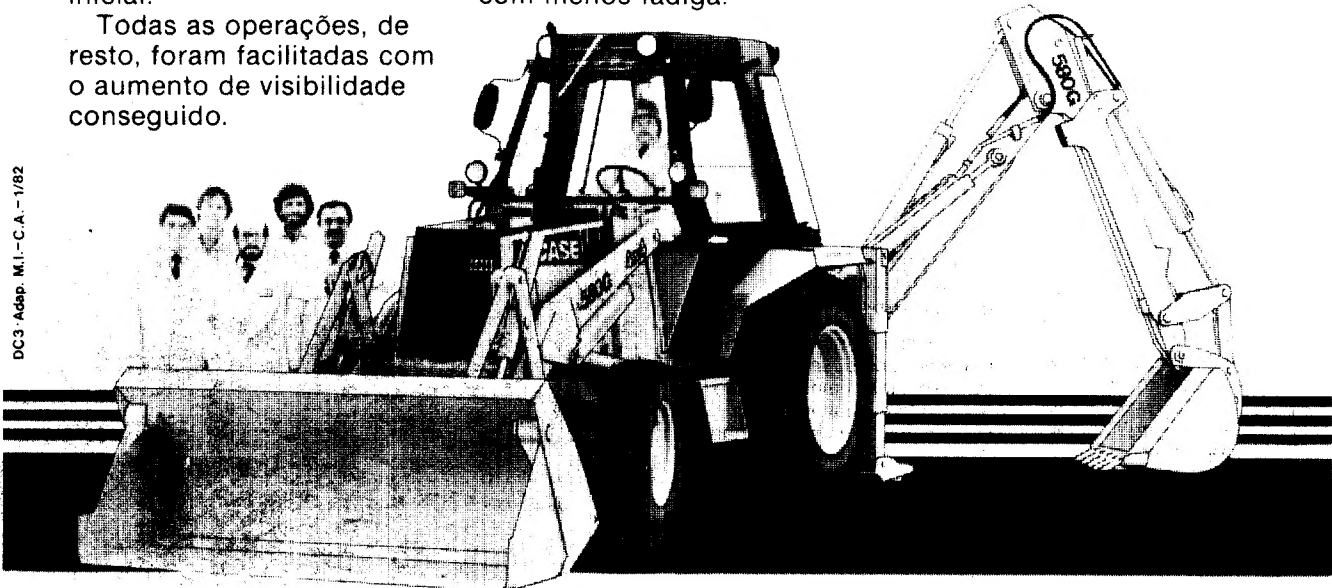
CASE, pensou em tudo. — 580 G, a retroescavadora mais que perfeita!

J I Case
A Tenneco Company



Case capacidade de resposta

DC3 - Adap. M.I. - C.A. - 1/82



E ENTREPÓSITO

case

CONCESSIONÁRIOS EM TODO O PAÍS

de ontem para hoje

**Polícia morto por polícia
no comboio para Vilar Formoso**

POR motivos ainda não esclarecidos, que provocaram acesa troca de palavras entre ambos, observada por alguns passageiros, um agente da PSP, António Maia Marques, de 25 anos, atingiu mortalmente com um tiro de pistola o seu colega José Mário Marques Simões (foto), de 24 anos, quando viajavam no comboio semidirecto Lisboa-Vilar Formoso. A agressão ocorreu, na manhã de ontem, entre as estações de Caxarias e de Albergaria-a-Velha (Pombal), numa altura em que a vítima, pai de três filhos, colocada na Esquadra do Rato, se dirigia para Coimbra onde era esperada pela mulher. O autor dos disparos foi preso por um outro agente da PSP que viajava no mesmo comboio e entregue no Posto da GNR



de Pombal. José Mário Marques integrava uma brigada especial de rua, virada para o combate à criminalidade, na área da 2.ª Divisão da PSP, em Lisboa.

Motorista condenado a prisão maior

Embora as motivações do crime não tenham ficado esclarecidas, o Tribunal Judicial de Coimbra condenou em dezasseis anos de prisão maior o motorista Manuel Ferreira Ramos, de 39 anos, acusado de ter abatido a tiro, em Outubro último, nas obras do açude-ponte daquela cidade, o encarregado António Fernandes da Silva, de 62 anos. O réu alegou que a pistola se tinha disparado acidentalmente, mas os juizes consideraram provada a acusação de «homicídio voluntário com premeditação».

Detido traficante de cocaína

Henrique Santana dos Santos Santana, de 41 anos, retornado de Moçambique e casado com uma cidadã boliviana, foi detido na madrugada de ontem pela GNR, em Linda-a-Velha, acusado de ter em seu poder cocaína e outros artigos, de origem duvidosa, tudo no valor aproximado de dez mil contos. A mercadoria (incluindo a droga, seis pequenas embalagens de 190,

300 e 400 gramas escondidas em máquinas fotográficas) encontravam-se no porta-bagagens de um automóvel luxuoso «Royale Holandsmobile», de matrícula holandesa. Um dos locais mais frequentados pelo traficante era a Quinta dos Bateiros, localizada próxima de Linda-a-Velha e habitada por numerosos retornados das ex-colónias portuguesas.

Fogo num estaleiro do Algarve

Fogo posto (o que não é caso virgem) pôs em risco os estaleiros da cooperativa de construção naval Foz do Guadiana, em Vila Real de Santo António, no Algarve. Combatido pelos bombeiros locais, as chamas atingiram um iate há largos anos ali abandonado por uma cidadã britânica, chegando a ameaçar outras embarcações, entre as quais um «ferry-boat» da carreira de Ayamonte.

Centro-piloto de meteorologia

Um centro regional de meteorologia irá ser construído este ano em Castelo Branco, com o patrocínio do Instituto de Meteorologia e Geofísica, sendo considerado como uma experiência-piloto de todo o País. Abrangendo uma área compreendida entre Barca d'Alva (distrito da Guarda), Fornos de Algodres, Mação e Gavião, a sua principal função será o controlo de todas as observações meteorológicas daquela área, respondendo

assim às necessidades agrícolas e industriais da região. O centro ficará ainda apetrechado com uma estação meteorológica a integrar na rede

sinóptica internacional e servirá de suporte aos estudos de viabilidade energética de fontes alternativas. O centro meteorológico, que numa primeira fase está orçado em dezoito mil contos, ocupará uma área aproximada de 25 mil metros quadrados.

Segurança social dos advogados

Acabam de entrar em vigor vários diplomas reguladores do regime de segurança social dos advogados e solicitadores que passa a ser gerido pela respectiva Caixa de Previdência. Por outro lado, entrou, igualmente, em vigor o diploma que determina a extinção dos quadros das auditorias jurídicas dos Ministérios, «mantendo os auditores jurídicos com a possibilidade de destacamento de juristas e passando consultores para a dependência das secretarias-gerais ou departamentos equivalentes».

Português assassinado em França

No Comissariado Central de Limoges, apresentou-se, voluntariamente, no sábado, o português Fernando Ferreira, de 53 anos, natural de Guiães, concelho de Vila Real, que no dia anterior matara um outro português, durante uma rixa. A vítima foi Ernesto da Costa, de 57 anos, natural de Cantanhede, casado e pai de duas crianças. Segundo depoimentos recolhidos pela Polícia francesa, os dois homens, que eram vizinhos, desde há um ano que vinham tendo altercações frequentes. Recentemente, Fernando Ferreira teria ameaçado Ernesto de que «lhe cortaria a garganta». Tudo terminou, na sexta-feira, com uma punhalada que matou Ernesto.

Meneres Pimentel e o novo Código Penal

Julgamento rápido da infracção desencoraja mais o delinquente

A elaboração de um novo Código do Processo Penal está em fase avançada, ao mesmo tempo que por iniciativa do Ministério da Justiça se preparam outros projectos jurídico-penais — afirmou ontem Meneres Pimentel na sessão de encerramento das Jornadas de Direito Criminal, que decorreu na Calouste Gulbenkian.

O titular da pasta da Justiça antepôs ao agravamento das sanções, ao reforço das penas, como meio mais eficaz de combate à criminalidade — questão que preocupa também o PS, que do facto dá conta no seu Manifesto Eleitoral —, prevalecimento da descoberta e julgamento rápido da infracção criminal. «Não é o agravamento das penas ou o reforço das medidas de segurança que constitui a panaceia contra a criminalidade», observou Meneres Pimentel.

«O que verdadeiramente rejeita o criminoso é a perspectiva

de ver prontamente descoberta e julgada a infracção», acrescentou Meneres Pimentel lembrando-se porventura dos mixordeiros e dos habituais clientes do delito económico, que cometem todas as tropelias ao abrigo da maior impunidade — porque julgamento protelado é meio caminho andado, nas malhas da lei e da burocracia dos tribunais, para a ilibação.

O novo Código de Processo Penal e outros projectos jurídicos-penais visam actualizar a codificação relativa a infracções antieconómicas e aduaneiras entre outras, não sendo «o fim de uma larga reforma, mas, antes, o núcleo de uma outra, que tem de fazer-se e prossegue os seus trâmites», disse ainda o ministro da Justiça na Calouste Gulbenkian.

Elogio dos novos magistrados

Organizadas pelo Centro de

Estudos Judiciários, cujo titular (Laborinho Lúcio) fez na sessão o elogio do novo Código Penal, que classificou como «conagração global do Homem», as Jornadas de Direito Criminal permitiram a Meneres Pimentel admitir «alguma parte de verdade» nas críticas que têm sido feitas ao carácter não englobante da criminalidade no novo Código. Mas, atalhou o ministro, «à rigidez codificadora preferiu-se a maleabilidade de legislação especial, mais adaptada às circunstâncias».

«Se nos dedicarmos a uma análise da realidade social desprovida de qualquer preconceito somos conduzidos a admitir que o verdadeiro efeito intimidante resulta não da sanção finalmente aplicada pelo juiz, mas da intervenção social que se produz logo que se verifica a comissão», disse ainda Meneres Pimentel.

O titular da pasta da Justiça acusou ainda os críticos do novo

Código Penal de darem mostras de nostalgia das penas severas e elogiou os jovens magistrados pela «interpretação e aplicação correcta» que têm vindo a fazer «da nova legislação penal», não se intimidando nem se deixando impressionar pelo «alarmismo e sensacionalismo de certos críticos». «Porque, de repente — acrescentou —, descobre-se insuspeitadas virtualidades incriminatórias na legislação revogada que a nova legislação penal teria destruído, colocando a sociedade à mercê dos criminosos».

A ressocialização dos delinquentes, justificativa dos poderes agora dados aos juizes e tribunais e que tão bem têm sido interpretados e aplicados pelos jovens magistrados, é de extrema importância e a ideia-base da defesa dos princípios e inovações do novo código, que entrou em vigor em Janeiro deste ano.

Esta tarde com Manuela Eanes

Instituto de Apoio à Criança dá «primeiros passos»

A esposa do Presidente da República, dr.ª Manuela Eanes, na qualidade de sócia-fundadora, estará esta tarde, a partir das 17 horas, na Fundação Calouste Gulbenkian, para presidir ao acto de constituição do Instituto de Apoio à Criança (IAC), organismo que, segundo se pode ler nos seus estatutos, tem como objectivo principal «contribuir para o desenvolvimento integral da criança, na defesa e promoção dos seus direitos».

Propondo-se realizar já no próximo Outono um seminário que terá como temas «A prevenção da deficiência na criança» e «A violência exercida sobre as crianças», o IAC terá em atenção os seguintes aspectos: «A fome e a nutrição», «A criança deficiente», «Cuidados básicos de saúde», «Abandono e insucesso escolar», «Ocupação dos tempos livres» e a «Compreensão dos problemas específicos das minorias étnico-culturais».

Entre as acções a desenvolver, de acordo com os estatutos,

contam-se iniciativas de acção directa tais como a criação de bibliotecas infantis, centros de actividade para crianças, abertura de espaços para o seu acolhimento, nomeadamente, nos meios rurais, nos centros comerciais e outros lugares públicos. Sendo o objectivo principal da criação do Instituto o desenvolvimento da criança na defesa e promoção dos seus direitos, os sócios-fundadores propõem-se realizar programas de informação e sensibilização através da Rádio, Televisão, conferências, debates, colóquios e publicações.

Numa fase inicial, o Instituto funcionará no antigo Colégio dos Inglesinhos, ao Bairro Alto.

A nível de entidades apoiam a iniciativa o padre Virgílio Lopes, da União das Misericórdias, o padre Vitor Melícias, ligado à Associação dos Bombeiros, a Caritas Portuguesa, a Cruz Vermelha, a Associação Cristã da Moçambique (ACM) e, a nível estrangeiro, a UNICEF.

Três quartos dos portugueses não têm acesso a cardiologia

Três quartos da população portuguesa não dispõe de serviços de cardiologia rápida e eficientes, apesar das doenças cardiovasculares serem as que mais matam, não só em Portugal como no mundo — eis as duas principais constatações da sessão inaugural do VI Congresso de Cardiologia que decorre em Tróia até quarta-feira.

Luís Serra Pinto, na sua qualidade de presidente do Congresso, começou por enfatizar o facto de apenas um quarto da população portuguesa estar abrangida pelos serviços de cardiologia, centrando-se nas principais cidades (o eterno «sacrifício»), interrogando depois os presentes sobre que tipo de assistência cardiológica se poderá oferecer aos outros três quartos. «É para encontrar a resposta adequada a esta e outras questões que aqui estamos» — acrescentou aquele catedrático.

No entanto, os serviços de cardiologia portugueses, que funcionam na crista das grandes cidades e quase exclusivamente em Lisboa, Porto e Coimbra, «podem medir-se pelos padrões europeus», disse ainda Serra Pinto, que também sublinhou o facto do cardiologista, hoje em dia «necessitar de se actualizar constantemente e dedicar diariamente ao estudo uma parcela da sua actividade, sobretudo convivendo com outros colegas e centros, a fim de que dessa troca de ciências resultem as soluções que possam contribuir para uma melhoria da assistência aos doentes cardiovasculares».

O presidente da Sociedade Portuguesa de Cardiologia, Cerqueira Gomes, declarou, por seu turno, que os cardiologistas têm a consciência de que uma medicina isolada dentro do país «é uma medicina que se estiola e atrasa cada vez mais». Cerqueira Gomes anunciou ainda a estreita colaboração da Sociedade Portuguesa de Cardiologia com a sua congénere brasileira.

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS

HOSPITAL DE SANTA MARIA

OBRAS DE BENEFICIAÇÃO DO SERVIÇO INFECTO-CONTAGIOSOS — Piso 3

..... Conc. Público n.º 5/83-IE

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12.30 horas e das 14 às 17.30 horas na Secretaria do Serviço de Aquisições (IE).

A abertura das propostas terá lugar no dia 11 de Abril próximo às 11 horas no referido serviço.

Lisboa e Hospital de Santa Maria, 9 de Março de 1983

Pel'O DIRECTOR SERVIÇO DE APROVISIONAMENTO

a) J. d'Almeida Ribeiro

STESDIS — SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO E SERVIÇOS DO DISTRITO DE SETÚBAL

AV. 7 DE OUTUBRO, 87-1.º SETÚBAL

Telef. 22 72 24/22 753

CONVOCATÓRIA ASSEMBLEIA ELEITORAL

Convocam-se todos os sócios para a eleição de Delegados ao Congresso no dia 16 do próximo mês de Maio de 1983.

Os locais de votação e o respectivo horário serão oportunamente informados.

As listas terão que ser apresentadas até ao dia 16/4/83.

Setúbal, 8 de Março de 1983

O Presidente do Conselho Geral
Carlos Alberto dos Santos Correia

Manifesto eleitoral do PS

Defesa da "economia social de mercado"

— propõem socialistas

Na próxima quarta-feira, Mário Soares vai apresentar no Porto o manifesto eleitoral do Partido Socialista, documento que foi analisado durante o fim-de-semana, em duas reuniões de dirigentes do PS. Será a quarta conferência de imprensa do secretário-geral do PS em menos de um mês e nela será finalmente anunciada a política que os socialistas propõem para sair da crise depois de ganharem as próximas eleições.

O manifesto eleitoral é um extenso documento de 250 páginas, que ainda hoje está a sofrer a última revisão, depois de lhe terem sido introduzidas alterações de pormenor na reunião da Comissão Nacional, realizada no sábado e ontem no Encontro

Nacional que juntou no Altis os membros da Comissão Nacional, os autarcas eleitos pelo PS e os candidatos a deputados.

Os vinte e cinco capítulos do manifesto socialista incluem um diagnóstico da situação do País, apresentando depois um elenco de medidas a adoptar pelo futuro Governo socialista em todos os sectores constituindo uma base para as negociações com os parceiros sociais, e os partidos, depois do acto eleitoral do 25 de Abril.

Em matéria económica, na qual os socialistas vão insistir durante a campanha eleitoral, as linhas gerais da proposta socialista são já conhecidas — lançamento de um programa de estabilização

financeira, que será provavelmente mais rigoroso do que o implementado nos primeiros governos do PS, ao mesmo tempo que se prepara a reforma da estrutura produtiva. Se naquele se insistirá primordialmente em medidas monetaristas, neste a ideia é diferente.

Segundo o «DL» apurou, o PS propõe a implementação de um modelo de «economia social de mercado», que se baseia na manutenção do sector público articulado com o funcionamento dos mecanismos do mercado e da iniciativa privada. A extensão do sector público poderia ser diferente da actualmente existente, admitindo algumas fontes que se venha a tornar necessário alterar

a Lei de Delimitação dos Sectores.

Nas duas reuniões do fim-de-semana, foi apresentado também o esqueleto do que será a campanha eleitoral do PS Jaime Gama e António Campos foram responsabilizados pela apresentação das iniciativas eleitorais. A campanha será, ao que tudo indica, uma campanha discreta, sem grandes manifestações de massas, com Mário Soares participando apenas em alguns comícios, nomeadamente nas capitais de distrito. O esforço de propaganda dos socialistas incidirá principalmente em acções de rua que divulguem as propostas do PS!

Pré-campanha

Setúbal e Santarém percorridos por Cunhal

Sábado, o distrito de Setúbal e ontem a região de Santarém, foram os percursos pré-eleitorais do secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, que insistiu em sucessivas intervenções na ideia de que só o reforço da votação na APU poderá possibilitar uma alternativa democrática e impedir o regresso dos partidos de direita ao Governo.

No distrito de Santarém onde é grande a influência dos socialistas, o dirigente do PCP acentuou a tese de que o inimigo principal da APU são os partidos de direita mas que isso «não impede que critiquemos o que consideramos que está errado na política do PS, designadamente as alianças com a direita».

Carlos Brito

No Algarve, Carlos Brito, cabeça de lista pelo distrito de Faro, visitou sexta-feira a fábrica de conservas Embamar, em Portimão, parando há vários meses. O candidato da APU informou os

seus trabalhadores das diligências feitas no Parlamento para a solução do problema da empresa, com 75 por cento de capital do Estado e com cerca de 100 trabalhadores há meses sem salários.

Carlos Brito, que estava acompanhado de Carlos Figueira e Margarida Tengarrinha, igualmente candidatos, comprometeu-se a «tudo fazer para defender os postos de trabalho, os direitos e regalias dos trabalhadores, salvar para a economia do País e da região esta importante unidade de produção».

Os candidatos algarvios da APU estiveram ainda com os pescadores de pesca artesanal, em Alvor, preocupados com o assoreamento da barra e a poluição da ria.

No Funchal, João Bernardino, dirigente local do PCP anunciou que a APU pretende eleger pela primeira vez, no próximo dia 25 de Abril, um deputado pela Madeira.

Em declarações à ANOP, aquele membro suplente do CC

do PCP manifestou-se «convicto de que a APU sairá reforçada das eleições». O cabeça de lista é o deputado regional, Mário de Aguiar. De 2068 votos nas eleições de 1975, a APU subiu para 3874 em 1979.

Coimbra

Em Coimbra, os candidatos do PCP na lista da APU aprovaram o seu manifesto eleitoral que será brevemente divulgado e onde se denuncia, nomeadamente, a ruína política dos últimos governos para os trabalhadores, citando-se os casos da vidreira da Fontela, da Termec e da AGFA.

Ainda em Coimbra, o sector intelectual do PCP e o sector do Ensino Superior da JCP, associando-se às comemorações coimbrãs do centenário da morte de Marx, promoveram esta noite, na Faculdade de Letras, um colóquio evocativo, com a participação de Álvaro Mateus, colaborador do CC.

Zeca Afonso:
«concentrar votos na APU»

O anúncio público da coligação UDP-PSR (transmitido há dias pela televisão) segundo o qual José Afonso seria um dos apoiantes daquelas forças na próxima campanha eleitoral, motivou uma carta do Zeca, enviada às redacções dos jornais e à própria RTP.

José Afonso diz que é a «contragosto» que corrige a afirmação e lembra ter definido já a sua posição em entrevista a um semanário. Reafirma que, exceptuado o caso de Lisboa, onde parece possível a eleição de um deputado pela UDP-PSR, «em todos os restantes círculos em que a APU se afirma como força maioritária (com exclusão apenas em casos limites em que «o único voto eficaz se mostre ser o do PS») se deve, dentro da minha perspectiva, concentrar na APU a votação».

Dez anos depois o 2 cavalos regressa

Sempre jovem, ou se calhar, mesmo cada vez mais jovem, o 2 cavalos está de volta. Um dos carros que fez história na história da indústria automobilística mundial, recomeçou a ser comercializado pela Citroën e está a ser produzido na fábrica de Manguale, não só para o mercado português como também para exportação. Cerca de 2000 unidades serão enviadas ainda este ano para os mercados estrangeiros, número que deverá aumentar gradualmente.

O 2 cavalos é por si uma legenda do automóvel. Por volta de 1936, André Citroën encomendou aos seus engenheiros um carro muito especial. Deveria ser uma grande simplicidade de utilização, mas fiável e robusto, capaz de transportar um cesto de ovos sem os partir ou materiais de construção sem se partir. Em 1939 estava pronto para ser apresentado ao público no Salão Automóvel de Paris que não chegou a realizar-se por, entretanto, ter rebentado a guerra.

Mas o 2 cavalos foi também um perseguido do nazismo. Em 1939 havia 250 exemplares do veículo. Ao começarem as hostilidades a Citroën deslocou 249 e escondeu em lugar

secreto o único exemplar sobrevivente.

Os nazis tinham conheci-



mento desse projecto e durante muito procuraram em vão encontrar esse exemplar, que no final da guerra foi recuperado e adaptado às novas necessidades. A sua apresentação foi feita ao público em 1948.

De então para cá, o 2 cavalos participou nas mais insólitas aventuras e continuou a ser sempre jovem. Subiu às mais altas montanhas do globo, participou em «raids»,

atravessou todos os desertos e todos os continentes...

Em Portugal a sua comercialização estava interrompida há dez anos, mas o interesse por este tipo de carro não diminuiu e os exemplares que existiam, mesmo por vezes velhíssimos, eram disputados aos seus proprietários.

A última versão deste modelo, de que já foram fabricados cinco milhões de unidades, tem um motor de 602cc, uma taxa de compressão de 8,5/1 e 29CV às 5750rpm. Toda a mecânica é semelhante aos modelos anteriores com as inovações que, entretanto, foram surgindo, caso dos travões de disco à frente à saída da caixa de velocidades. O consumo varia entre 5,4 litros em velocidade estabilizada a 90km/h e 6,8 em circuito urbano.

Mantendo a mesma concepção mecânica, a mesma funcionalidade e as mesmas linhas, o novo 2cv apresenta, no entanto, diversos melhoramentos, como é natural, em relação aos modelos que se fabricavam há dez anos.

A morte de ingleses no Algarve

Operador inglês anuncia processo contra Nandim de Carvalho

FARO, 14 — O secretário de Estado do Turismo poderá ser processado por um conhecido operador inglês, John Hill. Nandim de Carvalho terá acusado John Hill de mover uma campanha contra o Algarve e, concretamente, contra Portugal.

A afirmação foi feita no Algarve por José Manuel Bota, actual presidente da Câmara Municipal de Loulé e representante em Portugal daquele industrial britânico da exploração turística. A acção a ser intentada basear-se-á em declarações recentes de Nandim de Carvalho aos órgãos da Informação, segundo as quais John Hill estaria envolvido numa campanha «contra o Algarve com vista a desviar o fluxo turístico britânico».

Em causa estão as cinco mortes de turistas britânicos (quatro o ano passado e uma em 1978), como tem sido referido na imprensa de Londres, em particular a partir do «Sunday Times» e também na TV inglesa («TV-Eye»), que aumentaram esse número para treze. Curiosamente, também a imprensa holandesa, escrita e falada, tem posto o acento tónico no «caso do Algarve», adiantando que em 1982 teriam morrido ali doze pessoas por intoxicação com gás.

Estar-se-á assim perante uma manipulação internacional supostamente bem urdida e com objectivos bem definidos. Importará assim saber como pôde ser possível montar tal trama, de modo a apresentar-se doze mortos quando, afinal, pelo menos o ano passado, apenas se verificaram quatro. A reportagem inserida por um dos canais da TV holandesa, há dias, que levou um emigrado português a insurgir-se contra tal campanha de descrédito, misturava problemas actuais com questões antigas.

No entanto, José Manuel Bota argumenta que o próprio John Hill «deu, por sua conta e risco, os primeiros passos para combater as notícias desfavoráveis ao Algarve», a ponto de fazer deslocar a esta região cerca de três dezenas de jornalistas ingleses «para desfazerem as más impressões». Disse também que a morte dos turistas tem suscitado intoxicação com gás, em apartamentos algarvios, tem suscitado «especulação com fins poucos claros».

Para José Manuel Bota, a deslocação de Nandim de Carvalho a Londres deveria ter-se verificado antes, há bastante tempo atrás. «A situação complicou-se pela demora da actuação governamental sobre o problema», concluiu.

Karl Marx

Continuação da pág. 3

Podemos contar com algum escrito seu para ser lido neste Sarau?

Aqui vai-se desenvolvendo muito a n/ associação e com muito espírito.

Peço me recomendeis a v/ genro e sua senhora e sou com o maior respeito

vosso
Companheiro e Admirador
José Fontana

Lisboa 26/12/1873
Rua do Chiado, 73

Datada de Dezembro de 1873,
e dando para o remetente o en-

dereço da Livraria Bertrand, José Fontana solicita a colaboração de Karl Marx para um «espectáculo ou sarau» destinado a angariar fundos para «dois companheiros nossos perseguidos pelos industriais e governo». Pedia-se a Marx um texto para ser lido no sarau. Outro testemunho não será mais significativo de que, dez anos antes da sua morte, o nome de Karl Marx era conhecido, prestigioso e popular no meio operário de Lisboa.

F P S

CEBE

COOPERATIVA DE ENSINO DE BENFICA, CRL

Est. de Benfica, 356 ★ Telf. 78 21 20 ★ LISBOA-4

CONVOCATÓRIA

De acordo com o n.º 1 do art.º 19.º dos Estatutos, convoco todos os Cooperadores para uma Assembleia Geral Ordinária a realizar nas instalações da CEBE, pelas 21.30h. do dia 30 de Março de 1983, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto Único: Discussão e aprovação do Relatório e Contas da Comissão Directiva e respectivo Parecer do Conselho Fiscal referentes ao exercício de 1982.

Lisboa, 14 de Março de 1983.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL,

Armando Alves Falcato Simões

CGTP não permitirá que se continue a adiar esforços para a resolução da crise

— declarou Armando Teixeira da Silva no encerramento do IV Congresso da CGTP/In

« A CGTP impedirá que se adie mais, em nome de falsos consensos de salvação nacional o congregar de esforços dos trabalhadores e democratas, para solucionar a crise » — afirmou ontem Armando Teixeira da Silva, na sessão de encerramento do IV Congresso da central sindical, que durante três dias decorreu no Pavilhão dos Desportos, em Lisboa.

Uma comissão de honra, constituída por sindicalistas que «representam a herança histórica do Movimento Operário e Sindical» presidiu à sessão de encerramento. Nas duas sessões de trabalhos que ontem decorreram, foram aprovados, o programa de Acção para três Anos e o Caderno Reivindicativo, uma resolução política sindical e três moções. Foram igualmente revelados os resultados da eleição para o Conselho Nacional e apresentados os seus membros.

Falando em nome do Conselho Nacional eleito, o coordenador do Secretariado carente da CGTP, Armando Teixeira da Silva, declarou que os trabalhadores exigem que se materialize uma solução política o movimento que se criou e desenvolveu na luta e vontade revolucionária, para defender e prosseguir o Portugal de Abril.

Na sua intervenção, o dirigente sindical disse que o respeito pelos interesses e direitos dos trabalhadores é condição essencial para o seu empenhamento na solução dos problemas do País.

«Mas que ninguém pense que esse empenhamento é possível — sublinhou — sem que se forme um Governo que lhe mereça minimamente confiança e sem que seja posta em prática uma política em que as suas organizações tenham participação activa».

Combater o divisionismo

Fazendo o balanço dos trabalhos do Congresso, Teixeira da Silva revelou que nele participaram 1227 delegados que representam 216 sindicatos, 20 uniões distritais e 18 federações, num total de 1.550.963 trabalhadores.

Salientou em seguida que a participação de 69 sindicatos não filiados na CGTP nos trabalhos do IV Congresso, em rigorosa igualdade com os sindicatos filiados, constitui a continuação de uma prática seguida e «representa a indelével confirmação

da vontade de uma consolidação e reforço do carácter unitário da CGTP/IN».

«A base unitária da direcção da central alargou-se» e no seu Conselho Nacional «encontram-se representadas todas as correntes de opinião com expressão no Movimento Sindical Português — disse.

O coordenador do Secretariado carente considerou que este Congresso confirmou «a vitalidade e importância da CGTP/IN que é o maior e mais poderoso movimento social».

«Demonstrou também que a CGTP é a central sindical onde é possível o encontro dos que estão verdadeiramente interessados na defesa dos interesses de classe dos trabalhadores portugueses — acrescentou o dirigente sindical.

Afirmou que «sempre que o divisionismo se manifesta a nossa luta contra o patronato defronta-se com maiores dificuldades».

«Para sermos coerentes e consequentes na nossa luta pela unidade, não temos outro caminho senão combater o divisionismo — acentuou.

Teixeira da Silva sublinhou que do IV Congresso da CGTP «o Movimento Sindical Português saiu reforçado e enriquecido» e apelou para a organização da «luta do Movimento Sindical para levar à prática as conclusões do Congresso».

Programa de Acção

O Programa de Acção da CGTP/IN para o triénio de 1983/85, ontem ratificado, é a concretização dos objectivos definidos no programa da central sindical.

No âmbito das reivindicações de regime, o documento aponta para a concretização da democracia política, económica e social consagrada na Constituição.

O programa trienal exige o fim da «política de ataque à Reforma Agrária e às nacionalizações», a institucionalização do controlo de gestão pelos trabalhadores e a aplicação e alargamento dos direitos e liberdades sindicais.

Propõe medidas de luta contra os despedimentos e os contratos a prazo, para a criação de novos postos de trabalho e para melhorar a situação dos desempregados.

O programa para três anos aponta soluções no âmbito da satisfação das necessidades básicas dos trabalhadores, nomeadamente aumento de salários, contenção da inflação e política fiscal, assim como para a resolução dos problemas da Habitação e Saúde e apresenta propostas de apoio aos emigrantes portugueses.

O documento aborda também diversos aspectos da contratação colectiva e da luta pela aplicação e aponta a necessidade de uma actuação mais rápida e eficaz da Inspecção e dos tribunais de trabalho, prevendo medidas naquele sentido, nomeadamente a alteração do Código de Processo de Trabalho.

O programa trienal aponta medidas para o reforço da organização sindical, nomeadamente nas empresas, de formação e gestão de quadros sindicais e de aproveitamento nacional dos meios técnicos e humanos do Movimento Sindical.

Caderno Reivindicativo

Paralelamente, o Congresso aprovou também, por maioria absoluta, o Caderno Reivindicativo Imediato proposto pelo Secretariado Nacional da central sindical.

O projecto alternativo apresentado por cinco sindicatos, que tem como primeiro subscritor o Sindicato dos Bordados, Tapeçarias e Têxteis da Madeira, não foi aprovado, tendo obtido apenas 25 votos.

O Caderno Reivindicativo Imediato aprovado exige «garantias inequívocas de respeito pela Constituição e pelas leis em



A mesa que presidiu aos trabalhos do Congresso da CGTP e da qual faziam parte alguns dos elementos que integram o novo Conselho Nacional da central sindical

vigor», a divulgação imediata dos inquéritos à morte de trabalhadores pelas forças da Polícia e GNR, nomeadamente nos acontecimentos do 1.º de Maio de 1982, no Porto e a «dissolução dos actuais corpos especiais da Polícia», nomeadamente, a «Polícia de Intervenção e o Grupo de Operações Especiais».

Pretende ainda a devolução às cooperativas da Reforma Agrária «das reservas ilegalmente atribuídas, dando-se cumprimento aos acordos do Supremo Tribunal Administrativo», «a revogação das medidas de desmembramento ou liquidação de empresas nacionalizadas e o fim da venda das participações do Estado nas empresas».

O documento reivindica «medidas para garantir o pluralismo e a liberdade de expressão nos órgãos de Comunicação Social estatizados, com imediata destituição de todos os órgãos de gestão nomeados pelo Governo AD».

O caderno prevê a participação dos trabalhadores no Instituto de Formação Profissional e na Segurança Social e a gestão tripartida da Inspecção de Trabalho.

A CGTP exige ainda a «revogação imediata da lei dos contratos a prazo, limitando-se estes à satisfação de necessidades objectivamente temporárias de trabalho, definidas por negociação colectiva» e a «passagem a efectivos de todos os trabalhadores abusivamente contratados a prazo».

O caderno prevê o reconhecimento e regulamentação dos direitos e garantias inerentes à actividade intelectual assalariada, nomeadamente autonomia técnica, estabilidade de emprego, direito à criação, à remuneração adequada e ao controlo da utilização dos inventos.

Pretende a publicação de um diploma sobre quotas de emprego para deficientes, o direito à manutenção do emprego das vítimas de acidentes de trabalho ou doenças profissionais e a adopção de um programa de emergência contra o desemprego.

A CGTP aponta medidas para garantir o pagamento de salários e a «responsabilização do património pessoal dos donos das empresas em caso de suspensão fraudulenta do pagamento de salários ou de desvio ou de dissipação ilícita dos bens da empresa».

A CGTP exige o aumento imediato do salário mínimo, pensões de reforma e prestações sociais e a sua actualização semestral por indexação ao índice de preços, o aumento da isenção e escalões dos impostos profissional e complementar e a criação de um cabaz de compras com produtos e serviços de primeira necessidade.

Resolução e Moções

O Congresso da CGTP recomendou ao Conselho Nacional que organize em 30 de Abril, no Porto, uma iniciativa para assinalar os acontecimentos verificados no 1.º de Maio de 1982, naquela cidade.

Numa moção aprovada por unanimidade e aclamação, o Congresso decidiu que nessa iniciativa devem estar representadas as estruturas sindicais a nível nacional.

O Congresso decidiu ainda

Conselho Nacional mais amplo que o Secretariado cessante

O novo Conselho Nacional da CGTP/IN, eleito no sábado, integra pela primeira vez como efectivos dirigentes sindicais da Madeira e Açores 15 mulheres (nove das quais efectivas) e uma maior representação de jovens. Vários coordenadores de uniões distritais e federações fazem parte do novo órgão, que substitui o antigo Secretariado Nacional, de acordo com os estatutos da Central Sindical aprovados na sexta-feira. Integra 51 membros efectivos e 20 suplentes. Todos os elementos do Executivo do anterior Secretariado fazem parte do novo Conselho Nacional e dos 45 membros do Secretariado cessante 32 transitaram para o novo órgão de direcção.

O Conselho Nacional tem uma média de idades de 36 anos e dele fazem parte 40 operários, 23 empregados e sete quadros.

Do anterior Secretariado ficaram de fora apenas cinco efectivos e 13 suplentes, entre os quais se destacam os nomes de Manuel Vicente (Trabalhadores Agrícolas de Beja), Conceição Ramos (Serviço Doméstico), Alice Rocha (Hotelaria do Sul) e Inácio Lopes (Indústrias Eléctricas).

O Conselho Nacional foi eleito com os votos de 966 delegados, o que corresponde a 92,88 por cento dos votos entrados nas urnas. A eleição realizou-se por voto secreto, no sábado, mas só ontem foram conhecidos os resultados. Na sua primeira reunião o novo órgão designará de entre os seus membros os que constituirão a Comissão Executiva.

Segundo Manuel Carvalho da Silva, da Comissão Executiva e responsável pelo Departamento de Organização, na elaboração da lista houve a preocupação de garantir uma maior e mais directa representatividade dos diferentes sectores, regiões, estratos profissionais e de todas as correntes de opinião do movimento sindical. De referir ainda que fazem também parte do Conselho Nacional dirigentes de sindicatos não filiados na CGTP/IN.

Caderno reivindicativo necessário à resolução dos problemas nacionais

Nas condições concretas portuguesas, «não basta o apelo parlamentar para haver estabilidade social e política, pois não é possível governar sem os trabalhadores e muito menos contra eles» — afirmou José Cartaxo, do Executivo da CGTP/IN, na introdução ao debate do Caderno Reivindicativo Imediato, durante o Congresso da central sindical.

Cartaxo advertiu que a CGTP «não caucionará em nome da concertação o prosseguimento de uma política virada para a intensificação da exploração dos trabalhadores».

Afirmou que a CGTP/IN está disponível para discutir e encontrar-se com os órgãos de soberania, forças partidárias e organizações sociais para encontrar as soluções mais adequadas à gravidade da situação mas, para isso, «tem de haver uma política que, no quadro das transformações democráticas resultantes do 25 de Abril, respeite os direitos dos trabalhadores».

O dirigente da central sindical disse que as exigências contidas no caderno reivindicativo «não prejudicam, antes são necessárias à recuperação económica do País e a sua «satisfação constituirá condição decisiva para a criação de um clima favorável para a concretização, mobilização e empenhamento dos trabalhadores nas soluções para a crise».

As 22 reivindicações «visam fundamentalmente as camadas sociais mais desprotegidas, como os desempregados, os jovens, os idosos e as mulheres, têm essencialmente em conta os trabalhadores com baixos salários ou magras pensões de reforma e visam acabar com essa chaga social que são os contratos a prazo» — precisou.

«Por isso dizemos desde já muito claramente ao próximo Governo, que, se quiser obter o empenhamento dos trabalhadores, comece por satisfazer o nosso caderno reivindicativo imediato» — declarou o dirigente da CGTP/Inter-sindical.



Aspecto de uma das sessões do Congresso

Cooperativas de habitação sem financiamento

Três centenas de quadros, representando 30 cooperativas de habitação, criticaram asperamente o Governo pela «grave crise que o sector cooperativo atravessa» garantindo ainda que «o Governo tem dedicado ao movimento cooperativo habitacional uma política de falsidade que corresponde a bloqueamentos de ordem vária, que tem impedido o necessário e desejado desenvolvimento do sector».

O presidente da CHESNORTE (União de Cooperativas de Habitação Económica do Norte), Guilherme Vila Verde considerou no decurso da reunião, efectuada no sábado passado no Porto, que a não obtenção de financiamento para conclusão de grande parte das obras em

curso — cerca de duas mil casas estão nestas condições no Norte de Portugal a «não obtenção de comparticipação para obras de infra-estruturas que impossibilitam, hoje, a utilização de 1200 casas já concluídas, ou em vias de conclusão, são dois dos aspectos que justificam o inconformismo dos cooperativistas».

Também «a não obtenção de financiamentos para novos programas, que totalizam em todo o país cerca de 14 mil fogos, muitos dos quais a aguardar início de construção desde fins de 1980», foi criticada por Guilherme Vila Verde.

Uma das situações «bastante grave» para os cooperativistas corresponde à falta de

comparticipação para as obras de infra-estruturas e de «financiamentos para construção de novos programas» situação que consideram muito «complexa e que exige uma análise profunda».

A CHESNORTE exigiu o reforço dos financiamentos, a comparticipação para as infra-estruturas e concessão de financiamentos a novos fogos.

O presidente da CHESNORTE declarou, entretanto, que o FAIH (Fundo de Apoio ao Investimento para Habitação), organismo criado recentemente com o objectivo de proceder às acções de crédito que eram da alçada do FFH, «actua para com o sector cooperativo como uma empresa

bancária, não satisfazendo os nossos objectivos».

O FAIH que já dispõe de verbas obtidas por financiamentos externos — «revela vocação para este tipo de acções onde se manifesta absolutamente ineficaz e totalmente desconhecedor da situação e cariz das cooperativas, interessando-se apenas pela rigidez dos números».

A CHESNORTE, solicitará uma audiência ao Primeiro-Ministro, que deverá ser marcada na próxima semana, para que sejam de imediato activadas as medidas necessárias à resolução de todos os problemas pendentes do sector cooperativo — segundo uma das conclusões do encontro.

Transportes atrasados em África por falta de meios

OS ministros africanos dos Transportes decidiram adiar, por dificuldades de financiamento, vários projectos incluídos no plano de transportes em África, para o decénio 1979-1988, segundo revelaram fontes oficiais.

Os ministros reunidos no Cairo, decidiram manter os projectos que poderão ser financiados pelos Estados africanos, assim como os projectos relativos ao desenvolvimento da rede de telecomunicações com estudos de viabilidade já realizados.

Os ministros resolveram, também, por proposta do secretário executivo da Comissão Económica para a África, Adebayou Odigui, organizar em Junho, em Paris, uma conferência internacional, destinada a mobilizar financiamentos externos, com vista à realização do plano de transportes africanos.

O plano de transportes para o decénio 1979-1988, elaborado em 1979 pela Comissão Económica para a África, divide-se em duas fases, das quais a primeira foi realizada apenas em vinte por cento.

Comércio mundial diminuiu dois por cento em 1982

O volume do comércio mundial diminuiu cerca de dois por cento em 1982, relativamente ao ano anterior, situando-se ao mesmo nível de 1979 — revela um documento publicado no sábado pelo GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio).

A redução dos intercâmbios comerciais e a baixa dos valores unitários em dólares fizeram com que o valor do comércio mundial em 1982 totalizasse 1,8 mil milhões de dólares, menos seis por cento em relação a 1981.

O único sector em que o comércio mundial progrediu, no ano passado, foi o de produtos agro-pecuários, cujo aumento se estima em cerca de um por cento, mesmo assim bastante mais baixo que o incremento de quatro por cento registado em 1981.

No que respeita ao «comércio internacional em 1982 e as suas implicações actuais», o documento assinala, também, que o comércio de manufacturas diminuiu um por cento frente a um incremento de três por cento em 1981.

Em relação às trocas comerciais de produtos minerais, verificou-se uma baixa de sete por cento, contra nove por cento no ano anterior, descida essa devida, sobretudo às exportações de petróleo sensivelmente menores.

Salgueiro discute pescas e investimentos com a CEE

Um documento sobre a pesca e outro sobre a aproximação das legislações comunitária e portuguesa vão ser amanhã apresentados pelo ministro das Finanças, João Salgueiro, à 12.ª conferência ministerial CEE-Portugal a realizar em Bruxelas.

Por seu turno, o Executivo comunitário apresentará uma declaração sobre investimento directo estrangeiro em Portugal, para ser apreciada pelas autoridades portuguesas no quadro das negociações de adesão.

Os «Dez» deverão primeiro chegar a um acordo interno sobre as suas posições antes de apresentarem a declaração à parte portuguesa. Para isso mesmo está hoje reunido, durante o dia, o Conselho das Comunidades Europeias na sede da CEE em Bruxelas.

Independentemente desta declaração que vai ser preparada pelos «Dez» estão hoje em discussão outros temas relativos à adesão de Portugal e é possível que o ministro francês para os Assuntos Europeus, André Chadenagor, defenda, uma vez mais, o plano francês das etapas para a agricultura portuguesa.

Acordo na OPEP depende da Venezuela

Os ministros do petróleo da OPEP aguardavam esta manhã, em Londres, uma resposta do governo venezuelano, que em princípio lhes deveria ser comunicada até às 11h00, e da qual dependia a assinatura do acordo sobre a redução dos preços e a limitação da produção de petróleo para este ano.

Se Caracas aceitar uma das propostas de quotas de produção feitas à Venezuela pelos seus parceiros da OPEP, o acordo será concluído definitivamente durante uma reunião que começará imediatamente no Hotel de Londres em que os ministros se reúnem todos os dias desde há mais de uma semana. No entanto, segundo uma fonte de Londres, será preciso que os 13 consigam resolver previamente outro problema: a Arábia Saudita ainda não aceitou definitivamente que a sua produção seja ligada a um acordo colectivo. O Reino Unido recusou-se sempre a participar oficialmente num acordo de repartição da produção da OPEP.

No que respeita aos outros países membros todos eles aceitaram as quotas de produção fixadas nas reuniões de Londres, afirmou o ministro venezuelano

Calderon Berti.

Durante a primeira conferência de imprensa dada oficialmente desde o início do conclave dos ministros o secretário-geral da organização petrolífera, Marc Nguema, declarou, depois da reunião de ontem à noite, que estava «optimista de 70 a 80 por cento». «Estamos próximo de um acordo, que será estabelecido amanhã», disse.

Se a resposta do governo venezuelano chegar a tempo a Londres — e se for positiva — o acordo definitivo será então publicado.

O documento prevê uma diminuição dos preços do petróleo da OPEP em cinco dólares por barril. Esta baixa de preço será a primeira da história da organização desde a sua criação em 1960, e prevê por outro lado que a OPEP não ultrapassará este ano uma produção média de 17,5 milhões de barris por dia, ou seja o número que tinha sido fixado para 1982, o qual nunca foi respeitado.

De fonte oficial indicou-se ontem à noite que, deste total, a Arábia Saudita teria uma quota de 5,2 milhões de barris por dia (MB/D), o Irão 2,4, a Venezuela 1,6 ou 1,7 (pede 1,8 oficial-

mente), a Nigéria e o Iraque 1,3 cada um, a Indonésia 1,2, os Emiratos Árabes Unidos 1,1, o Kuwait e a Líbia 1,05 cada um, a Argélia 750 000, o Qatar 300 000, o Equador 200 mil e o Gabão 150 mil.

Renegociação da dívida exigida na Cimeira dos Não-Alinhados

O Movimento dos Não-Alinhados, que representa pouco mais ou menos a metade da Humanidade mais pobre, mostrou-se dividido quanto aos eixos que a sua estratégia deve adoptar, enquanto a conjuntura é ensombrada pela turbulência do mercado do petróleo.

Como se previa, as questões financeiras ocuparam um lugar importante durante a Sétima Cimeira dos Não-Alinhados, que terminou no sábado em Nova Deli com um apelo premente ao auxílio a favor dos países em desenvolvimento, gravemente atingidos pela recessão económica.

A parte económica da declaração final deste Movimento, que conta 101 membros, multiplicou as críticas à ordem económica actual «iminentemente inadequada», que a seu ver se tornou «couteada» de alguns países ricos.

As instituições financeiras internacionais são submetidas a pressões, para a tomada de decisões «de motivação política» relativamente à concessão de empréstimos, salienta a declaração. Esta deseja uma maior consulta do Terceiro Mundo a este

respeito, e a contribuição dos países socialistas nesta assistência.

Embora exigindo «uma nova ordem económica internacional» e preconizando uma «autarquia colectiva», o movimento patenteou realismo político, ao solicitar uma cooperação e não uma confrontação com os países mais abastados, notam os observadores.

O plano de batalha dos Não-Alinhados foi concebido tendo por pano de fundo o receio de que a baixa dos preços do petróleo seque o fluxo dos petrodólares, tão vitais para o desenvolvimento.

Entre as medidas imediatas pedidas, figuram a renegociação das dívidas do Terceiro Mundo e o aumento do auxílio ao desenvolvimento dos países desenvolvidos, que devem consagrar a isso, segundo os não-alinhados, 0,7 por cento do seu Produto Nacional Bruto até 1985.

O comunicado preconiza, igualmente, o aumento dos recursos do FMI, de 90.000 milhões de DTS (Direitos de Saque Especiais, ou seja 98 500 milhões de dólares) para 125 000 milhões de DTS, e a elevação

quase para o dobro dos empréstimos concedidos pelo Banco Mundial. Para o exercício Julho 1981-82, os empréstimos do Banco Mundial ao Terceiro Mundo elevaram-se a 10 400 milhões de dólares, e deverão atingir 11 200 milhões de dólares no exercício que começou em 1 de Julho de 1982, segundo as previsões do Banco.

Os Não-Alinhados pedem, igualmente, a ratificação próxima do acordo sobre o Fundo Comum de Estabilização dos Preços das Matérias-Primas, e um aumento da Reserva Internacional de Urgência, de 500 000 para 750 000 toneladas, e do auxílio alimentar gerido pela FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura), de 10 para 18 milhões de toneladas.

A declaração final propõe, por último, a convocação de uma conferência internacional sobre a ordem monetária financeira, que «se consagre efectivamente ao desenvolvimento», e deseja a participação dos países de Leste nas instituições financeiras internacionais.

Peter Mackler, da AFP



SINDICATO DOS FERROVIÁRIOS DO CENTRO

COMUNICADO A LUTA DOS FERROVIÁRIOS E A FALSA ARGUMENTAÇÃO DO MINISTRO DOS TRANSPORTES

Perante as falsas informações prestadas pelo Ministro dos Transportes no passado dia 9, através da televisão, o Sindicato dos Ferroviários do Centro não tem outra alternativa senão utilizar os meios de informação, mesmo pagando, a fim de tentar repor a verdade do que se passa na CP.

- Vejamos algumas verdades que o Sr. Ministro conhece, mas escondeu publicamente:
- Mais de 70% dos trabalhadores situam-se entre o escalão 15 e 22 auferindo um vencimento médio de 18.000\$00, integrando-se aqui os trabalhadores especializados e os não especializados.
 - A produtividade na Empresa não é baixa, relativamente às congéneres de outros países, sendo a taxa de absentismos, inferior à registada noutras empresas nacionais.
 - Os trabalhadores da CP prestam um valioso serviço social, dentro das possibilidades técnicas que a gestão lhes proporciona, levando riqueza e desenvolvimento a outros sectores da economia nacional.
 - O Governo tem uma dívida para com o Caminho-de-Ferro, no tocante, a indemnizações compensatórias, pelo serviço que presta, que ascende já a mais de 18 milhões de contos.
 - O Governo pretende aplicar o Dec. Lei 63/83, que visa a destruição total do Caminho-de-Ferro, com o consequente golpe que daria na economia do país, nomeadamente através do fecho de estações, alienação do património, reformas compulsivas, reclassificações, imposição de transferências, etc. etc.
 - Os transportes ferroviários já sofreram diversos aumentos tarifários sem que os trabalhadores tivessem qualquer alteração no seu salário, só no presente ano o Governo aumentou os bilhetes em cerca de 30%, mas aos trabalhadores tenta impor apenas 12%. Ao mesmo tempo o Sr. Ministro declara na RTP que se aumentasse os trabalhadores teria de rever as tarifas ou então demitir milhares de ferroviários.

Considerando todos estes aspectos que expomos de forma bastante resumida, este Sindicato responsabiliza o Governo e o CG como os únicos causadores da grave situação que neste momento se vive no Sector dos Transportes, nomeadamente na CP.

Como prova do que afirmamos está sem dúvida a proposta dos Sindicatos, feita no passado dia 21 no sentido de desbloquear o conflito laboral e que apontava um adiamento nas matérias de expressão pecuniária, incluindo a tabela salarial, baseada nas médias negociadas noutras empresas a nível nacional desde Janeiro deste ano. Proposta esta que o Sr. Ministro escondeu na sua intervenção.

É pois por os ferroviários serem dos trabalhadores mais mal pagos deste país que os Sindicatos Ferroviários não podem deixar de desenvolver as formas de luta necessárias para obrigarem o Governo a alterar a sua indigna posição, embora cientes de que os utentes sofrem por tabela as consequências da nossa luta.

O conflito gerado neste Sector tem resolução e os trabalhadores já o provaram, resta agora que o Governo assumia as suas responsabilidades no tocante ao prejuízo incalculável que impõe ao País e aos utentes em geral.

NÃO À DESTRUIÇÃO NA CP PELA RESOLUÇÃO DO CONFLITO NA CP PELA REPOSIÇÃO DO PODER DE COMPRA NÃO À CALÚNIA E DEMAGOGIA DO GOVERNO
Sindicato dos Ferroviários do Centro

Israel vai dotar-se de centrais nucleares

O governo israelita decidiu ontem a construção próxima de centrais electro-nucleares em Israel, segundo o comunicado oficial divulgado no final da reunião semanal do Gabinete.

Os ministros da Energia e da Pesquisa Científica são encarregados de apresentar um projecto comum para pôr em aplicação esta decisão de princípio, precisa o comunicado.

O gabinete adoptou, nas suas grandes linhas as recomendações da Comissão presidida pelo general da reserva, Amos Horev, que apresentou um relatório, após dois anos de trabalho acerca desta questão.

Oficialmente existem em Israel dois reactores nucleares de experiência, mas ainda não existem centrais de energia

«É tempo»

«É tempo de o rei Hussein da

Jordânia se juntar ao processo de negociações no Médio Oriente», afirmou ontem numa entrevista ao jornal «The Washington Post», o secretário norte-americano de Estado, George Schultz. O mesmo alto funcionário da Administração Reagan afirmou ainda que chegou a hora de «voltar a mexer» no plano de paz para o Médio Oriente elaborado pelo presidente Reagan, e que — recordando-se — foi rejeitado pelo Conselho Nacional Palestino em Argel.

Estas palavras de Shultz coincidem com o termo oficial do «arrufo» (para árabe ver) que tem havido entre Washington e Telavive, a pretexto das negociações americano-libano-israelitas.

Repetindo as palavras de Shultz por outros dizeres, o ministro israelita dos Negócios Es-

trangeiros, Yitzhak Shamir, declarou em Washington, após quatro horas de conversa com Shultz, que o seu governo está pronto para despende um «esforço peticular» a fim de conseguir rapidamente um acordo sobre a retirada das forças israelitas do Líbano. E acrescentou: «agora é muito importante coordenar ao mais alto nível as posições americana e israelita». Disse também que existe agora uma larga identidade de pontos de vista entre os EUA e Israel.

Segundo tudo indica, Israel vai ficar a ocupar parte do território libanês e os EUA já deram luz verde para isso.

Ao mesmo tempo, o ex-presidente Carter chegou ontem à capital jordana, decerto para dizer a Hussein que «é tempo».

O rearmamento no Japão

Solidariedade mundial com a Coreia do Norte

A política asiática está, neste momento, a sofrer uma perigosa evolução cujos inícios vêm de longe, mas que atinge o paroxismo com a Administração Reagan e a subida ao poder em Tóquio do primeiro-ministro Nakasone — o rearmamento do Japão. Através do rearmamento dessa potência de vocação imperialista e dotada de alto poder tecnológico, sobretudo em sectores de importância decisiva para os sistemas mais sofisticados de armas, pretendem os EUA criar um novo eixo Tóquio-Washington-Seul.

Preocupada com mais este alarmante sintoma de agravamento de perigo de guerra, a opinião pública mundial apoia os esforços do Governo socialista da República Popular Democrática da Coreia do Norte, que, seguindo coerentemente a linha de política externa que foi sempre a sua, tenta lutar pelo diálogo contra mais esta ameaça à paz mundial, ao desenvolvimento do seu país e à reunificação da pátria coreana.

Nos dias 25 e 26 do passado mês de Fevereiro, em Paris, esteve reunida de emergência uma sessão na qual participaram representantes de Governos, de organizações nacionais, de organizações internacionais, e personalidades destacadas de diversos países. Nessa reunião internacional foi decidido apelar para a opinião pública no sentido de deter essa ameaça. Os participantes da reunião foram unânimes em considerar que, para a salvaguarda da paz e eliminação da tensão na península coreana, urge concretizar definitivamente a reunificação da Coreia.

Primeiro terá que se efectuar a

retirada das bases e das forças estrangeiras estacionadas na Coreia, e fazer cessar a intervenção de Washington nos assuntos internos da Coreia do Sul.

As Nações Unidas deverão tomar as medidas adequadas para que se aplique a resolução 3390 (B) da 30.ª sessão da Assembleia Geral relativa à dissolução do Comando da ONU, à retirada das tropas americanas da Coreia do Sul, e à substituição do pacto de armistício por um acordo de paz.

Os participantes da reunião de Paris apelaram à opinião pública para que esta actue, por todas as formas, a fim de que: 1 — faça frustrar a criação da aliança militar tripartida agressiva entre os EUA, o Japão e a Coreia do Sul; 2 — condene e impeça os actos de provocação tendentes a uma nova guerra do imperialismo, do militarismo japonês e do regime

ditatorial da Coreia do Sul, nomeadamente as manobras militares conjuntas do «Team Spirit 83».

Retomando este tema, o Comité Português de Apoio à Reunificação Pacífica e Independente da Coreia tornou público um comunicado no qual se solidariza com todas as decisões tomadas em Fevereiro em Paris, especificando que o rearmamento do Japão — proibido pela Lei Fundamental nipónica — visa perpetuar a divisão artificial da Coreia, ameaçar imediata e directamente a RPDC e pôr em perigo a paz na região e no Mundo. O mesmo comité especifica que as manobras «Team Spirit 83» reúnem 188 mil homens norte-americanos e sul-coreanos e que se destinam a «criar as condições materiais e psicológicas para a guerra contra a RPDC».

No Paquistão

Avalanche «risca do mapa» duas aldeias

— mais de 76 mortos e 70 desaparecidos

Foi ontem reaberta a estrada que liga Gilgit a Islamabad. A estrada do Karakoram, que liga o Paquistão à China através das altas montanhas, desmoronou-se em vários pontos devido a deslizamentos de terras.

Viajantes ocidentais provenientes dessas regiões indicaram terem ouvido numerosos rumores de que certas aldeias teriam sido apanhadas pelo menos por sete avalanches no espaço de uma semana.

De Gilgit e de Rawalpindi foram enviados socorros para as aldeias sinistradas. O seu encaminhamento continua porém a ser problema, nestas regiões de acesso extremamente difícil. Parece que a guarnição militar de Gilgit, informada da catástrofe, pôde comparecer com relativa prontidão na zona do sinistro.

Segundo uma fonte paquistanesa bem informada, a esperança de se encontrarem vivas as pessoas sepultadas sob a neve é praticamente nula.

Foram encontrados 76 corpos, há ainda 70 desaparecidos, o número de feridos é de uma centena, dos quais 32 em estado grave, duas aldeias foram riscadas do mapa, tal é, neste momento, o balanço da gigantesca avalanche que se produziu na noite de sexta-feira para sábado, no Paquistão, perto da fronteira com a China, indica-se oficialmente em Islamabad.

As duas aldeias, situadas no vale de Astor, a 150 km a nordeste de Gilgit (capital dos territórios do Norte do Paquistão) foram «completamente varridas» pela avalanche, provocada por importantes nevões a que se seguiu uma súbita subida de temperatura. Segundo um funcionário das Nações Unidas que vive em Gilgit, nestes últimos dias tem havido várias avalanches na região.

Eleições municipais francesas

Esquerda recuper à segunda volta

A Esquerda recuperou votos na segunda volta das eleições municipais realizada ontem. No entanto, e no conjunto, a maioria perdeu trinta grandes cidades. Direita, mas, no essencial, conseguiu travar o que muitos observadores consideram como uma «vaga de fundo» depois do «voto de sanção» do passado dia 6

O primeiro dado, entendido como encorajador pelos líderes da maioria de esquerda, foi a taxa oficial de participação dos eleitores às 12 horas: 30,6 por cento dos votantes, ou seja, mais nove por cento do que na primeira volta; às 17 horas a taxa de participação, em relação à ida às urnas de 6 de Março, era superior em 10 por cento. Estes dados fazem das eleições de ontem as mais concorridas dos últimos anos em França.

Como as abstenções tinham atingido duramente as forças de esquerda este foi o primeiro indicativo de que alguma coisa de novo se estaria a passar. E, com efeito, segundo estimativas não oficiais, a Esquerda progrediu sensivelmente em votos nas cidades de mais de trinta mil habitantes, obtendo entre 48,5 e 51,5 por cento, contra 49,95 da oposição da Direita. Na primeira volta a Esquerda tinha apenas recolhido, nestas mesmas cidades, 46,4 contra 50,3 por cento da oposição.

Ministros de Paris ganham nas regiões

Esta mobilização do eleitorado de esquerda permitiu que, algumas cidades onde concorriam ministros do Governo de Pierre Mauroy, a actual maioria saísse vencedora. Assim, o ministro do Interior, Gaston Defferre, presidente do município da segunda cidade da França desde há 30 anos, conseguiu a sua reeleição por Marseilha, após uma primeira volta onde as listas de Direita, ontem reforçadas com o apoio da organização extremista «Marsilha Segura», tinham obtido um bom número de votos e posto em causa o bastião socialista do Sul de França.

Também a ministra da Agricultura, Edith Cresson, venceu em Châtelleraut, no centro-oeste do país, pondo termo a uma «dinastia» liberal instalada há 25 anos nesta cidade.

Por seu lado, o primeiro ministro Pierre Mauroy saiu vencedor da segunda volta em Lille. Igualmente os ministros da Indústria, Economia, Assuntos Sociais, e o secretário de Estado da Energia, respectivamente Jean Pierre Chevenement, Jacques Delors, Pierre Berégovoy e Edmond Herve, foram eleitos por Belfort, Clichy, Nevers e Rennes.

Ainda no campo da actual maioria, os candidatos comunistas em Nîmes e Saint-Etienne, não conseguiram vencer os seus opositores de direita, traduzindo assim uma substancial perda de votos do PCF nesta segunda volta.

A Direita, para além das trinta cidades ganhas das 66 em disputa, há a registar a vitória massiva de Jacques Chirac em Paris, onde conquistou os dois únicos bairros que lhe faltavam.

Um sério aviso ao governo

Os resultados das eleições municipais francesas são encarados pelos políticos e pelos jornais como um sério aviso ao governo de Pierre Mauroy.

Aviso sem repúdio, como sublinha o «Liberation», que aponta para a necessidade de uma contra-ofensiva do Eliseu, do presidente François Mitterrand.

No mesmo sentido se pronunciaram o primeiro-ministro e o primeiro-secretário do Partido Socialista Francês. Para Mauroy é necessário a continuação do esforço nacional, pedra de toque, de toda a sua campanha. Lionel Jospin foi um pouco mais longe: é preciso intervir «rápida e firmemen-

te nos dois domínios em que a França mostrou «falhas»: o défice externo e o endividamento».

Para os parceiros de coligação dos socialistas, os comunistas, os maus resultados de ontem impõem uma reflexão. Sem pôr em causa a participação do seu partido na «maioria presidencial», o secretário-geral do PCF, Georges Marchais, queixou-se da «difícil aplicação do acordo entre o PS e o PC».

Esta questão não é nova e tem na base a própria actuação do governo de Mauroy, demasiada avançada para a direita e para o mundo dos negócios, e titubante para as forças de esquerda. Apesar de, como sublinhou o primeiro-ministro Mauroy, o eleitorado de esquerda ter manifestado um «nítido sobressalto» perante a possibilidade de uma vitória esmagadora da oposição, a verdade é que a aposta do governo socialista francês não está ganha para o seu próprio eleitorado.

Por isso, todas as atenções convergem agora para o líder da maioria presidencial, François Mitterrand.

É imperiosa a escolha de um «novo rigor», afirma o «Liberation». Um «novo rigor» implica, ainda segundo aquele jornal, a escolha de um novo intérprete, ou seja, um novo governo. Delors, Berégovoy ou um «outsider» são as possibilidades apontadas pelo «Lib» para chefiarem um novo executivo, saído de uma remodelação ministerial.

Esta hipótese, que ganhou expressão pública durante a semana passada, teria que ter em conta a situação económica francesa. No entanto, o ministro da Economia, Jacques Delors mostra-se confiante na sua «receita»: fazer descer a inflação para os 8 por cento durante este ano e reduzir para o défice comercial que, no ano transacto, atingiu os 90 mil milhões de francos.

Neste contexto é possível

que F

fronta

eleito

conten

trabal

enár

uma r

Reor

à diri

Ma:

poder

uma r

cutivo

A c

próxi

ciais,

opõe

RPR

presid

líder

Os

como

e, at

nio, c

para

do» c

ment

muni

habit

pelo

mult

seu a

As

presi

didat

rac.

Ou

zaçã

centr

extre

te de

da «

«Mai

Fa

cont

dos

male

extre

ça c

para

esqu

pios.

aten

sem

buid

esse

uma

«fog

extr

pará

RFA

CDU ganha ele

O Partido Cristão-Democrata (CDU) obteve ontem uma vitória esperada nas eleições regionais do Schleswig-Holstein (norte da RFA) consolidando a sua maioria absoluta, o que lhe vai permitir continuar a governar este estado que dirigia há já 33 anos.

A CDU obteve, com efeito, entre 49,1 e 49,2 por cento dos votos contra 48,3 em 1979, segundo as estimativas conver-

gentes das duas cadeias de televisão.

Os sociais-democratas (SPD) conseguiram um resultado entre 43,4 e 43,7 por cento dos votos contra 41,7 por cento em 1979.

O Partido Liberal (FDP), que obteve 5,7 por cento em 1979, que tinha intenção de formar uma coligação, um pouco contra a corrente actual, com o SPD, desta feita só conseguiu entre 2,1, e 2,4 por cento dos votos, ficando por-

tanto abaixo da barra dos 5 por cento necessários para entrar para o Parlamento Regional.

Os «Verdes» não conseguiram entrar para a Dieta regional, totalizando entre 3,2 e 3,5 por cento dos votos, contra 2,4 em 1979.

Finalmente, o pequeno partido minoritário dinamarquês SSW, obteve, 1,4 por cento dos votos e conservará o seu lugar na Dieta.

A vitória da CDU foi saudada

pelc

che

mes

pres

Sto

torr

RF/

pelc

tro-

celi

C

mir

Noticiário em colaboração com as agências ANOP,

France Presse, Inter Press

Service, Novosti, Prensa Latina

Decano

O decano dos deputados dos «Vestfalia», Werner Vogel, de 75 anos, devido ao seu passado nazi — sou Vogel, jurista reformado, que dev proferir o discurso inaugural da nova legislatura federal saído das eleições de 6 de Maio, entre 1938/39 foi chefe das SA, Forças Armadas nacional-socialistas

CRUZEIRO DA PÁSCOA

De LISBOA a LISBOA

A bordo do moderno paquete

FUNCHAL

Classe única • Serviço de 1.ª cl.



GIBRALTAR-TANGER-CASABLANCA

Partida: 28.3.83 (6 dias)

Preços excepcionais desde **29.500s**

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1840

1200 LISBOA: Av. Liberdade, 160 • Tel. 371341
1700 LISBOA: Av. de Roma, 66-B • Tel. 805096
4000 PORTO: Av. Aliados, 207 • Tel. 317921
4100 PORTO: R. Eug. Castro, 256 • Tel. 61151
3000 COIMBRA: Rua do Sôto, 2 • Tel. 27011
4700 BRAGA: Av. Central, 171 • Tel. 71623
8000 FARO: Av. República, 124 • Tel. 25035
8500 PORTIMÃO: R. Inf. D. Henri., 83 • Tel. 27151
7000 ALMADA: R. de Oliveira, 9-C • Tel. 2755756
9000 FUNCHAL: Rua do Gorgulho, 1 • Tel. 31077

UMA EMPRESA PRIVADA DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

Segundo sondagem da "Time"

Popularidade de Reagan continua a descer

Os americanos mostram-se otimistas quanto ao estado da economia do seu país, mas a popularidade do presidente Reagan não recupera com isso: 51 por cento dos americanos, esperam que ele não se apresente novamente às eleições de 1984, segundo revela uma sondagem publicada no último número do "Time", efectuada de 1 a 3 de Março com base numa amostragem de um milhão de pessoas registadas nas listas eleitorais.

Quarenta por cento dos contactados pensam que as coisas estão a andar de um certo modo bem ou muito bem no país, e 49 por cento que o estado da economia melhorou. Cinquenta por cento contra 45 em Dezembro pensam que o seu nível de vida melhora dentro de um a dois anos.

O presidente Reagan não beneficia, no entanto, desta subida de optimismo. São 46 por cento das pessoas interrogadas (57 em Maio de 1981, poucos meses após a sua entrada em funções) consideram que Reagan é um responsável em que se pode confiar — esta percentagem é a mais baixa jamais registada. Cinquenta por cento (49 em Dezembro) emitem dúvidas ou reservas e 70 por cento daqueles que exprimiram uma opinião pensam que ele serve os interesses dos ricos e não o conjunto dos americanos. Cinquenta e um por cento esperam pois que não se volte a apresentar (contra 37 por cento que tem opinião contrária). Cinquenta e quatro por cento preferiam qualquer democrata aceitável a Reagan.

Entre os eleitores democratas, o antigo vice-presidente Mondale é o preferido por 38 por cento dos eleitores contra 21 pelo senador John Glenn.

Apoio a São Salvador

O secretário norte-americano da Defesa, Caspar Weinberger, assegurou ontem que os Estados Unidos apoiarão o Governo salvadorenho até à vitória militar contra a guerrilha.

Falando no programa "Face The Nation" da cadeia de Televisão CBS, Weinberger disse que os 130 milhões de dólares pedidos pelo presidente Ronald Reagan como ajuda adicional a El Salvador, são «necessários para assegurar a democracia naquele país».

As forças governamentais salvadorenhas «prevalecerão sobre a guerrilha», disse, com o devido treino, como já foi feito com dois batalhões nos Estados Unidos e está a ser feito com um terceiro na Venezuela.

Sobre a duração da ajuda militar norte-americana a São Salvador, Weinberger afirmou que continuará até que «o reforço democrático (do Governo salvadorenho) possa continuar sem o impedimento das actividades militares da guerrilha».

Winberger em caso algum falou da possibilidade de uma solução política para El Salvador mas, remetendo a questão para o diferendo Leste-Occidente e para a teoria do domínio, disse que os Estados Unidos não podem tolerar que o comunismo ponha um pé no continente.

Honecker mantém propósito de ir à RFA

Erich Honecker, chefe de Estado e do Partido Socialista Unificado da República Democrática Alemã, anunciou, domingo, em Leipzig, uma semana após a vitória da coligação do chanceler Kohl nas eleições antecipadas da RFA, que mantém o seu projecto de visita oficial à Alemanha Federal.

Honecker que visitava a Feira da Primavera de Leipzig, anunciou a manutenção dessa visita numa declaração que os observadores consideraram ter um tom muito moderado.

Sem aludir ao resultado das eleições na RFA, Honecker salientou que as óptimas relações comerciais entre as duas alemãs

favoreciam a continuação de um diálogo político produtivo.

Reunião em Moscovo

Uma reunião dos Partidos Comunistas dos países membros do Pacto de Varsóvia decorre hoje e amanhã em Moscovo, ao nível dos secretários dos Comités Centrais, indica fonte informada na capital soviética.

Esta reunião, indica a mesma fonte, insere-se no quadro das consultas regulares entre estes partidos. Será consagrada essencialmente ao reforço dos laços entre os Partidos Comunistas em questão em matéria de propaganda ideológica, no contexto da situação internacional actual.

era

a

principais francesas, as cidades para as que consideravam dia 6 de Março.

que François Mitterrand confrontado com os resultados eleitorais e com um certo descontentamento das forças do trabalho, avance com um novo cenário, ou seja, determine uma remodelação ministerial.

Reorganização à direita

Mas não é só a maioria que poderá estar em vésperas de uma remodelação do seu executivo e da sua prática.

A direita, tendo em vista as próximas eleições presidenciais, um surdo combate opõem Jacques Chirac, do RPR (neo-gaullista) ao antigo presidente Giscard d'Estaing, líder da UDF.

Os resultados eleitorais dão, como vencedor desta batalha e, até certo ponto do escrutínio, o partido de Chirac que, para além de se ter «apoderado» de Paris, duplicou praticamente o número dos seus municípios com mais de 30 mil habitantes. A UDF de Giscard, pelo contrário, regista ganhos muito mais modestos que o seu aliado de oposição.

Assim tudo indica que, as presidenciais terão como candidato da direita Jacques Chirac.

Outro aspecto da reorganização da oposição de direita centra-se no ressurgimento da extrema-direita, principalmente devido aos bons «scores» da «Força Nova» e da lista de «Marselha Segura».

Fazendo uma campanha contra os emigrantes, apontados como «o mal de todos os males» da França, estas forças extremistas entraram em aliança com a direita «civilizada» para desalojar as forças de esquerda de diversos municípios. Resta saber se, os dois atentados registados durante a semana em Marselha, e atribuídos pelo governo de Paris a essas forças, são o início de uma acção sistemática ou, «fogo de vista» que, embora extremamente grave, se dissipará.

A

eleição estadual

pelo seu candidato, Uwe Barschel, que substitui, desde há cinco meses, nos posto de ministro-presidente do estado Gerhard Stoltenberg, que entretanto se tornou ministro das Finanças da RFA, como «uma confirmação pelos eleitores da política de centro-direita a nível federal do chanceler Helmut Kohl».

O candidato do SPD, o antigo ministro da Educação da coliga-

ção FDP-SPD do ex-chanceler Schmidt, Björn Engholm, reconheceu que «o seu partido não tinha conseguido derrubar o governo de Jiel, mas que pelo menos tinha obtido o seu melhor resultado desde 1950».

Quanto ao FDP, actualmente só está representado em cinco parlamentos regionais da RFA, no domingo só pode beneficiar do bónus das eleições legislativas

de domingo passado e o a sua promessa de aliança com o SPD ao nível regional contribuiu sem dúvida para atemorizar os eleitores.

Os «Verdes», que acreditavam entrar para o seu sétimo Parlamento Regional em Kiel, não conseguiram reeditar o seu êxito de domingo passado a nível nacional e ficaram muito longe do seu objectivo.

o dos "Verdes" foi chefe das "SA"

os «Verdes» eleitos para o Bundestag, renunciará ao seu mandato — soube-se hoje em Bonn. E deveria pela sua idade ser quem da nova legislatura do parlamento a 6 do corrente reconheceu que SA, as divisões de choque das socialistas.

Antes de apresentar a sua candidatura como chefe de lista pela Renânia do norte-Vestefália, Vogel informou do seu passado, mas não lhe foram colocadas objecções.

O caso provocou contudo uma polémica na presidência federal do partido, pelo que Vogel se demitiu das funções embora afirmando que o seu passado como «SA» não implica nada porque tenha de arrepender-se.

ANGOP denuncia Governo português pelo acolhimento dado ao terrorismo antiangolano

O Governo português permite a existência de organizações que conspiram contra a República Popular de Angola, em Portugal, e concedeu visto de permanência a altos dirigentes dos agrupamentos fanáticos angolanos, apurou a ANGOP na capital portuguesa — segundo texto hoje divulgado pela agência angolana.

Estes factos foram alvo das atenções dos chefes de Estado de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo-Verde e S. Tomé e Príncipe que, na sua última cimeira, na Cidade da Praia, em Setembro de 82, manifestaram as suas preocupações face a esta realidade.

Os presidentes mostraram então o seu desagrado em relação a «certos países com quem os Cinco Estados mantêm relações normais de amizade» e que, no entanto, «permitem que os seus territórios sirvam de base de apoio para o fomento e preparação de acções subversivas e terroristas».

Os líderes africanos consideraram que «a tolerância perante estas acções, que se traduzem na destruição de vidas e bens, torna-se na prática, em cumplicidade com os agressores dos nossos países».

Elementos colhidos, desde então pela ANGOP em Lisboa

junto de diversas fontes, incluindo organismos oficiais, permitem concluir da pertinência e justiça da posição assumida colectivamente pelos cinco presidentes.

Ouvindo vários dirigentes e governantes portugueses, foram, no entanto, infrutíferas as inúmeras tentativas de procurar entrevistar o Primeiro-Ministro português, Pinto Balsemão, sobre o assunto pelo que não é possível à ANGOP, neste momento, conhecer a posição oficial do Governo de Lisboa sobre esta matéria.

Recorde-se, entretanto, que a próxima reunião dos cinco Estados vai decorrer na Cidade da Praia em Dezembro.

Angola e EUA dialogam em Paris

Conversações anglo-norte-americanas poderão já ter começado esta manhã na capital francesa, a dar-nos crédito às especulações justificadas das agências internacionais. Neste momento, encontram-se em Paris Alexandre Rodrigues (Kito), ministro angolano do Interior, que tem sido representante angolano ao diálogo anglo-norte-americano no Sal, e Frank Wiesner, secretário de Estado-adjunto para os Assuntos Africanos dos EUA, o qual já se deslocou a Luanda em Agosto e Setembro do ano passado e em Janeiro deste ano.

Tanto «Kito» como Wiesner parecem chefiar delegações sobre cuja constituição nada se sabe.

Até à hora do fecho desta edição não havia qualquer confirmação das conversações nem em Luanda nem em Washington.

Reorde-se também que em Janeiro último, Frank Wiesner esteve em Angola, acompanhado pelo embaixador norte-americano na Zâmbia, Nicholas

Platt, delegação que imediatamente se deslocou a Portugal, sem que até agora tenha transpirado qualquer revelação sobre o teor dos encontros de Wiesner e Platt com as autoridades portuguesas.

Saliente-se ainda que a agência nacional angolana, ANGOP, escolheu o dia de hoje (v. nesta mesma página a notícia relativa a este facto) para denunciar em termos, que devemos considerar muito severos, o comportamento do governo português face aos movimentos terroristas e contra-revolucionários que operam na RP de Angola financiados e apoiados pela África do Sul.

Conversações do Sal vão recomeçar

Uma nova sessão de conversações entre Angola e a África do Sul está a ser preparada para antes do fim do mês na ilha do Sal, soube hoje a ANOP de fontes diplomáticas em Maputo.

A delegação sul-africana deve, desta vez, ser encabeçada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Roelof Botha, num gesto que é considerado «prelúdio de que, pelo menos, alguns aspectos das conversações poderão ser conclusivos».

Numa iniciativa provavelmente situada no âmbito da preparação da nova sessão, de conversações, um dos principais negociadores sul-africanos, o director-geral do Ministério dos Estrangeiros, Van Dalsen, encontra-se em Washington.

As fontes contactadas pela ANOP indicam que nas últimas conversações, em 23 de Fevereiro, a delegação sul-africana teria chegado a oferecer contrapartidas concretas à retirada das tropas cubanas de Angola.

Entre as referidas contrapartidas incluía-se um abreviamento do processo de independência da Namíbia, a assinatura imediata de um acordo de cooperação económica e a retirada total das tropas sul-africanas do Sul do território angolano.

Ministro de Harare afirma em Londres

Conversações com Nkomo

só no Zimbabwe

Algumas horas depois da chegada a Londres do dirigente da oposição zimbabueana, o ministro da Informação do Zimbabwe, Nathan Shamuyarira, afirmou ontem, na capital britânica, que «todas as discussões significativas» com Joshua Nkomo só podiam ter lugar em Harare.

Por interposta conferência de Imprensa, o ministro respondeu assim a Joshua Nkomo — que se refugiara na passada terça-feira no Botswana —, qualificando-o de «fugitivo».

Assim que chegou ao aeroporto de Londres, ontem de manhã, o dirigente da oposição no Zimbabwe anunciou que desejava obter «conversações a sós» com representantes do Governo de Harare. O chefe da ZAPU (União do Povo Africano do Zimbabwe) era por procedente do Botswana, para onde fugiu na passada terça-feira, afirmando que a sua vida estava ameaçada no Zimbabwe. A sua residência, em Bulawayo, foi alvo de buscas pelas Forças Armadas, e os seus filhos, filha e genro continuam detidos.

Joshua Nkomo precisou que não estava no exílio e que não tinha a mínima intenção de se instalar fora do Zimbabwe. No entanto, considerou que as garantias sobre a sua segurança que lhe foram dadas até agora no seu país são insuficientes.

O ministro da Informação do Zimbabwe, Nathan Shamuyarira, afirmou ontem, na capital britânica, que «todas as discussões significativas» com Joshua Nkomo só podiam ter lugar em Harare.

ranças sobre a sua segurança que lhe foram dadas até agora no seu país são insuficientes.

O ministro da Informação do Zimbabwe, Nathan Shamuyarira, afirmou ontem, na capital britânica, que «todas as discussões significativas» com Joshua Nkomo só podiam ter lugar em Harare.

O ministro desmentiu que o seu Governo queira «liquidar» o dirigente da oposição. «Temos quatro ministros da ZAPU no nosso Governo. Nkomo deu a impressão de que nós queríamos liquidá-lo. Isso não é verdade. Ele não é uma ameaça política em termos eleitorais. O Zimbabwe continuará a consolidar a sua independência com ou sem Joshua Nkomo. Preferiríamos fazê-lo com ele».

No que diz respeito às acusações relativas a tráfico de divisas em que o dirigente da oposição zimbabueana estaria implicado, o ministro indicou que se tratava de um «problema técnico da competência da Polícia. Só uma pequena percentagem dos in-

quéritos abertos acabam em inculpação», acrescentou.

Nathan Shamuyarira afirmou que a filha de Joshua Nkomo será libertada dentro em breve, mas que «o genro terá de responder a questões racionais com as suas actividades com jornalistas».

O ministro zimbabueano assegurou que o seu país se encontra «estável» e acusou a Imprensa estrangeira de ter inventado uma guerra civil. A província do Matabeleland será reaberta proximamente aos jornalistas estrangeiros, acrescentou.

Para Nathan Shamuyarira, a chegada de Joshua Nkomo a Londres não prejudicará as «boas relações» que o seu país mantém com a Grã-Bretanha.

O chefe da oposição do Zimbabwe, que viaja sem passaporte e segundo as suas próprias declarações — «com o rosto» como única identificação, não quis dizer quanto tempo ficará na Grã-Bretanha: «Parto quando partir», indicou.

O Ministério britânico do Interior concedeu-lhe uma licença de estadia de uma semana, susceptível de ser reexaminada, mas de fonte oficiosa em Londres deixa-se entender que o Governo não «está cheio de entusiasmo» face à presença de Joshua Nkomo.

Aristides Pereira (em Nova Deli) ao "DL"

“A minha resignação não tem qualquer fundamento”

NOVA DEHLI, (Do nosso enviado Ribeiro Cardoso) — O Presidente da República de Cabo Verde, Aristides Pereira, que ontem ao princípio da tarde, recebeu o enviado do “DL” na sua “suite” do esplendoroso Hotel Ashoka, está de boa saúde e a par de toda «especulação e boataria» acerca da sua «resignação até ao final do ano de 83.»

«O próprio Primeiro-Ministro me telefonou. Essa notícia, veiculada pela ANOP e pela France Presse, não tem qualquer fundamento. Não há que lhe dar qualquer importância, embora não seja de esquecer que notícias desse género não são nunca inocentes. Há apenas que averiguar que interesses é que se movimentam para que tal notícia, completamente ridícula e falsa, tenha podido vir à luz do dia» — acrescentou ainda o Presidente Aristides Pereira que, a propósito, contou ainda alguns pormenores relativos à rapidez do boato.

«Até nos EUA a notícia circulou. Já já com mais pormenores. Digamos, já enriquecida» — disse Aristides Pereira, soltando uma sonora gargalhada.

Cópias dos telexes da ANOP e da France Presse, que veicularam tal notícia, estão na posse do Presidente cabo-verdiano, enviados directamente pelo próprio Primeiro-Ministro, Pedro Pires, para o hotel onde aqui se encontra hospedado.

Da entrevista que o Presi-

dente Aristides Pereira concedeu a este enviado do “DL”, bem como as peripécias que a rodearam a nível da segurança montada de uma forma apertada fora e dentro do hotel, vos falarei depois de chegar a Lisboa. Para já, direi tão somente que o Presidente cabo-verdiano foi adiantando que as conversações directas entre angolanos e sul-africanos, no Sal, irão continuar em breve, pois os «resultados, apesar do segundo encontro não ter sido famoso, são positivos e não há melhor caminho para resolver os problemas do que sentar à mesma mesa os dois beligerantes».

Aristides Pereira fez ainda questão de lembrar que esses contactos directos, no Sal, entre angolanos e sul-africanos, «já vêm desde o tempo do presidente Agostinho Neto. O que acontece é que foram mantidos em rigoroso sigilo».

O presidente cabo-verdeano falou ainda do encontro realizado em Nova Deli entre os cinco presidentes dos países africanos que utilizam o português como língua oficial: a sua conversa a sós também aqui, na capital indiana, com o presidente da Guiné-Bissau, Nino Vieira, com quem mantém as melhores relações pessoais, terá obtido grande receptividade no seio dos não-alinhados, onde a Indonésia dispõe de grande poder de manobra (continua) em entanto a desenvolver-se esforços para que a situação do Povo Mau-

ber seja contemplada na declaração final), da VII Cimeira dos Não-Alinhados, «extremamente importante, necessária e oportuna», e que, pela maneira como está a decorrer «será, sem dúvida, das mais importantes, se não a mais importante, de todas quantas se realizaram», e das relações com Portugal, que qualifica de «exemplares, embora necessitem de ser ainda mais aprofundadas».

Cimeira do consenso

A VII Cimeira dos Não-Alinhados termina ou melhor: julga-se que terminará, pois os trabalhos estão um pouco atrasados e nos bastidores as negociações continuam extremamente intensas. A questão da guerra Irão-Iraque continua no centro de todas as «démarches» e ainda não foi encontrada uma fórmula que permita tirar do impasse este conflito que envolve dois países membros do movimento. A questão do local onde se realizará a próxima cimeira continua também ainda em aberto. Irão, Líbia e Síria opõem-se a que daqui a três anos ela tenha lugar no Iraque, onde, não fora a guerra com o Irão, se deveria ter realizado já este ano.

Tudo indica que a «cimeira» delegue em Indira Gandhi a responsabilidade de, em futuras «démarches», vir a encontrar uma solução para o problema. Se assim for tal significa que esta «cimeira» terminou sem saber onde se reunirá de novo.

Quanto aos principais problemas, o consenso é praticamente total. Todos estão de acordo com a necessidade de uma urgente nova ordem económica internacional, com o fim da corrida armamentista, nomeadamente a nuclear, com a desmilitarização do Índico.

Por outro lado as «questões Kampuchea e Afeganistão», alvo de um interesse desmesurado e até doentio da grande imprensa internacional Ocidental (como terei oportunidade de relatar com base nas espectaculares e impressionantes conferências de imprensa a que assisti neste Centro de Imprensa), foram ultrapassadas de uma forma relativamente fácil que surpreendeu alguns observadores, com relevo para os yankees.

Portanto, espera-se, pelo fim desta conferência. Um fim desejado por todos, que mostram nos rostos o cansaço que por aqui vai no final de cinco dias de discursos, negociações, conferências, entrevistas. O aeroporto de Delhi foi praticamente fechado ao tráfego, pois largas dezenas de aviões presidenciais aguardavam ali, ontem, ordem de partida. Felizmente foram aqueles que já partiram, o que aconteceu em relação a cerca de uma dúzia de delegações, nas quais se incluiu Moçambique.

O Presidente Machel, que depois de ter saído do Maputo ainda foi visitar a URSS e a RDA antes de chegar aqui, regressou 5.ª de manhã

A partir de amanhã em Kingston

Cento e vinte países vão discutir ‘Autoridade Internacional do Mar’

A reunião preparatória da Comissão de Autoridade do Mar inicia-se amanhã em Kingston com a presença de representantes de cerca de 120 países, para estabelecer formalmente a Autoridade Internacional do Mar (AIM).

Até que a organização da AIM esteja concluída — o que só deverá acontecer dentro de dois anos — incumbirá a pessoal das Nações Unidas o encargo de se ocupar dos assuntos relativos à Comissão da Autoridade do Mar.

Para tanto, 20 ou 30 funcionários da ONU permanecerão em Kingston — a sede escolhida para a AIM — a fim de se ocuparem do auxílio administrativo a prestar à organização.

A Autoridade Internacional do Mar é o fruto de 20 anos de negociações sobre os problemas que a comunidade internacional defronta no que respeita aos direitos marítimos.

O resultado dessas negociações foi a assinatura da Lei do Mar, em 10 de Dezembro do ano passado, em Montego Bay, Jamaica, por 129 nações.

Este tratado, considerado pelos peritos como o mais importante desde a criação das Nações Unidas, inclui acordos sobre a jurisdição nacional das costas marítimas, as águas internacionais, a exploração do leito marinho e os direitos marítimos dos países que ainda não atingiram a independência política — entre outros problemas que se relacionam com o mar.

A criação da AIM foi já ratificada por 60 países, que elegeram a Jamaica para sede permanente da nova organização.

Países há, com grandes interesses marítimos como os Estados Unidos, a Grã-Bretanha e a Alemanha Federal, que se recusam a ratificar essa lei, por não concordarem com algumas das suas cláusulas.

Em contrapartida, quase todos os países em desenvolvimento têm manifestado o seu interesse e dado o seu apoio à Lei do Mar, convencidos de que a criação da Autoridade Internacional do Mar lhes assegurará grandes benefícios, principalmente no que se refere à exploração do leito marinho em águas internacionais.

O comunicado oficial sobre a reunião do dia 15, publicado na sede da ONU em Nova Iorque, recorda que a comissão se reúne depois de cumprida e largamente ultrapassada a condição fundamental aprovada em Dezembro último: que esta primeira reunião se efectuasse depois de pelo menos 50 Estados terem assinado a convenção do mar.

No entanto, para que a convenção entre em vigor, será ainda necessário a criação da Autoridade Internacional do Mar e do Tribunal da Lei do Mar.

É dessa dupla criação que vai ocupar-se a reunião de amanhã.

O comunicado acrescenta que a acta final da conferência deverá ser assinada por 150 países, o que não implica qualquer tomada de posição desses Estados relativamente ao conteúdo da convenção, mas é a única forma de lhes assegurar o direito de intervenção e de voto nas sessões seguintes.

Os Estados não signatários

terão apenas o estatuto de observadores.

A comissão, que entrará em funções durante a conferência deste mês, terá a seu cargo a elaboração de projectos de resolução, de normas e de procedimentos, que levem ao início da actividade das funções da AIM. E deverá igualmente estabelecer o respectivo orçamento e a sua primeira agenda de trabalhos.

Algumas definições

As negociações para a Lei do Mar permitiram já algumas definições, sobre as quais a reunião de Kingston não deverá levantar dúvidas.

As mais importantes definições já estabelecidas são as seguintes:

— **Águas interiores:** são essencialmente as águas dos portos, das baías e dos estuários de tamanho razoável. Encontram-se totalmente sob jurisdição do Estado costeiro. Todos os navios estrangeiros, mesmo civis, só lá podem entrar com autorização prévia. Esta regra aplica-se também ao sobrevoo por aeronaves.

— **Mar territorial:** a partir da entrada em vigor da AIM, a extensão das águas territoriais, desde a costa, terá um máximo de 12 milhas marítimas (22,22 quilómetros), extensão aliás já adoptada por numerosos países, entre os quais Portugal.

No caso das águas territoriais, o país costeiro tem direitos muito menores que nas águas interiores: tem, por exemplo, de tolerar a «passagem inofensiva» de todos os navios, incluindo os de guerra — reivindicando alguns Estados o direito ao pedido de autorização de passagem pelo «navio inofensivo».

São muitos os obstáculos

Os principais obstáculos, que têm impedido até aqui a redacção definitiva do estatuto da autoridade do mar, são os seguintes:

— Os Estados Unidos e outros países industrializados opõem-se a que a exploração dos fundos marinhos internacionais deixe de ser património da iniciativa privada.

— A Espanha e a Argentina não aceitam que a convenção seja aplicada a territórios «ainda com estatuto colonial» — como Gibraltar e as Malvinas.

Demissão desmentida pela emissora de Cabo Verde

«— Meios de informação internacional divulgaram a «novidade» segundo a qual o camarada presidente Aristides Pereira estaria a preparar-se para deixar os seus cargos de Direcção Política no Estado Caboverdiano por motivos de doença. A Rádio Nacional contactou imediatamente entidades do país que nos informaram de que a notícia carece de fundamento.

No entanto, é sabido que as notícias não são nunca inocentes. Têm sempre um objectivo, um fim determinado, uma razão de ser.

Quando um órgão de comunicação social divulga um facto ou publica uma informação, quando, lisonjeia ou desanica à bordoad» uma entidade ou um regime, o ouvinte avisado tem a obrigação de procurar saber o porque, de tentar analisar as intenções que se escondem por trás destas, **notícias**».

É por isso que, no caso presente, convém tentar descortinar os verdadeiros motivos das preocupações sobre a saúde e as intenções políticas do presidente Pereira e o porque da publicação desta **notícia** neste momento.

Não se pretenderá, com essa notícia, sugerir serem vãos os esforços que se vêm fazendo no sentido da busca de uma solução pacífica para a situação na África Austral e que os passos já dados são só de pouca dura, porque frágil um dos elementos essenciais do processo: o presidente Aristides Pereira?

Ou talvez, ao pretender desvendar-se uma eventual fraqueza

nas instituições cabo-verdianas, não se querará sugerir limites à diplomacia de um pequeno país e frear-lhe os impetus no momento em que ele se afirma como defensor coerente dos princípios fundamentais do relacionamento entre as nações, a paz, a igualdade, o respeito mútuo e a cooperação?

De todo o modo, a notícia não deixa de prejudicar as negociações da paz iniciadas entre a República Popular de Angola e a África do Sul. Como efeito, ela é divulgada no preciso momento em que o presidente Aristides Pereira, na importante cimeira dos países Não-Alinhados em Nova Deli não deixará de explicar aos seus pares a posição cabo-verdiana sobre essa importante questão. A demais não será legítimo pensar-se que se queira enfraquecer a posição de Cabo Verde no processo, refrear a sua persistência e, talvez, recomendar-lhe que melhor será ocupar-se dos seus assuntos internos em vez de relações exteriores, que nem são de sua conta?»

Todavia, as entidades contactadas em Cabo Verde, informaram que o chefe de estado, figura cuja importância e estatura política são reconhecidas sobejamente, age como o líder de uma direcção política colegial, cujas decisões são tomadas e assumidas colectivamente o que constitui garante da continuidade da linha política considerada justa e assegura a continuação das acções proveitosas para os interesses nacionais.

10º ANIVERSÁRIO 1973 - 1983

GIBEL
CABELEIREIRO DE SENHORAS

Quick Set

Para si criamos o sistema GIBEL que nos permite ser mais rápidos e mais económicos além disso abolimos a gratificação.

das 8 h às 20 h

Cç. do Sacramento, 38 — LISBOA

MERCEDES
300 D BRANCO

MATRÍCULA CL-08-74

ROUBADO

Alvissaras quem indicar paradeiro para
Telefones. 774957/776714/771330.

De 28 Fevereiro a 15 de Março

DESPORTO



Silvino antecipa-se a Chalana e Diamantino

Guimarães, 0 — Benfica, 0

Satisfeita a vontade

Quem foi a Guimarães (cerca de 30 mil) na mira de presenciar um bom espectáculo, enganou-se. Apostados em não perder pontos, as duas equipas limitaram-se, como é usual dizer-se, a cumprir calendário. Se exceptuarmos 15 minutos que se seguiram ao intervalo, em que o Benfica deu a sensação de que estaria informado com o resultado, não há dúvida que a partida entre o actual guia do campeonato e o 4.º classificado (a nonhar também ele com a Europa) constitui uma enorme desilusão.

Cedo, aliás, os técnicos mostraram que não estavam ali para enganar ninguém: ambos optaram por um 4x4x2 mais defensivo do que ofensivo; ambos, também, deixaram ficar os seus «homens-golo» no banco. Nenê entraria aos 65 minutos para render Carlos Muel e Joaquim Rocha ficou os 90 minutos a roer as unhas, todo enfiado no seu fato de treino, que o calor não era muito. Que esperar, portanto, de duas equipas manietadas pelos próprios técnicos? Apenas aquilo que se viu: uma lentidão de pôr os nervos à flor da pele, passes e mais passes a meio-campo, sem um objectivo definido, e os dois guarda-redes a terem de dar de vez em quando umas corridinhas para não perderem o ritmo. Enfim, um espectáculo pago a peso de ouro, mas que, bem vistas as coisas, não valeu um «pataco».

Mais do que as palavras, julgamos que os números falam por si. Na 1.ª parte, o Guimarães beneficiou de três «pontapés de canto», nove faltas e fez quatro remates à baliza contrária, saindo dois ao lado e outros tantos à figura de Bento. O Benfica, por sua vez, contabilizou a seu favor cinco «cantos», onze faltas e, apenas, um remate à baliza

contrária, o qual, diga-se em abono da verdade, obrigou Silvino a uma defesa de recurso. No período complementar, o «deve e haver» de cada equipa foi, ainda, deveras esclarecedor. O Vitória não beneficiou de qualquer «canto», mas dispôs de dez faltas das quais resultaram um remate para as nuvens e dois «directos» a Bento. A turma «encamada» foi brindada com três «cantos» e sete faltas, mas não conseguiu mais do que dois remates para fora e um terceiro que Silvino aparou sem grande dificuldade.

Uma sociedade em crise, aquela que vimeanenses e benfiquistas constituíram ontem, à tarde, no «Municipal» da cidade-berço, não obstante, como dissemos, as «promessas» do período que se seguiu ao intervalo: que, todavia, não justificou os quilómetros percorridos, nem os maravedis gastos com a gasolina ou o bilhete de transporte, mais os 500 «paus» para os «roijões à moda do minho» e, quicá, mais do que isso para o rectângulo mágico que dá direito a lugar na plateia. Fora os «extras, claro...

Apesar de tudo, terá de reconhecer-se que o Benfica foi a equipa que fez alguma coisa (pouco é certo) para justificar uma eventual vitória. Para além da tal reacção que, se seguiu ao período de descanso, os «encarnados» (subentenda-se o técnico Eriksson) «jogaram» mais ao ataque nas próprias substituições. Enquanto os vimeanenses trocaram um médio (Nivaldo) e um avançado (Carraça) por uma defesa (Ramalho) e outro avançado (Fonseca), os benfiquistas optaram por dois avançados (Nenê e José Luís) para o lugar dos médios Carlos Manuel e

Sheu, respectivamente. Resta acrescentar que, pelas duas defesas que efectuou, Silvino foi o homem mais em evidência na equipa minhota, logo seguido por Nivaldo e Abreu, os dois estrategas da manobra vitoriana. No Benfica, saliência também para Alves o (rematador de serviço) e Carlos Manuel, um dos poucos que teimou em quebrar a monotonia.

Sobre o trabalho da equipa de arbitragem pouco haverá a dizer, uma vez que a predisposição dos «artistas» facilitou sobremaneira a tarefa. Nota positiva, até nova observação.

Manuel Neto



Fillpovic foi papá de uma menina. Mãe e filha estão ótimas, no quarto 316 da Clínica da Cruz Vermelha (Lisboa)



Nenê: entrada tardia não favoreceu a procura do tento

Árbitro: Carlos Valente (Setúbal), auxiliado por Carlos Cortiço (ataque do Guimarães) e Jacinto Roque (ataque do Benfica).

Guimarães: Silvino; Gregório Freixo, Amândio, Barrinha e Murça; Paquito, Nivaldo (Ramalho, aos 83 m.), Abreu e Laureta; Paulo Ricardo e Carraça (Fonseca, na 2.ª parte).

Benfica: Bento; Frederico, Humberto Coelho, Bastos Lopes I e Álvaro; Carlos Manuel (Nenê, aos 65 m.), Alves, Sheu (José Luís, aos 75m.) e Chalana; Fillpovic e Diamantino.

Medideira: 0-1

Boavista trincou a Amora

Dia 13: azar para o Amora e festa grande (alargada pela estrada fora) entre a enorme falange de apoio que o Boavista trouxe até à margem sul do Tejo. Triunfo de Manuel Barbosa sobre António Medeiros: incontestável, porque enquanto a falta de Caio Cambalhota e a obrigatoriedade de nomes já com quilómetros de futebol em cada bota inibiu o técnico amorensense de jogar para outra coisa que não fosse um empate, o novo homem forte do Boavista (embora continue com um peso quase morto chamado Artur, a só fazer ofício de corpo presente) tem soluções que nunca mais acabam, dentro de «plantel» rico de valores, ontem excepcionalmente comandado por um Reinaldo infinitamente melhor do que quando era figura benfiquista e navegava apenas com o socorro do seu corpanzil.

Na Medideira, o possante Reinaldo deu um notável exemplo de aplicação, pois foi calcinando, correndo, reduzindo a cisco o esboço de barreira comandado por Laranjeira e, às tantas, já só faltava o golpe mortal: que só não foi ampliado porque Jorge Silva perdeu a «chance» que só surge uma vez em cada ano, com a baliza escancarada como sucedera no tento de êxito boavisteiro.

É forçoso que comece por censurar-se aquela louca mania de, para fingir enganar papalvos, se baralharem totalmente os números dos jogadores desclassificando a sua lógica posição no terreno: pensávamos que António Medeiros fazia a justiça de não considerar tão lorpas os homens da Comunicação Social e muito menos os seus adversários de cada domingo. Lá porque (se calhar) ninguém quer usar a camisola 11 e só o ainda benfiquista José António se sujeita a envargá-la, vá de trocar a malta toda, fazendo a apresentação em contagem decrescente, como se estivéssemos naquele jogo infantil das palavras ditas na inversa, que só a namorada entendia. Hoje (elementar, como diria Watson) nem empregada doméstica cai nessa.

Depois, veio aquele desarrumado compartimento defensivo, onde somente Nelson fazia os possíveis por ir ganhando um lancezito a Reinaldo. Todos os demais iam em molho para onde a bola parecia cair. Foi o que o Boavista desejou: massacrar até fazer furo. Diga-se, porém, que foi extraordinário de aplicação o brio dos amorenses: os irmãos Paixão (autênticos dirigentes-prodígio que tudo oferecem à colectividade) podem estar cientes que o fracasso quando bate à porta do «team» não é culpa da rapaziada, embora possa ficar bem sobre os ombros de quem contratou alguns daqueles futebolistas, que mais não dão porque a mais ninguém os pode hoje obrigar. Apesar deste tom crítico, evidentemente que terá de saudar-se a energia de Valter, a classe evidente de Jorge Plácido e Jaime, o vigor de Ribeiro e Rafael, ainda Baltasar, mesmo quando joga a cinco quilómetros à



Coelho: o golo que valeu dois pontos e teve, desde Matos a Reinaldo, toda uma equipa a labutar

hora, como se estivesse em futebol de salão.

Porém, a este punhado de valentes e não resignados, o Boavista opôs um «team» em fato de ganga, em traje de campeonato, com o coriáceo Reinaldo a vinte valores e, logo, José Manuel e Palhares, Matos e o mais novo dos Madureiras. No total, uma estrutura que permite aos axadrezados saltarem rapidamente da apagada e vil tristeza em que pareciam mergulhados e, ontem, pelas expressões iluminadas de quase toda a direcção do Bessa (que esteve de braço dado com a sua embaixada) já é espelho de lume e chama, coragem e fé interior.

Evidentemente que, cañuito para nós, continuamos convictos que o belíssimo relvado da Medideira vai prolongar-se por muitos e bons ao serviço do escol do futebol. Só que é preciso um pouco mais de audiência e, fazendo uma aposta na juventude e na capacidade de pulmões e pernas, ir colocando na montra nomes e mitos que pararam na história ou, momentaneamente, precisam de trabalhar um bocadinho mais para não arrastarem prestígios que todos queremos continuar a respeitar como nas suas grandes tardes de ouro.

Neves de Sousa

Sob arbitragem do santareno António Rodrigues (ajudado por Jorge Beirão e Jorge Martins) que mostrou o cartão amarelo a Nico, Jorge Plácido e Madureira, as equipas alinharam:

Amora: Botelho; João António, Nico, Laranjeira e Nelson; Jaime, Valter, Baltasar e Ribeiro (Marlon, 74), José Rafael e Jorge Plácido.

Boavista: Matos; Madureira II, Figueiredo, Artur e Nelinho; Almeida (Adão, 25), José Manuel, Bravo e Palhares; Reinaldo (Jorge Silva, 76) e Coelho.

Golo por Coelho, aos 82 minutos.

Divisão 2

Belenenses atrasa-se

A ronda 20 do Campeonato da 2.ª Divisão implanta na história os seguintes resultados na Zona Norte: Bragança - Oliveirense, 0-4; Feirense - Chaves, 0-0; Gil Vicente - Riopele, 0-0; Leça - Leixões, 1-2; Lourosa - Vizela, 1-0; Sanjoanense - Penafiel, 1-2; Valdevez - Famacão, 1-1; e Valongense - Paços de Ferreira, 1-0.

	T	E	D	G	P
Penafiel.....	12	4	4	36-17	28
Chaves.....	11	3	6	39-16	26
Leixões.....	9	6	5	34-17	24
Vizela.....	10	4	6	28-22	24
Leixões.....	9	6	5	27-17	24
Valdevez.....	8	5	7	21-20	21
Riopele.....	5	11	4	24-18	21
Sanjoanense.....	6	8	6	16-15	20
Gil Vicente.....	5	10	5	15-22	20
Famacão.....	6	8	6	20-21	20
Feirense.....	8	4	8	17-14	20
Lousrosa.....	7	6	7	15-21	20
Valongense.....	5	8	7	23-18	18
Leça (A).....	5	7	9	15-33	13
Oliveirense.....	2	8	10	16-26	12
Bragança (A).....	2	3	14	15-41	7

a) Têm um jogo a menos.

Zona Centro: Agueda - Académico, 0-0; Anadia - União de Leiria, 0-0; Benfica de Castelo Branco - Oliveira do Bairro, 1-0; Estrela de Portalegre - Covilhã, 2-2; Estarreja - Nazarenos, 3-0; Rio Maior - Beira-Mar, 2-2; Torriense - Académico de Viseu, 0-1; e União de Coimbra - Peniche, 2-1.

Agueda.....	13	5	2	34-12	31
Académico.....	13	5	2	44-18	31
U. Leiria.....	10	7	3	26-12	27
U. Coimbra.....	9	5	6	23-16	23
Torriense.....	7	8	5	24-14	22
Beira-Mar.....	6	8	6	21-22	20
Benf. C. Bragança.....	7	6	7	26-24	20
Anadia.....	8	3	9	23-27	19
Acad. Viseu.....	7	4	9	20-27	18
Rio Maior.....	6	5	9	14-29	17
Estarreja.....	5	6	9	33-36	18
Peniche.....	6	4	10	19-22	16
Oliv. Bairro.....	6	3	11	19-25	15
Nazarenos.....	5	5	10	16-32	15
Covilhã.....	6	3	11	15-34	15

Zona Sul: Atlético - Vasco da Gama, 2-2; Barreirense - Nacional, 3-0; Juventude - Grupo Desportivo Quimigal, 2-1; Odiveiras - Cova da Piedade, 2-2; Elvas - Sesimbra, 4-1; Olhanense - Belenenses, 2-1; Sacavenense - Lusitano, 1-1; e União da Madeira - Farense, 0-3.

Farense.....	16	2	2	51-8	34
Lusitano.....	8	9	3	27-17	25
U. Madeira.....	8	7	5	30-21	23
Belenenses.....	7	8	5	18-13	22
Olhanense.....	7	7	5	29-21	22
Nacional.....	7	7	6	25-20	21
Juventude.....	6	8	6	17-20	20
C. Piedade.....	6	7	7	15-29	19
Sesimbra.....	7	5	8	23-29	19
Sacavenense.....	7	5	8	17-24	19
Barreirense.....	6	6	8	26-28	18
Elvas.....	4	10	6	20-22	18
Atlético.....	5	9	7	18-24	17
Odiveiras.....	6	5	9	27-41	17
V. Gama.....	4	6	10	18-28	14
U. Quimigal.....	3	5	12	11-28	11

Divisão 3

Série E:

comando dividido entre Amadora e Cacém

Para a 3.ª divisão jogou-se a 18.ª etapa. Desfechos na Série A: M. Cavaleiros-P. Barca, 2-0; Moreirense-Neves, 3-2; Merelense-S. Martinho, 2-3; Valenciano-Monção, 1-0; Aves-Fafe, 2-1; Limianos-Coelima, 2-0; Vianense-Mirandela, 1-1 e Cabeceirense-Felgueiras, 2-0. Guia: Fafe, 28 pontos.

Série B: Esmoriz-Lamego, 1-0; Ribeirão-Tirsense, 1-0; Paredes-U. Lamas, 3-0; Lixa-Amarante, 2-1; Valadares-Vilanova, 1-1; José Alves-Infesta, 3-0; Marco-P. Brandão, 2-0 e Vila Real-Ermineiro, 1-1. Guia: Tirsense, 27 pontos.

Série C: Naval 1.º Maio-U. Seia, 1-0; Poiares-Esperança, 2-0; Tondela-Guarda, 1-1; Mangualde-Mealhada, 0-0; Viseu Benf.-Pen. Castelo, 4-0; Vilademoinhos-Ovarense, 3-2; Barco-Quaióis, 4-0 e S. Romão-Alcains, 1-0. Guia: Naval 1.º de Maio, 27 pontos.

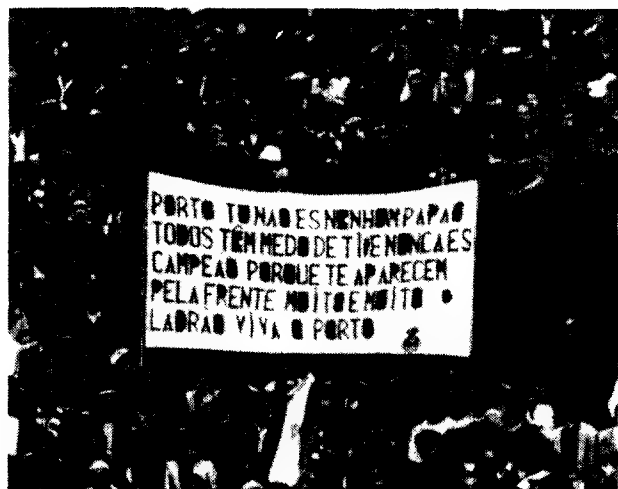
Série D: Portalegre-Caldas, 2-0; Atouguense-SL Marinha, 0-0; Pombal-U. Almeirim, 0-3; U. Tomar-Torres Novas, 2-0; Marinhas-Alferrade, 1-0; U. Santarém-Alvaizere, 9-0; Marinhense-Nisa e Benf., 0-0 e Bombarral-SL Cartaxo, 1-0. Guia: U. Tomar, 27 pontos.

Série E: Campomaior-Oliveira, 2-0; Atl. Cacém-Coruchense, 0-0; Lusitânia-Pêro Pinheiro, 3-0; Vilafranca-Vialonga, 1-0; Sintrense-Oriental, 3-2; SL Olivais-E. Amadora, 0-1; Montijo-Tires, 3-1 e S. Clara-O. Moscardine, 0-1. Guias: Atlético do Cacém e E. Amadora, 25 pontos.

Série F: Louletano-Alvorense, 3-3; Esperança-Seixal, 0-3; Silves-Vendas Novas, 1-1; C. Caparica-Trafaria, 0-1; Almada-U. Sant. Cacém, 1-3; Desportar-Campinense, 1-5; C. Indústria-L.V. Real, 1-0 e Quarteirense-Moitense, 1-1. Guia: Esperança de Lagos, 29 pontos.

DESPORTO

ponta esquerda



Estádio das Antas: sem comentário

Lever: sete futebolistas atirados para o hospital

Sete jogadores hospitalizados: eis o balanço de uma batalha campal que teve lugar ontem, à tarde, em Lever (Gaia) no decorrer do encontro entre a equipa local (o Levensense) e o Coimbrões, a contar para o campeonato distrital da 1.ª divisão da AF Porto e o qual terminou aos 88 minutos, quando as equipas estavam empatadas (2-2).

Na sequência de uma agressão de Djalo (Coimbrões) a um jogador da casa, quando faltavam dois minutos para terminar a partida, a assistência que enchia por completo o vasto recinto, na sua esmagadora maioria afecta aos locais, invadiu o rectângulo de jogo e desancou a torto e a direito nos atletas do Coimbrões que não tiveram tempo de refugiar-se nos balneários.

Ao todo foram sete os atingidos pela plateia em «pé-de-guerra»: Maurício, Aurélio, Agostinho, Leal, Machado, Maximino e Djalo». Este último, dada a gravidade do seu estado, teve de ser transferido do Hospital de Gaia para o Hospital de Santo António, no Porto.

O Coimbrões, que luta pela sobrevivência na 1.ª divisão distrital, vê-se agora a braços com uma situação deveras delicada: a de não poder apresentar uma equipa no próximo jogo com o Progresso, caso os sete jogadores hospitalizados não recuperem a tempo. De referir que a GNR estava presente com meia dúzia de elementos que se mostraram impotentes para conter a «onda» que se abateu sobre os jogadores de camisola verde e preta.



Guimarães: 400 escudos por um «peão» para não se ver o jogo. Mas que é isto?

Coimbra: conflito União-Académico

O União de Coimbra vai apresentar uma lista para a direcção da Associação Distrital de Futebol (ACF), alternativa da lista proposta pelo Académico (AC). A decisão resulta, segundo o comunicado, do facto de o CAC não aceitar o princípio de que a presidência da AFC deve ser assumida rotativamente pelos clubes mais representativos do distrito.

O União (com 63 anos de existência, e sem nunca ter ocupado a presidência da AFC), defende que lhe cabe agora esse direito.

A contestação do Académico levou à ruptura das negociações com o CAC relativamente a este ponto, refere o comunicado.

A lista alternativa para a direcção da AFC, proposta pelo CFUC e por outros clubes do distrito, é encabeçada pelo advogado Alberto Pinto Gomes, actual vice-presidente da Associação de Futebol de Coimbra.

Bobet: morreu o bretão

O antigo corredor ciclista Louisson Bonet faleceu ontem às 20h15 em Biarritz, aos 58 anos de idade, na sequência de demorada doença. O seu funeral realiza-se na mais estreita intimidade, em data ainda por determinar, na sua aldeia natal de Saint. Meen-Le Grand (Bretanha).

Nacionais de futebol

Sporting: pé ante pé

O Benfica, ao empatar (0-0) em Guimarães, perdeu terreno para o F. C. do Porto e Sporting na classificação do Campeonato da 1.ª Divisão futebolística. Os «encarnados», que lideram a competição, têm agora três pontos de vantagem sobre o 2.º classificado, o F. C. do Porto, que ganhou ao Salgueiros (5-1) e quatro sobre o terceiro, o Sporting, que bateu o Varzim (2-0).

A jornada caracterizou-se pelo fraco número de golos marcados (15 nos oito jogos disputados) e pela 2.ª vitória conseguida pelo Alcobaca neste campeonato: venceu o Espinho (3-0) mas esse resultado em nada o beneficiou na classificação, onde continua a ser último praticamente sem qualquer hipótese de fugir à despromoção.

O boavista, até agora situado no antepenúltimo lugar da tabela, foi obter uma vitória preciosa no campo do Amora (1-0) ao mesmo tempo que tirou divi-

à «Bota de Ouro» europeia. Depois de Gomes encontrarem-se três marcadores: Nenê N'Habola (autor do golo do triunfo do Rio Ave) e Jordão (que assinou os dois golos da vitória do Sporting) todos com 16 golos.

Após a jornada deste fim-de-semana, a lista dos marcadores é a seguinte: 1.º, Gomes, FC Porto, 28 golos; 2.º, Nenê, Benfica; N'Habola, Rio Ave; Jordão, Sporting, 16; 5.º, Walsh, FC Porto, 14; 6.º, Filipovic, Benfica, 13; 7.º, Oliveira, Sporting; Raul Águas, Portimonense, 9; 9.º, Joaquim Rocha, Vitória de Guimarães; Reinaldo, Boavista; Lito, Sporting, 7.

A seguir

Jogos da próxima jornada: Varzim - Vit. Guimarães (1-1, na 1.ª v.), Benfica - Marítimo (1-0), Estoril - FC Porto (0-0), Salgueiros - Rio Ave (1-3), Vit. Setúbal - Amora (0-0), Boavista - Alcobaca (1-1), Sport. Espinho - Portimonense (0-1) e Sport. Braga - Sporting (2-6).

Benfica cobiça

Laureta (Guimarães) e Dito (Braga) são pretendidos pelo Benfica, estando já a decorrer conversações encaminhadas pelo actual presidente da Luz (Fernando Martins) no sentido das transferências se efectuarem, caso a Lista B, triunfe nas eleições benfiquistas.

Juniões

Iniciou-se a fase decisiva do campeonato de futebol de juniores. Zona Norte: Sp. Braga-V. Guimarães, 5-1; Leixões-FC Porto, 1-3; U. Coimbra-Beira Mar, 2-0. A seguir (dia 20): V. Guimarães-Leixões, Beira-Mar-Sp. Braga e FC Porto-U. Coimbra. Zona Sul: Sporting-Nazarenos, 7-0; Alter-Farense, 1-1; GD Quimigal-Benfica, 0-3; Na 2.ª jornada (dia 20): Nazarenos-Alter, GD Quimigal-Sporting e Farense-Benfica.

TOTO BOLA a chave

Totobola: a chave

1	Guimarães - Benfica	...	X
2	Marítimo - Estoril	...	X
3	Rio Ave - Setúbal	...	1
4	Amora - Boavista	...	2
5	Alcobaca - Espinho	...	1
6	Portimonense - Braga	...	X
7	Sporting - Varzim	...	1
8	Feirense - Chaves	...	X
9	Sanjoanense - Penafiel	...	2
10	Águeda - Académico	...	X
11	Anadia - U. Leiria	...	X
12	U. Madeira - Farense	...	2
13	Olhanense - Belenenses	...	1

O valor de cada prémio é de 30 293 237 escudos.

Totobola: previsões

Os serviços de escrutínio do Totobola prevêem de cinco a dez apostas com 13 resultados certos, com doze resultados prevêem-se de 250 a 300 apostas.

Classificação

		J	V	E	D	G	P
1.º	Benfica	22	16	5	1	50-11	37
2.º	FC Porto	22	15	4	3	56-16	34
3.º	Sporting	22	14	5	3	41-19	33
4.º	Guimarães	22	9	7	6	26-18	25
5.º	Braga	22	10	3	9	29-29	23
6.º	Varzim	22	7	9	6	18-27	23
7.º	Rio Ave	22	10	2	10	35-31	22
8.º	Estoril	22	7	6	9	17-28	20
9.º	Portimonense	22	7	5	10	26-27	19
10.º	Setúbal	22	7	5	10	20-27	19
11.º	Marítimo	22	5	8	9	16-26	18
12.º	Boavista	22	6	6	10	18-33	18
13.º	Salgueiros	22	5	7	10	16-26	17
14.º	Espinho	22	5	7	10	14-29	17
15.º	Amora	22	5	6	11	17-31	16
16.º	Alcobaca	22	2	7	13	14-35	11

Atenção, portugueses!

A Real Sociedad, que na quarta-feira recebe o Sporting no jogo da segunda «mão» da Taça dos Campeões Europeus, empatou, no sábado, no campo do Saragoça (1-1), em jogo antecedido do Campeonato espanhol da Primeira Divisão. O golo do empate da Real Sociedad foi obtido, na segunda parte, por Larranaga.

Outros resultados da 28.ª jornada do torneio: Real Madrid - Celta, 3-0; Barcelona - Bétis, 1-1; Las Palmas - Santander, 2-1; Valência - Málaga, 1-1; Osasuna - Gijón, 2-0; Vlladolid - Espanhol, 1-0; Atlético de Bilbao - Salamanca, 4-0; Sevilha - Atlético de Madrid, 1-1. Classificação: 1.º, Real Madrid e Atlético de Bilbao, 42 pontos; 3.º, Barce-

lona, 38; 4.º, Saragoça e Atlético de Madrid, 34; 6.º, Sevilha, 33; 7.º, Real Sociedad, 31; 8.º, Gijón, 29.

O Roma, que na quarta-feira, joga no Estádio da Luz, com o Benfica, a segunda «mão» da Taça UEFA, venceu o Pisa, por 2-1. A equipa do Roma, que chega hoje, a Lisboa, às 17 e 10, comanda a classificação com 33 pontos, seguido da Juventus, com 30.

Campeões africanos

O Ferrovário de Maputo venceu o Matlama do Lesoto por 2-1, num jogo disputado em Maseru, a contar para a 1.ª «mão», primeira eliminatória, da «Taça dos Campeões Africanos» em futebol. A equipa moçambicana tem praticamente assegurada a sua passagem à eliminatória seguinte.



Washington vê a bola passar: golo 2 de Jordão

Sporting, 2-Varzim, 0

Um treino dos «Leões»

Bela exibição do Sporting, a constituir bom ensaio geral para o jogo de 4.ª feira próxima (em San Sebastian) com os «leões» a dominarem completamente o Varzim e, muito especialmente, com um «trio de ouro» em acção permanentemente ovacionada: Jordão, Xavier e Meszaros.

Jordão marcou os dois golos com que o Sporting derrotou os varzinistas: ao intervalo os «leões» triunfavam já, vindo a aumentar para 2-0, de novo por intermédio de Jordão que se cotou como a grande figura da partida e que, por si só, poderia ter construído um resultado histórico, se tivesse aproveitado as jogadas de golo que se lhe depararam.

O Sporting realizou uma das

suas melhores exibições desta época, nomeadamente na 2.ª parte, período em que ensaiou jogadas rápidas e de contra-ataque, com aproveitamento total dos espaços vazios.

Os «leões» pareceram querer treinar jogadas de contra-ataque a pensar, talvez, no jogo com a Real Sociedad, para a segunda mão dos quartos-de-final da Taça dos Clubes Campeões Europeus.

O Varzim defendeu bem, tentou o contra-ataque, mas a vivacidade do jogo do Sporting e o bom entendimento entre o seu meio-campo e o ataque não proporcionaram aos varzinistas uma única ocasião flagrante de golo.



Marques Pires: arbitragem assim-assim

Sob a arbitragem de Marques Pires, ajudado por Rui Santiago e Francisco Periquito (Setúbal) que mostrou o cartão amarelo a Washington, (aos 79 minutos) as equipas alinharam: Sporting: Meszaros; Ademar. Kikas. Zezinho (Kostov 45) e Xavier. Lito, Festas, Nogueira (Freire 68); Manuel Fernandes Oliveira e Jordão.

Varzim: Lúcio; Vitoriano, Washington, Torres e José Albino; Albino, Pinto (Lito 78), Valdemar (Vitor Manuel 82) e Adão; André e Folha.

Golos por Jordão (6 e 48 minutos)

DESPORTO

Bibliografia desportiva

Ludens

Encontra-se em distribuição o n.º 4 do volume 6 da coleção «Ludens», revista trimestral do Instituto Superior de Educação Física de Lisboa, em que colaboram Adriano de Castro, Ana Cecília Moura, João Pedro Graça, Maria Amália da Rocha, Mário Godinho, Geraldina Bettencourt, Mário da Conceição Gomes, Aníbal Rui Neves e Arnaldo José Cunha. Especial destaque para alguns trabalhos versando a actividade corporal, a condição física, as técnicas de base no basquetebol e as etapas de evolução do praticante de futebol.

«Revista do Ténis»

Editada pelo Clube Escola de Ténis de Oeiras, aí está mais um número da «Revista do Ténis», que se congratula pelo clube ter sido considerado **instituição de utilidade pública**, prova de importantes serviços já prestados à comunidade do concelho de Oeiras. Dirigida por Pedro Augusto Niny dos Santos e Joaquim Nunes, a «Revista do Ténis» conta com colaboração de Augusto Filipe, Pedro Bogarim, Fonseca Vaz, Fernando d'Almeida, José Topa, A. Vaz Pinto e Eduardo Carona. Tudo quanto interessa à modalidade tenística é assunto para a revista oeirense.

«Basket»

Revista bimestral dirigida por Eduardo Monteiro, «Basket» tem excelente apresentação gráfica e uma cuidada redacção, integrando textos de autoria de Edite Esteves, Mário Bairrada, Aurélio da Cruz, António Ferreira, Henrique Correia, João Correia de Freitas, João Pinto Carmona, Jorge Simões, José Araújo, Luís Eugénio, Manuel Castelbranco e de diversos correspondentes que, ao lado de colaboradores de prestígio (caso especial de Acácio Rosa), tornam «Basket» imprescindível para os amantes da bola ao cesto. A não perder: uma entrevista com o brigadeiro Hugo dos Santos (presidente da Federação de Basquetebol) e uma recolha das opiniões de Evaldo Poli (técnico da equipa sénior do CDUL).

Benfica: hora de eleições

Fernando Martins apresenta-se hoje



Realiza-se hoje, às 19 horas, no Hotel Altis, a conferência de Imprensa com vista à apresentação da lista de candidatura de Fernando Martins às eleições do Benfica. Muito embora de há bastante tempo se admitisse que o actual presidente do clube da Luz se recandidatava a novo mandato, pese o facto de ser outro elenco o indicado pela comissão eleitoral, Fernando Martins só a semana

passada (no decorrer de um jantar que ofereceu a todos os presidentes dos clubes da I Divisão) tornou pública a sua decisão. A lista presidida por Jorge de Brito criticou, entretanto, a ingerência de outros clubes na vida do Benfica que representou tal atitude do actual presidente da direcção. A propósito: Jorge de Brito está de luto pelo falecimento do seu pai. As nossas condolências.

Nacional de basquetebol

Barreirense vergou o Porto

A «multinacional» equipa do Barreirense, formada com base em dois brasileiros (Adilson e Marcelo) e um norte-americano (Mike Plowen) todos eles de excelentes recursos, «cilindrou» positivamente o FC do Porto na jornada 29 do campeonato nacional da 1.ª divisão de basquetebol, a decorrer na segunda fase. A usual eficiência da organização defensiva dos portistas ruiu estrondosamente ante o enorme poder de finalização dos barreirenses, que prosseguem agora totalmente vitoriosos. Notável a recuperação do grupo sediado na margem sul do Tejo, depois que passou a contar com os basquetebolistas do país irmão.

O Benfica, vencedor em Coimbra (Olivais) e na Figueira da Foz (Ginásio) continua a ameaçar a posição de líder do FC Porto. Os encarnados igualaram os portistas em pontos, mas contam um jogo mais, devido ao adiamento do encontro de sábado entre o Queluz e o FC Porto, de que adiante falaremos. O Olivais ao ser batido (no sábado) pelo Benfica sacrificou todas as possibilidades de apuramento. Cinco jogos que os oliveirenses têm que disputar fora (segundo o calendário) inviabilizam-lhes a probabilidade de integração entre os quatro primeiros, condição indispensável para a qualificação.

No sábado, aconteceu algo de anormal no pavilhão do Queluz, no decorrer do seu jogo com o FC do Porto. Quando os portistas venciam por treze pontos (82-69) a menos de quatro minutos do fim, uma avaria (que seria irreparável) na instalação eléctrica do recinto impediu a continuidade do jogo, pelo que os árbitros não tiveram outra alternativa que não fosse suspender, para não mais recomeçar o encontro. O pavilhão ficou às escuras e só ontem a avaria foi reparada para o jogo Queluz-Sangalhos, em que os locais venceram com expressão. O referido desafio terá que ser repetido integralmente como manda o regulamento e o Porto, de vencedor quase certo, em momento ocasional de supremacia nítida, será coagido a expor-se a uma derrota na repetição, que poderá ter a agravante de influenciar a classificação no 1.º e 2.º lugares.

O Benfica e o Barreirense tornaram-se mais ameaçadores do FC do Porto na sua legítima posição de guia, o que é muito importante do ponto em que a fase final da prova será disputada no recinto do vencedor no conjunto das duas primeiras «poules».

De salientar nas duas jornadas a expressão pontual entre vencedores e vencidos, nomeadamente na de ontem, em que se

registraram três «centenas» (Barreirense, Benfica e Olivais).

Da série dos últimos realizou-se o jogo Ovarense-Sanjoanense, em que os «vareiros» (ao vencerem por grande diferença pontual) já se libertaram da queda no último lugar. A luta agora para evitar a despromoção resumir-se-á ao CDUL e a Sanjoanense.

Resultados na série dos primeiros (28.ª jornada): Barreirense - Sangalhos, 90-54; Olivais - Benfica, 75-88; Ginásio - Atlético, 94-72 e Queluz - FC do Porto (a repetir). 29.ª jornada: Queluz - Sangalhos, 95-59; Barreirense - FC do Porto, 102-82; Ginásio - Benfica, 76-101 e Olivais - Atlético, 101-81.

Série dos últimos (3.ª jornada): Ovarense - Sanjoanense, 89-74 (folgou o CDUL).

Pontuação na série dos primeiros: 1. FC do Porto, 2829 jogos e 51 pontos; 2. Benfica, 3-51; Barreirense, 29-50; 4. Queluz, 28-47; 5. Olivais, 29-47; 6. Sangalhos, 29-41; 7. Atlético, 29-40 e 8. Ginásio Figueirense, 29-8.

Série dos últimos: 1. Ovarense, 3 jogos e 5 pontos; 2. Sanjoanense, 3-4 e 3 CDUL, 2-0.

A próxima jornada disputa-se no sábado, com o Barreirense no Pavilhão do Benfica. Para os últimos: CDUL - Ovarense, em Lisboa.

Ciclismo de Norte a Sul

António Fernandes (FC Porto), venceu o prêmio Fundador, em ciclismo, disputado em percurso de 144 quilómetros, com partida e chegada a Guimarães.

A prova, para seniores A e B, foi organizada pela Associação de Ciclismo de Braga.

O vencedor, que triunfou ao «sprint», fez 3h11m26s.

No 2.º e 3.º lugares classificaram-se António Pinto (Mako Jeans) e Luís Teixeira (Coelima).

Em seniores B, triunfou Eurico Quinas (Avidos), seguido dos seus companheiros de equipa Artur Gonçalves e Alberto Calheiros.

Sul

Luciano Soares (Olhanense) ganhou a prova de seniores «B», Loulé/Loulé promovida pela Associação de Ciclismo de Faro, em homenagem a Bexiga Peres, impulsor da modalidade no Algarve, nos anos 30.

O vencedor cobriu o percurso em 2 horas e 29,12 minutos, tendo batido ao «sprint» Jorge Corvo (Olhanense), Joaquim Colaço (Desportivo de Cuba) e Modesto Fernandes (Olhanense), todos com o mesmo tempo.

Por equipas triunfou o Olhanense, seguido do Clube de Ciclismo de Távira e do Clube de Ciclismo de Loulé.

A média da corrida foi de 36,595 km/h para 91 quilómetros distribuídos por quatro voltas.

Centro

Benjamim Carvalho e o seu clube (Lousa) venceram a prova de seniores «A» e «BB», 110 quilómetros entre o Campo Pequeno (Lisboa) e Linhó, promovida pela Associação de Ciclismo do Sul.

O vencedor cobriu o percurso em duas horas e 52 minutos, tendo batido sobre o risco Elias Campos (Távira), Paulo Ferreira (Lou-

sa), Fernando Vale (Pinheiro de Loures) e António Oliveira (Mora-dores da Portela).

Por equipas, triunfou o Lousa, seguido do Távira e do Pinheiro de Loures.

Em juniores (86 quilómetros, com partida e chegada também entre o Campo Pequeno e Linhó) venceu Joaquim Gomes (Carnide Stop/ACNE), com 2.21,39 horas, seguido, com o mesmo tempo, pelo seu companheiro Luís Janeiro.

Em 3.º lugar classificou-se José Santos (Bombaralense), com 2.22,30 horas, em 4.º Mário Alberto (Linhó) e em 5.º Nuno Simão (Bombaralense), com o mesmo tempo.

O Carnide ganhou por equipas, seguido do Linhó e do Manique.

Emídio Pinto escolhe selecção

Emídio Pinto, treinador de ciclismo do FC do Porto, é o novo seleccionador-treinador nacional, sucedendo no cargo a Honório Francisco. O compromisso entre a Federação, representada pelo presidente da direcção, Mário Ferreira, e aquele técnico, foi assinado, sábado passado, no Porto, onde aquele dirigente se deslocou para conhecer, antes, a opinião da direcção, Mário Ferreira, e aquele técnico, foi assinado, sábado passado, no porto, onde aquele dirigente se deslocou para conhecer, antes, a opinião da direcção do clube portuense, onde Emídio Pinto exerce funções.

Emídio Pinto iniciou já os trabalhos de observação, pois os nomes escolhidos para a preparação com vista às provas internacionais — Corrida da Paz, Campeonato do Mundo e Volta à França do Futuro — terão de ser indicados à União Ciclista Internacional.

Ténis: máximo mundial

O tenista chileno José Luis Lagos permaneceu durante 24 h 4 m 50 s a jogar ténis, estabelecendo um novo recorde mundial. Durante as poucas horas, José Luis Lagos defrontou no Campo da Caixa de Previdência dos Trabalhadores de Santiago do Chile, (da qual é funcionário) 19 adversários em igual número de partidas, tendo vencido 14 e perdido apenas cinco. O tenista chileno, ao concluir a sua maratona, anunciou que tentará bater a marca que estabeleceu agora em 18 de Setembro próximo, dia que o seu país celebra mais um aniversário da independência nacional.

Porto, 5 — Salgueiros, 1

... E quatro na trave!

O FC Porto «goleou» o Salgueiros (5-1) no Estádio das Antas. Walsh, no primeiro minuto da partida, aproveitou bem uma bola largada por Barradas para fazer o 1-0, resultado que se manteve até aos 44 minutos, altura em que Gomes elevou para 2-0, a passe de Lima Pereira. Aos 60 minutos, Sousa (a centro de João Pinto) fez o 3-0, vindo o Salgueiros a reduzir para 1-3 (aos 70) por intermédio de Santos, a passe de Costeado. Walsh (85 minutos) fez o quarto golo do FC Porto (a passe de Sousa) e, dois minutos depois, Jacques, que entrara a substituir Gomes, recebeu um cruzamento de João Pinto e fez o 5-1.

O FC Porto, com um golo marcado logo no primeiro minuto, não sentiu grande necessidade de jogar em velocidade, deixando-se cair numa toada lenta que à partida favorecia o Salgueiros.

A vitória azul-branca nunca esteve em dúvida e poderia ter atingido números mais dilatados, não fora os quatro remates devolvidos pelos postes da baliza de Barradas.

O Salgueiros, por seu turno, jogou sempre apoiado no colectivismo da equipa acabando por sofrer cinco golos, número inédito para si desde o começo da época.

Sob a arbitragem de Francisco Silva (Faro) que mostrou o cartão amarelo a Lima Pereira, Sousa e Constantino, as equipas alinharam:

FC Porto: Zé Beto; João Pinto, Eurico, Lima Pereira e Jaime Pacheco; Rodolfo, Quinho e Sousa; Walsh, Gomes (Jacques, 76) e Costa.

Salgueiros: Barradas; Costeado, Mariano (Matias, 45), Soares,



Walsh abre a contagem e a festa principiava

e Vassalo (Joy, 61); Peres, Luís Pereira, Carvalho e Constantino; Santos e Rui França.

Mariano (em choque com Costa) ficou lesionado num testículo, devendo observar repouso durante uma semana.

Tensão ao mais alto nível

INTOLERÁVEL
ESMAGADOR
INCONTROLÁVEL

Fim de Semana Sangrento
«House By The Lake»

Um filme de WILLI W. FRAU

Cravo de prata para a melhor actriz
Cravo de ouro para a melhor produção

AMANHÃ
ESTREIA

INTERDITO A MENORES DE 18



DESPORTO

MICROSCÓPIO

Remo no Minho acabou mal

O Clube Remo do Miño (Espanha) venceu o terceiro troféu Minho Internacional de Remo (Shell 8), disputado na pista do rio Minho, numa distância de 15 mil metros, entre Vila Nova de Cerveira e Tui. As duas primeiras edições do troféu foram ganhas pelo Sport Clube Caminhense e pelo Nautico de Vigo.

Na prova deste ano, organizada pelo Caminhense e pelo Clube Remo do Miño, inscreveram-se dez equipas (seis portuguesas e quatro espanholas), mas a do Sport Clube do Porto não compareceu à partida.

Classificação dos primeiros cinco: 1. Clube Remo do Miño, 1 h 18 s; 2. Clube Fluvial Portuense, 1 h 01 m 05 s; 3. Nautico de Vigo - B, 1 h 03 m 43 s; 4. Nautico de Vigo A, 1 h 03 m 58 s; 5. Nautico de Viana, 1 h 06 m 30 s. O barco do Arco de Portugal afundou-se e as equipas do Galitos de Aveiro e do Caminhense (que chegara em 2.º lugar foram desclassificadas. Estas desclassificações originaram grande efervescência e certas atitudes, que poderão fazer perigar a realização da quarta edição do troféu.

Boxe de 1.ª

O norte-americano Jeff Chandler, defendeu facilmente, pela 7.ª vez, o seu título de campeão do mundo dos «levíssimos» (WBA), em Atlantic City (Nova Jersey), ao derrotar nitidamente aos pontos, em 15 «assaltos», o seu compatriota (de origem mexicana) José Gaby Canizales.

Râguebi: título

O CDUL tornou-se hoje campeão nacional de râguebi, embora tenha sido derrotado, na última jornada, pelo Belenenses (10-18). O Benfica, apesar de ter ganho ao Técnico (10-6) num jogo que não chegou ao seu termo por invasão de campo, não conseguiu evitar a descida de divisão, facto inédito na história do clube. Resultados da última jornada: CDUL-Belenenses, 10-18; Direito-CDUP, 3-12; Técnico-Benfica, 6-10 (interrompido a 12 minutos do fim). Académica-Cascais, 25-6.

Fórmula Um:

começou o «circo»

O brasileiro Nelson Piquet, em Brabham, ganhou o Grande Prémio do Brasil em fórmula 1, que iniciou, no circuito de Jacarepaguá, o Campeonato Mundial do corrente ano. A ordem de chegada: 1.º Nelson Piquet (Brasil), em Brabham; 2.º Keke Rosberg (Finlândia), Williams; 3.º Niki Lauda (Áustria), McLaren; 4.º Jacques Laffite (França), Williams; 5.º Patrick Tambay (França), Ferrari; 6.º Marc Surer (Suíça), Arrows; 7.º Alain Prost (França), Renault; 8.º Derek Warwick (Inglaterra), Toleman; 9.º Chico Serra (Brasil), Arrows; 10.º René Arnoux (França), Ferrari.

Foram desclassificados Keke Rosberg, Andrea De Cesaris e Elio de Angelis.

Clube Nacional de Ginástica

Eleita a nova gerência do Clube Nacional de Ginástica, que passa a ser do modo seguinte, na Assembleia Geral: dr. Alexandre Manuel Sobral Torres, Artur Alberto César Codina, Carlos Fernando de Jesus Escobar e professor José Manuel Reinaldo; Direcção: dr. José Vasconcelos de Abreu, Júlio Soares Correia, eng.º Manuel J. Nogueira Madeira, Manuel Luís Garcia, José Manuel Simões Ribeiro, Luís Filipe Oliveira Beirão, Carlos Manuel da Silva Baptista, Carlos Alberto da Silva Melo e major Fernando Coelho Gonçalves; Conselho Fiscal: Manuel Luís L. R. Costa Braga, dr. José Miguel Correia da Costa e José Manuel Esteves Cruz.

Nacional de andebol

João Gonçalves derruba o Belenenses

Com a vitória do Benfica perante o Belenenses, na 6.ª jornada da fase final do campeonato nacional de andebol da divisão de honra, desfez-se a situação de igualdade em que as duas equipas seguiam, totalmente vitoriosas: consequentemente, a formação dos «águia» isolou-se no comando da prova, agora com os «azuis» e o Sporting empatados no 2.º lugar. No próximo sábado haverá oportunidade de os «leões» darem uma ajuda ao interesse competitivo do torneio, no seu primeiro embate com o guia nesta fase final. Nos restantes jogos, FC Porto, S. Mamede e Sporting (com re-

corde de golos para os leoninos) triunfaram sem inquietações, permanecendo o Sp. de Espinho sem conseguir uma vitória.

A partida entre «águia» e «azuis» foi disputadíssima e adornada com períodos de bom nível técnico. O espectador esteve sempre preso ao jogo pelo clima de emoção de que se rodeou e, até, pela incerteza quanto ao vencedor, que pairou até final. Três golos ficaram a separar vencedor do vencido, sendo responsável do êxito «encarnado» esse notável goleador que é o benfiquista João Gonçalves, o melhor marcador deste campeonato. Protagonistas da

luta: **Benfica:** Orlando (Mésquita), José Manuel (2), João Manuel, Vasco (4), Markos (1), Nuno, Bernardo (1), Branco Lopes (4), Rui Ferreira (4), Veríssimo (1) e João Gonçalves (10).

Belenenses: José António (Prezado), Filipe, Guerreiro, António Mendes (5), Xavier (4), Veiga, Ricardo, Hernâni (6), Mendonça (3), Espadinha (6) e Bento.

Ao intervalo: 14-12. Arbitram (bem) Jerónimo Silva e José Ribeiro (ambos do Porto).

Resultados gerais: FC Porto, 30-Sp. Espinho, 20; S. Mamede, 24-Desp. Portugal, 18; Benfica, 27-Belenenses, 24 e Sporting, 43-Almada, 19. Pontuação: 1.º Benfica, 6 jogos e 18 pontos (203-136); 2.º Sporting, 6-16 (184-124); 3.º Belenenses, 6-16 (168-128); 4.º FC Porto, 6-12 (158-161); 5.º S. Mamede, 6-12 (125-139); 6.º Almada, 6-8 (143-160); 7.º Desp. Portugal, 6-8 (128-172) e 8.º Sp. Espinho, 6-6 (102-189).

Apuramento

Jogos da 4.ª jornada do torneio de apuramento para a divisão de honra de andebol: Beira-Mar-Académico, 25-27; Maia-Fermentões, 21-21; U. Leiria-Vitória de Setúbal, 27-22; Paço de Arcos-Cascais, 27-22; Caramão-Encarnação, 25-24; Salgueiros-Caselas, 25-26 e Sanjoanense-Passos Manuel, 36-25.



«Leões» sem problemas perante o Almada



Vale: golo portista perante o Belenenses

Porto e Benfica dominam hóquei

FC Porto e Benfica mantêm a liderança do campeonato de hóquei em patins da 1.ª divisão, ao vencerem tangencialmente os seus jogos da 12.ª jornada. O Benfica conseguiu vencer por 3-2 no ringue do Olivareense, enquanto o FC Porto derrotava por 5-4 o Belenenses, nas Antas. O 3.º classificado, (a Sanjoanense) foi «goleado» (10-5) em Paço de Arcos, enquanto o Sporting ia a falicão vencer por 10-4.

O último da tabela, a Física de Torres, alcançou a primeira vitória, no torneio ao derrotar no seu ringue o Valongo por 3-2.

Resultados da 11.ª jornada: Juventude de Viana - Benfica, 1-1; Oliveirense - Sesimbra, 3-2; Oeiras - Valongo, 9-6; Física de Torres - Sporting de Tomar, 0-4; FC Porto - Sporting, 7-4; Famalicense - Belenenses, 2-2; Paço de Arcos - Infante de Sagres,

7-2; Académica de Amadora - Sanjoanense, 3-4.

Décima segunda jornada: Juventude de Viana - Sesimbra, 2-1; Oliveirense - Benfica, 2-3; Oeiras - Sporting de Tomar, 5-3; Física de Torres - Valongo, 3-3; FC Porto - Belenenses, 5-4; Famalicense - Sporting, 4-10; Paço de Arcos - Sanjoanense, 10-5; Académica de Amadora - Infante de Sagres, 9-2.

Classificação: 1.º FC Porto e Benfica, 33 pontos; 3.º Sanjoanense e Sporting, 29; 5.º Sesimbra e Juventude de Viana, 27; 7.º Belenenses e Paço de Arcos, 26; 9.º Famalicense, 23; 10.º Sp. Tomar, Oliveirense e Acad. da Amadora, 22; 13.º Oeiras, 19; 14.º Infante de Sagres, 18; 15.º Valongo e Física de Torres, 14. A próxima jornada disputa-se no sábado, com o Benfica a receber o Sesimbra e o Sporting o Belenenses.

Atletismo: Luís Horta novo recordista de fundo

Luís Horta (Benfica) venceu em tempo recorde o campeonato regional de fundo, levado a efeito pela Associação de Atletismo do Sul. A prova foi disputada num percurso de 30 quilómetros, entre o Guincho e Algés, que o vencedor cobriu em 1h34m00s. Classificaram-se nos lugares imediatos: 2.º Jacinto Barroso (Popular) 1h45m20s; 3.º José Martins (Popular) 1h45m38s; 4.º Aires Pratas (Campolide) 1h46m53s; 5.º Luis Salgueiro (Individual) 1h48m47s.

Estafeta Coimbra-Lousã

O Benfica ganhou, no confronto com mais 35 equipas, a estafeta pedestre Coimbra-Lousã, organizada pelo clube de Futebol Santa Clara, de Coimbra.

O tempo do vencedor cifrou-se em uma hora, 26 minutos e 45,4 segundos.

Classificaram-se a seguir, por esta ordem, a Associação Cristã da Mocidade (1.18 49,6), Clube Futebol Santa Clara (1.29 0,25), Sobral de Ceira-Cristalina (1.31 32,2) e Clube Académico da Malaposta (1.33 3,3).

Os melhores tempos dos cinco percursos couberam a João Campos (21 minutos e 1 segundo), Humberto Sequeira (12 53,5), Carlos Capitulo (19 11,5), José Hernandez (13 59) e António Atabão (19 26,4).

Todos estes atletas pertencem à equipa do Benfica, excepto José Hernandez, que representa a União Desportiva de Salamanca.

RN a correr

Carlos Cabral (Esperança de Lagos) venceu o Grande Prémio

da Rodoviária Nacional, disputado na capital algarvia.

Cabral cobriu os 8600 metros no tempo de 26 minutos e 42 segundos.

Na 2.ª posição classificou-se José Resende (Olanhense) com o tempo de 27.19, seguido de Inácio Rodrigues (Farauto), com 27.31. Por equipas venceu o Olanhense (17 pontos), seguido da Farauto (36) e da Suécia (39 pontos).

As ruas do centro de Faro foram palco de várias provas de atletismo para infantis, juvenis, iniciados e juniores, masculinos e femininos, que antecederam o Grande Prémio da Rodoviária Nacional.

Helena Figueira (Quarteirense) venceu a prova de juvenis, juniores/seniores femininos, cobrindo os 3000 metros, no tempo de 10.23,00.

A prova de 3000 metros para iniciados e juvenis masculinos foi ganha por Vivaldo Pereira (Farense) no tempo de 8.47,00.

Paula Silva (Desportivo da Penha) venceu a prova dos 1500 metros destinada a infantis femininos, com o tempo de 5 m 10 s, enquanto na mesma categoria? O 1.º FOI Carlos Juliano (Farense) com 4m 44,6 s.

Disputou-se ainda uma prova destinada a veteranos e populares, que foi ganha por Hans Jorsson (Suécia) que correu os 4500 metros, no tempo de 13 minutos e um segundo.

O conjunto das provas, incluindo a de juniores e seniores masculinos (que teve como vencedor Carlos Cabral), participaram no Grande Prémio Rodoviária Nacional cerca de 450 atletas.

Marcha atlética

José Pinto (Belenenses) venceu a prova principal de uma reu-



Sporting: bonita festa de homenagem aos homens que conquistaram a Taça dos Campeões Europeus em corta-mato

não de marcha atlética promovida pelo Clube de Futebol de Santa Iria de Azoia (Lisboa).

O recordista português percorreu os dez mil metros em 46,01 minutos, batendo facilmente Francisco Reis (Santa Iria) segundo classificado com 48,09, à frente do seu colega de equipa Paulo Alves, com 52,58.

A prova de seniores femininos, de 5000 metros, foi ganha por Ana Bataca (Oeiras) com 31,39 minutos, seguida das individuais Ana Vicente (33,35) e Paula Machado (34,32).

A equipa do Santa Iria obteve quatro vitórias nas 12 provas dos escalões etários mais baixos, cujos vencedores foram os seguintes: em 4/5 anos, femininos: Susana Martins (Santa Iria); 4/5 anos masculinos: Nuno Marques (Santa Iria); infantis femininos: Cristina Silva (Santa Iria); infantis masculinos: Sérgio

Machado (Oeiras); infantis femininos: Ana Cláudia (Santa Iria); infantis masculinos: António Santos (Amigos do Quintal); iniciados femininos: Anabela Leiria (Oeiras); juvenis femininos: Idalina Reis (Olivais Sul); juvenis masculinos: Jorge Esteves (Belenenses); juniores femininos: Paula Graciosa (Olivais Sul) e juniores masculinos: Luís Gomes (Leões Apelaconenses).

Máximos

Natação

Maria Helena Barros (Algés) bateu o recorde nacional absoluto dos 200 metros estilos, com 2.25,7, no campeonato regional de natação em piscina curta, realizado durante o fim-de-semana na piscina do Areeiro, em Lisboa. Alexandre Yokochi (Benfica) estabeleceu novo máximo nacional de seniores nos 200 metros, com o tempo de 2.22,3, e Paula Lamego, (Sporting) fixou novo recorde de seniores na mesma prova feminina, com 2.48,2. Outros três recordes regionais de categoria foram igualmente batidos: pela júnior Alexandra Nogueira (SAD) nos 200 metros, com 2.25,0 e pela igualmente júnior Maria Helena Barros (SAD) nos 200 costas e 100 livres respectivamente com 2.30,0 e 1.00,9.

Atletismo

O britânico Sebastian Coe estabeleceu novo máximo mundial em pista coberta nos 800 metros, melhorando em mais de um segundo a sua anterior marca. Coe percorreu a distância em 1.44,91, durante um torneio de atletismo em pista coberta entre britânicos e norte-americanos, que decorrem em Wolverhampton. A anterior marca de Sebastian Coe era de 1.46, e o novo tempo representa para o meiofundista britânico a 11.ª vez nos últimos quatro anos em que fixa novo máximo mundial, o que sucedeu duas vezes em pista coberta e nove ao ar livre.

Académico de Viseu: quem ajuda?

Um pedido para salvar o Clube Académico de Viseu das suas dívidas efectuou-se nas ruas da cidade por iniciativa de um grupo de amigos do clube autodesignado «Comissão de Salvação». A campanha de angariação de fundos vai ser, em próximos fins de semana, alargada às freguesias do concelho.

Preende-se com a verba angariada, pagar ordenados em atraso aos atletas e desbloquear questões litigiosas que levaram à cativação das receitas do clube.

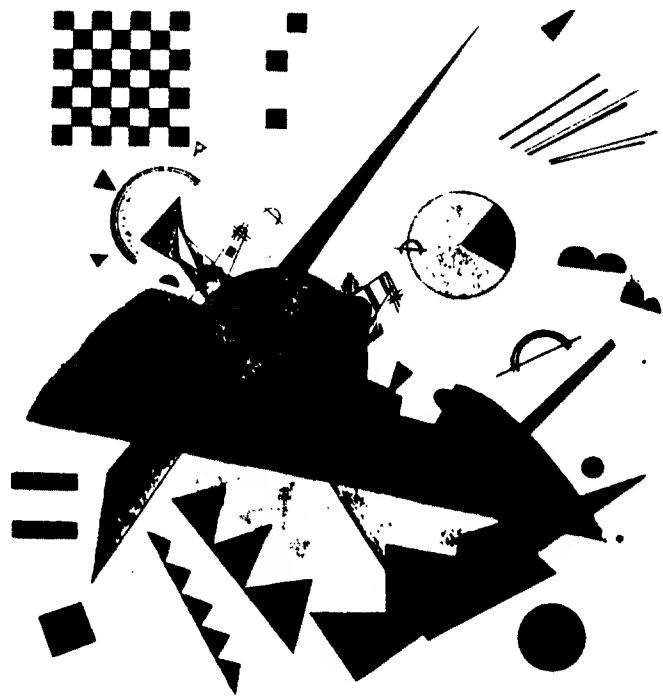
O fenómeno musical do século XX

Luísa Balette

ESTAMOS perante a violência dos anos 40. O homem simples repudiando os horrores da destruição e da guerra, descobre em si mesmo capacidades desconhecidas e heróicas que o fazem sublimar as sensações e modificar toda a sua escala de valores materiais e espirituais para combaterem a angústia que habita o seu ego, ao assistirem impotentes ao lançamento da bomba atómica sobre Hiroshima em 1945, criando, num gesto de desespero, a época em que os profetas do amor e da beleza na sobriedade e na temperança, deram ao mundo conturbado palavras de esperança como as de Rabindranath Tagore e Henri Bergson em 1941, Max Reinhardt em 1943, Kandinsky e Eduard Munch em 1944, Paul Valéry em 1945.

Foram palavras simples numa tentativa de relembrarem aos homens as noções esquecidas da infância, da tolerância e do amor.

*"Ergue-se o vento!
é preciso tentar viver!"*
Paul Valéry



De França, nos primórdios da guerra, surgiram também alguns nomes e figuras controversas tais como Camus e Jean Paul Sartre, este último já envolvido no movimento existencialista que, embora não reformando o mundo, desconcertou, pelo menos, a sociedade a tal ponto que entre outras definições foi apelidado de «novo cartesianismo» ou «nova filosofia»; o facto é que Sartre trouxe através das suas obras literárias uma nova doutrina de acção.

No campo musical a Sociedade de Música Contemporânea assumiu o encargo de apresentar o seu festival anual de obras novas de onde surgem nomes como Alban Berg e o seu caminho para o atonalismo, Bela Bartok e a pureza das suas raízes em obras plenas de vida, Benjamin Britten com a sua maravilhosa sonata para flauta e piano e muitos outros que, na sua mediocridade, desapareceram totalmente do panorama musical da época.

Posteriormente foram surgindo mais e mais obras hoje famosas, quase poderíamos dizer, para compensação do tempo perdido anteriormente em vãs tentativas de encontrar um caminho. Surge assim Igor Stravinsky, Hindemith, Honneger ou Ernest Bloch que mantêm a linha inicialmente começada.

Os compositores desta época musical tão rica de conteúdo e tão expressiva, dão-nos obras famosas e inovadoras numa sucessão de sentimentos em orgias sonoras, sem se afastarem de uma sólida firme e definitivamente tomada, de oposição à apêndice musical de «eternas melodias» no entanto eles reúnem, por

assim dizer, toda a técnica exterior como base específica da música de hoje e defendem uma doutrina artística nova sem contudo deixarem de estar ligados a um certo romantismo eterno que habita a alma de todos os homens.

Na sua evolução natural e espontânea o ritmo e muito particularmente o ritmo livre, ajudado pelo contraponto e a harmonia, é, pela maioria destes compositores, adoptada sem excepção. Há que explorar todas as suas potencialidades e Ravel, Bela Bartok, Copland, Schonberg, Hindemith, Stravinsky, Milhaud, Britten e tantos outros, descobrem quanto aliciente é explorar o espaço a três dimensões — contraponto — harmonia — ritmo —, não importando qual o espaço, e que Kant definiu como uma «forma a priori da sensibilidade».

A exploração do espaço a três dimensões é agora o objectivo de todos os desejos, umas vezes mais melódico outras mais rítmico, sem deixar, contudo, de ser romântico.

Com Albert Einstein nas matemáticas, com os pintores abstractos, com Sartre e Eugène O'Neil na literatura, com os numerosos

vidade e cujo valor responda a uma evolução do pensamento musical renovados germes de evolução do pensamento.

Há tantos detalhes a referir quando se fala de técnica musical que é quase impossível encontrar as palavras exactas; toda a música transmite ao ouvinte uma impressão geral que permite identificar a maneira de ser da obra de um compositor.

Os aspectos de angularidade, rapidez, ritmo, nuances ou localização e encadeamento dos sons constituem, a seu tempo, alguns elementos que concorrem para nos fazer reconhecer o estilo ou obra de um compositor. O seu tempo próprio, embora podendo estar rigorosamente controlado pelas indicações da partitura, reflectem sempre o movimento pessoal, o que confirma a opinião de Robert Schumann:

«o que importa é a medida interior do movimento...»

... É assim que o mais rápido allegro escrito por um fleumático possa ser mais lânguido que o mais lento «allegro» de um sanguineo...

A música moderna tem a carac-



terística natural da sua época. Ela é essencialmente do tipo «allegro» rítmico e nervoso e mesmo nos movimentos mais lentos não usa o Andante ou o Adágio que se alimentam de melodia e de sonho; para o ouvido analítico do esteta, isto significa que «allegro» encarna o ritmo e a dança enquanto que o «andante» personifica a melodia e a expressão.

A partir deste ponto de vista as reacções do público perante esta definição, de certo modo, drástica, divide-se em dois grupos: o que admira e reage sensivelmente ao ritmo e o outro que não sente a música sem a melodia como base principal e fundamental.

Dizer que os compositores desta época são fruto das influências e metamorfoses da nossa sociedade não é inteiramente verdade pois perfilhamos antes a ideia de que eles são fruto, isso sim, da fusão do passado e do presente e sabe-se, lá, de um pouco daquilo que idealizam como futuro, aí reside a força do artista, a sua personalidade inquieta e insubmissa aos cânones preestabelecidos que, embora assimilando os fenómenos do seu tempo, impostos pela vontade morfológica da sociedade, continua a ser-lhes supremamente necessária a busca de novas fontes, a descoberta de renovadas ideias que, a par com o seu poder criativo, os ajudarão a analisar o ambiente que os rodeia, seja em forma de cultura, seja na própria vida afectiva, ressaltando daí uma tentativa expressiva e verdadeira nas suas obras fundamentadas nos efeitos sociológicos que assimilaram.

Por alguma razão foi que Schönberg insistiu muito frequentemente nas suas reflexões sobre a música «Estilo e Ideia», pois o conceito de alguns do que aparecera uma «música nova» não era mais do que um novo estilo sem pré-concebidos, nascido da renovação de ideias e da força, determinantes imperativos para o compositor e a sua composição.

É inútil procurar ler dentro dessa música o que não está dentro dela; a força reside no «imperativo», esse imperativo nascido do próprio meio social em que o compositor está inserido e cuja força só podemos aquilatar se tomarmos consciência desse fenómeno estudando o meio social e as suas sequelas naquelas que o vivem.

Os músicos que seguiram a linha traçada por Schönberg foram acusados de deformarem a música. Essa «deformação» que serviu de ponta-de-lança e foi usada contra esse grupo de artistas, foi também utilizada contra os pintores abstractos por abandonarem a pintura figurativa, o mesmo acontecendo na literatura a figuras extraordinárias como, por exemplo, G. Apollinaire que, por esse facto, só muito tardiamente lhe foi reconhecida a sua força e

grandeza. Não queremos, com isto, dar qualquer aurea de mártires aos artistas e se mencionamos estas «distorções» é para reafirmarmos a nossa opinião de que uma nova arte deve ser uma «arte nova» e não uma caracterização grotesca da antiga.

Daí a razão porque nos debruçamos sobre a nossa época: para a reconhecer e obter uma explicação sociológica coerente, em vez de apenas a interpretar bem como ao artista criador e também compreender as interligações entre a sociedade e o indivíduo e vice-versa, explicação que terá por finalidade esclarecer noções que sejam universalmente válidas e que, por consequência, devam ser fundamentadas na experiência e na existência lógicas não baseadas em qualquer espécie de crença.

Se conseguirmos subtrair essas e outras crenças a todas as considerações feitas sobre música, que apenas transpõem presunção e convicções pessoais, dogmas e sistemas tanto de probabilidades como de imaginação, podemos pôr em relevo um artista, a sua época, as suas obras, a sua cultura, dentro da nossa concepção da morfologia da arte, que, com uma sociologia da música, dá bases para um estudo mais aprofundado deste tema.

Por conclusão, partilhemos aqui a mesma opinião de Johann Wolfgang von Goethe:

«considerando toda a arte como uma coisa viva que deve começar imperceptivelmente num crescimento lento, um brilhante momento de climax e um declínio progressivo como todo e qualquer organismo vivo, mesmo que ele surja num único indivíduo»

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Piaf afoga-se no Sena

«POEMAS A PIAF». Textos: Jorge de Sena. Canções: Edith Piaf. Dramaturgia e Encenação: Paulo Filipe. Cenografia: José Manuel Castanheira. Coreografia: Guilherme Filipe. Figurinos: Luís Tomé. Som: Helena Sousa. Luzes: João C. R. e Paulo Magalhães. Interpretação: Cristina Rosal. Fátima Murta. José Martins. Manuela Cartaxo. Maria de Fátima. Paulo Filipe. Músicos: José Manuel Marreiros. Carlos Barreto. Carlos Martins. Edgar Caramelo. Carlos Vieira. Grupo Ibis - teatro universitário do ISCTE. Estreia: 9.3.1983.

O Ibis reaparece, dois anos depois de ter estreado «Fernando Pessoa - Drama em Gente». Qualquer outro espectáculo dificilmente poderia deixar de ser decepcionante. tal o espanto que o primeiro provocou em todos aqueles que tiveram a sorte de o apanhar (foi prémio de espectáculo-revolução em 1981). Creio, porém, que a decepção provocada por esta segunda experiência do Ibis ultrapassa esse factor conjuntural, situando-se esta, não em termos relativos, em termos absolutos a um nível pouco satisfatório.

Com «Poemas a Piaf» Paulo Filipe, dramaturga e encenador, tentou novamente trabalhar a poesia através de formas teatrais mas desta vez o resultado está longe de ser convincente. Por uma razão básica, parece-me: por ser a poesia de Pessoa de facto, um drama em gente o que desde logo, implica a sua teatralização, enquanto a poesia de Jorge de Sena é um «drama em indivíduo» e essa característica se não inviabiliza a sua encenação, pode frustrá-la como aqui se viu.

Procurando fugir à receita do primeiro espectáculo, que percorria várias salas do ISCTE e nesse itinerário sinalizava, com uma imaginação que não podia deixar de ser marcada por um grande rigor, as várias máscaras pessoais, o encenador desta vez procurou encontrar uma outra personagem, e na sua dramaticidade, uma força aglutinadora da possível simbiose teatral (refiro-me a Edith Piaf). O recurso funciona precariamente, as relações entre as duas personagens são dificilmente discerníveis, e por isso pouco plausíveis, e do espectáculo fica sobretudo a frequentemente esplendorosa poesia de Sena, e também, através dela e de outros textos seus, a força incontível da sua personalidade.

O dramaturga procurou levantar várias linhas da poética de

Sena, de maneira a permitir ao espectador (ou ouvinte?) aperceber-se da riqueza temática, vocabular, humana e social, da sua obra. Dos poemas de amor aos poemas políticos perpassam pelo espectáculo o Sena convivente e hostil, o drama do exílio e a imagem da Pátria ingrata, a caricatura cheia de sarcasmo a crítica impiedosa, o sopro épico a revolta insofrida, a dor a solidão o corpo e as vozes do corpo a alma e os sobressaltos da alma. Ninto naquilo que não lhe pertence, o espectáculo está naturalmente justificado: a Sena o que é de Sena.

Ao ouvir alguns dos textos em que transparece a revolta de quem não se conforma com a injustiça, incluindo aquela de que é vítima, pensei, uma vez mais, o destino de portugueses tão grandes como Camões, e na sua miséria do fim, e Pessoa, a escrever para a arca, e pensei no significado de Sena reivindicar a justiça a que tinha direito como sinal de que, apesar de tudo, alguma coisa mudou na maneira do artista se integrar na sociedade.

Num espaço cénico limitado por panos e com uma escada, a imitar pedra fazendo curva e perdendo-se num lugar invisível (o exílio?), um bom trabalho de José Manuel Castanheira, os intérpretes de «Poemas a Piaf» procuraram transformar a colagem de textos de Sena e as canções, interpretadas e aqui e ali desafiadas, ao vivo num comportamento e num tempo teatrais sem que tenham conseguido ultrapassar essa intenção ou raramente o conseguindo. Uns apontamentos de coreografia também eles pouco convincentes a marcação no espaço e por vezes fora dele a passagem dos textos por várias vozes a procura do sinal cénico (como a procura da luz com os isqueiros que se acendem no célebre poema sobre os fuzilamentos de Goya) a presença dominante de Paulo Filipe, bem acompanhado por Fátima Murta, são elementos a ter em conta no espectáculo sem esquecer a seriedade da participação dos restantes intérpretes.

Para entender este relativo fracasso, devemos ter em conta as péssimas condições de trabalho do grupo (insuportáveis os ruídos que vinham do piso superior), e a audácia do projecto. E devemos lembrar que há momentos, para além dos poemas de Sena e das canções de Piaf em que ali fora no espectáculo qualquer coisa de fortemente teatral. Momentos escassos, porém

Debate sobre Marx na RDP-2

Karl Marx, cujo primeiro centenário da sua morte se comemora hoje, é também recordado no programa «Culturando», que a RDP-2 transmite de segunda a sexta entre as 18 e as 19.30. Esta tarde, por iniciativa de

Mário de Figueiredo, responsável pelo «Culturando» irá para o ar, em directo, um debate sobre Marx em que intervirão José Barata Moura e Vasco Pulido Valente.

Moura e Caetano abrem época taurina

Emídio Pinto, João Moura e Paulo Caetano abrirão, domingo (a partir das 16 horas), a época taurina nacional, em Alcochete.

(Paulo Caetano) são condimentos para um bom espectáculo tauromáquico.

O retorno do primeiro (depois do falecimento de seu pai), a apresentação do segundo após a «guerra das esporas» (que, afinal, terminou em bem) e a presença do artista mais pendular ao longo da temporada finda

Simão malta fornece o curro para esta «corrida à portuguesa» que está a suscitar expectativa entre os aficionados. As pegas serão consumadas pelos Forcados de Vila Franca de Xira e de Alcochete.

Baptismo e telenovela

O bispo D. António Marcelino protestou ontem contra o hábito que está a generalizar-se de se baptizarem crianças com nomes das vedetas das telenovelas.

Num artigo publicado pelo jornal «Badaladas» de Torres Vedras, o bispo revelou que em três crianças que ultimamente baptizou, duas receberam «nomes, não de santos, mas de artis-

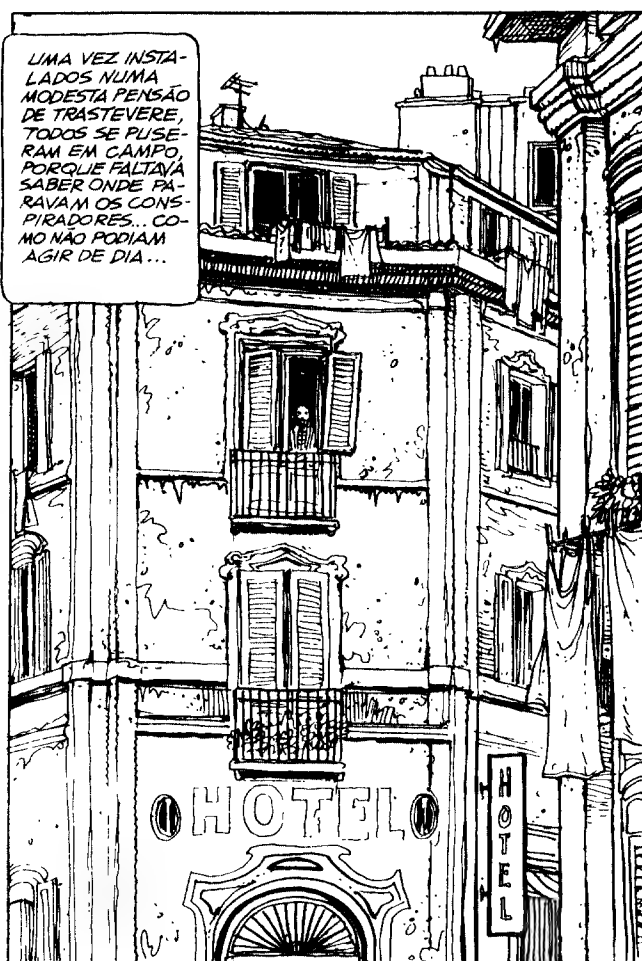
tas de telenovela». D. António Marcelino duvida, no seu artigo, que os pais daquelas crianças estejam dispostas a educá-las no espírito católico e comenta: «A cena repete-se todos os dias e, nem o caminho nem o diálogo são fáceis, quando se fala uma linguagem diferente e nos esquecemos que tudo mudou».

As Falanges da Ordem Negra

Desenho: Enki Bilal

Texto: Pierre Christin

35



Copyright Dargaud/Meribérica/DL

continua

África do Sul: jornalistas condenados e militares não

Dois directores de jornais sul-africanos foram condenados por divulgação do que foi considerado pelas autoridades de Pretória «de segredos de Estado».

O director do quotidiano «Rand Daily», Rex Gibson, foi condenado a uma caução de 500 randes (ou cinco meses de prisão), e o director do semanário «Sunday Times», Tertius Myburgh, cumprirá três meses de prisão se não pagar uma caução de 300 randes.

Ambos foram condenados por terem publicado uma série de artigos que revela a cumplicidade dos Serviços Secretos sul-africanos na fracassada tentativa de golpe de Estado de Novembro de 1981 nas Seychelles.

Por outro lado, um jornalista foi condenado ao pagamento de uma caução de 800 randes (ou oito meses de prisão), enquanto a Associação dos Jornais Sul-Africanos foi também condenada ao pagamento de dois mil randes. Aquela Associação é proprietária dos dois jornais.

Ao comentar o processo, Tertius Myburgh considerou surpreendente que, após o fracasso da tentativa de golpe nas Seychelles, os militares que forneceram armas aos mercenários envolvidos na operação continuem nos seus postos, enquanto três jornalistas figuram no banco dos réus.

Linguagem e comunicação na sala

«Linguagem e comunicação na sala de aula» é o tema do seminário orientado por Emília Pedro, que o Departamento de Acção Formativa do Centro Cultural de Almada promove nos próximos dias 18 e 19.

O seminário, destinado principalmente a professores do ensino primário, educadores de infância e professores de outros graus de ensino, abordará os seguintes aspectos: factores constitutivos de interacção verbal; a comunicação na sala de aula (numa perspectiva de investigação em educação e numa perspectiva sociolinguística); análise da comunicação na sala de aula (estratégias da comunicação na sala de aula; movimentos pedagógicos / Estratégias verbais; as funções da linguagem; os enunciados e sua relação; análise sócio-semântica; as grelhas de análise, discurso pedagógico - discurso instrucional / discurso regulador; categorias semânticas e realização linguística); aplicação das grelhas de análise a material recolhido em escolas observadas.

As inscrições estão abertas, devendo os interessados contactar o Centro Cultural de Almada, na Rua Conde Ferreira, n.º 8 ou pelos telefones 2751121 ou 2769750.

JORNAL MENSAL DE MEDICINA NATURAL

—NATUROPATIA—

Já se encontra à venda em todo o País
—Preço 25\$00—

Assinatura anual 12 números 300\$00
REDACÇÃO — Av. Miguel Bombarda, 147, 2.º, Dt.º
—LISBOA—

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA - Dep. de Confeccões
Av. João XXI 5-D - 1000 (Metro Areeiro)
Rua Infante 16, 55-G - 1300 LISBOA

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

100

**CONTOS
ENTRADA**

ANDARES
PRONTOS

Telf. 57 84 57 57 83 36

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Para longe vá o agoiro!

Festa é Festa fez a aposta de incluir a cultura... na festa. Apos-tou e ganhou. Não me refiro já ao capítulo das artes plásticas, cujo leilão nos aparece sempre antecedido de uma minie exposição e de um diálogo (como sucedeu no sábado com a pintora Graça Morais) que facilmente, sem o calão do ofício, introduz o telespectador comum no mundo da pintura e no mundo que rodeia os pintores. Desejariamos apenas que esta iniciativa de Júlio Isidro servisse de boa semente até que um dia o povo português, com a essencial intervenção da TV, conhecesse os seus artistas tão bem (ou quase, ou quase...) como conhece os seus futebolistas...

Hoje quero apontar a experiência que foi a adaptação televisual da **Invenção do Amor**, de Daniel Filipe. Certamente, com preocupações mais ambiciosas seria possível um tratamento mais "rico" de pormenor, de acentos, de sugestões espectaculares. Sem dúvida. Não sei, contudo, se a sua grande vitória como espectáculo não terá sido exactamente a sua simplicidade, a sua total existência como poema em vez de poema que serve de base a um espectáculo.

Festa é Festa enriqueceu o seu património. Ainda aqui, o público juvenil do **Teatro Aberto** mostrou, com um simples pormenor, ser capaz de defender a

sua dignidade e a dignidade da arte.

Foi assim: mal acabou a «Invenção», a RTP interrompeu bruscamente a emissão para a publicidade, quando já os aplausos se começavam a fazer ouvir. Ou seja: cortou a arte da haste que a prendia ao chão mais próximo, como se decapitasse uma flor. Incrível, pelo que significa de ausência de sensibilidade...

Pois logo que a emissão voltou ao **Teatro Aberto**, o público soltou nova onda de aplausos: a «Invenção do Amor», encontrara de novo seu corpo inteiro.

O público juvenil do Teatro Aberto dera uma bofetada na ZRTP. Mas esta desgraçada nem cara tem para se aguentar com uma lamira.

Qual o preço do sonho?

«Fame» é, entre o público jovem, a rubrica mais popular da televisão, creio eu. Seria curioso estudar os seus efeitos numa juventude como a nossa que vê os seus horizontes sociais terrivelmente limitados.

A própria rubrica com frequência se refere à informalidade entre o sonho e a realidade. Grande parte dos alunos que ali se formam, perde-se depois na selva da competição, da corrupção, da imoralidade social. Isso ela própria nos conta em algumas das suas histórias, ao

mesmo tempo que semeia as ilusões para o êxito, para a fama. Aquela escola não tem por objectivo desenvolver ao máximo os dons pessoais, pelo dever que a sociedade assumiria, nem pelo prazer dos próprios artistas. Ela desenvolve as capacidades de modo a que os alunos possam ficar mais aptos a vencer na concorrência — a ganhar fama ou, como ontem se dizia «a ser uma estrela e a ter o nome em luzes».

Muitos jovens andam para aí vivendo das ilusões que «Fame» lhes incute. Ora nós vivemos num meio pouco propício aos sonhos, em particular daqueles que nascem à sombra da «Fame», sem ao menos o suporte que a escola de «Fame» dá aos seus «alunos»...

Sonhar por sonhar, também eu. Eu cá sonho com uma sociedade que, em Portugal, dê aos seus jovens não apenas o direito de sonhar — mas direito a realizar o seu sonho...

Dois minutos para 1 600 000 trabalhadores...

Passei a tarde de domingo à espera da grande reportagem que **telejornal** nos ofereceria da sessão de encerramento do Congresso da CGTP. Porque enfim, n'è verdade, fechado no meu casulo, não tendo outra saída para o mundo senão através da televisão.

Fui-me entretendo sabe Deus

como. Em maior parte com a corrida de automóveis em Jacarepaguá, onde a RTP tinha dois enviados especiais. Muito emocionante. Muito variado. Sobre tudo, muito educativo. Fiquei, por exemplo, a saber que além dos automobilismos, há outras coisas perigosas. Não vamos mais longe, o caso do Allan Jones. Cerqueira conta.

O Jones apoiou na Austrália o partido conservador-direitista que perdeu as eleições. Concluiu que o melhor era dar o fora e deixar-se de automobilismos, que é cousa muito perigosa.

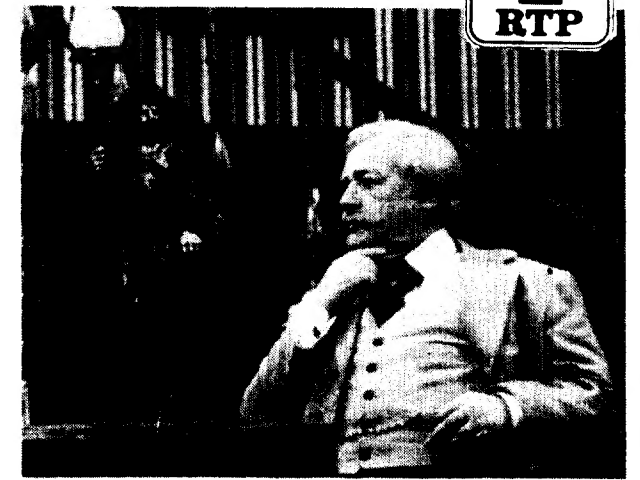
Vai, monta uma mota, zás!, parte uma perna. Desanimado, passou a andar a cavalo e zás!, parte outra perna. Resultado: o Jones deve passar a andar de triciclo? Não. Lá anda o tipo em Jacarepaguá...

Enfim, cheguei ao **Telejornal**. Agora é que eu ia deliciar-me com a reportagem no Pavilhão dos Desportos: depoimentos, entrevistas, problemas, soluções.

Deus, nem sequer meus pequeninos sonhos se cumprem. A notícia não ultrapassou dois minutos, foi de uma pobreza tão chocante. Com o preço de ter ouvido antes o paleio do Vítor Crespo a desejar não sei o quê mas «em estado novo»...

Homem, para longe vá o agoiro!

Hoje



Na RTP-1 exhibe-se esta noite o 8.º episódio da «Tragédia da Rua das Flores»

- Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV**
18.22 Tempo dos Mais Novos — «Musti» e «Palhaços à Solta».
18.55 Computadores — 5.º episódio. Produção de Paul Kriwaczek. Realização de Frank Ashe e Matt Boney.
19.20 Encontro com a Ciência — «Planeamento Radioterapia».
19.55 O Tempo
20.00 Telejornal — notícias do País e do estrangeiro.
20.35 «A Tragédia da Rua das Flores» — 8.º episódio.
21.40 Superestrelas — Silvie Vartan no Palácio dos Congressos, em Paris.
22.40 Últimas Notícias



Sidney Poitier, um dos intérpretes do filme «Uma Ilha e Você» que se exhibirá na RTP-2

2
RTP

- 17.58 «Uma Ilha e Você»** — intérpretes: John Cassavetes, Virginia Maskell e Sidney Poitier.
19.30 País, País
19.55 Desenhos Animados
20.30 Clube de Imprensa
22.00 Telenovela — «Cabo-cla»
22.30 Jornal da Noite

Amanhã

1
RTP

2
RTP

08.00 Bom Dia Portugal; **09.30** Desenhos Animados; **10.00** Nós e a Lei; **10.30** «Correio Aéreo»; **11.30** «O Mor-domo Ideal»; **12.00** «Baila Comigo»; **13.00** Jornal da Tarde; das **13.35** às **17.30** Ciclo Preparatório TV; **18.20** Tempo dos Mais Novos; **18.55** O Mar e os Seus Recursos; **19.20** Europa dos 10; **19.55** O Tempo; **20.00** Telejornal; **20.30** Vamos Jogar no Totobola; **20.35** «Shogun» — 3.º episódio; **21.30** Programa da Direcção de Informação; **22.50** Últimas Notícias.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome seleccionou para si...

1
RTP

«A Tragédia da Rua das Flores»
(20.35)

2
RTP

Clube de Imprensa
(20.30)

2
RTP

CABOCLA

Boanerges conta a Emerenciana o boato de que ele e Luis teriam contratado o bandido para atacar Tobias e Neco. Ela fica chocada. Boanerges pede à mulher a cópia do telegrama necessária para provar sua inocência, e Maria, chorosa, diz-lhe que lavou a roupa e o molhou todo. Justino diz a Neco, Mariquinha e Pepa que suspeita de Boanerges. Pepa revolta-se. Neco fica em dúvida. Tobias está certo que Zuca ainda o ama. Luis tosse muito. Bina pede a Luis para dizer se volta ou não, para que Zuca não sofra, e este diz-lhe que volta. Zuca quer ir para o rio com Luis, mas os pais não deixam. Emerenciana suspeita de Macário como responsável pelo atentado. Boanerges vai à estação para falar com Luis antes que este viaje, mas o comboio já partiu. Pede a Zé da Estação cópia do telegrama, mas constatam que foi roubado. Luis chega ao rio e seus acessos de tosse preocupam Joaquim.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA DE
CASCAIS
ANÚNCIO

Na Acção de Despejo n.º 2726, pendente na 1.ª Secção do 1.º Juízo da comarca de Cascais, movida pelos autores Maria Helena Cristiano Teixeira Barroso e marido, Dr. Mário Augusto Barroso, residentes na Rua D. Filipa de Lencastre, 25, Oeiras, contra ROGERIO FERREIRA MONÇA LEAO e mulher, MARIA VIEIRA MONÇA LEAO, ausentes em parte incerta, com última residência conhecida na Rua Diogo Bernardes, n.º 9, 3.º, esq., Lisboa, são estes reus citados para contestarem, apresentando a sua defesa no prazo de CINCO DIAS, que começa a correr depois de finda a dilacção de TRINTA DIAS, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, sob a cominação de virem a ser condenados ao pedido que os autores deduzem na mencionada acção e que consiste em ser declarada a resolução do contrato de arrendamento, com fundamento na alínea i) do n.º 1, do art.º 1093.º do Código Civil, e os reus condenados a despejar a casa arrendada, 1.º andar do prédio urbano situado no Casal do Piquenique, Regueira de Tires, freguesia de São Domingos de Rana, concelho de Cascais, bem como a garagem que abusivamente se encontrava antes da cedência.

Cascais, 7 de Março de 1983.
O JUIZ DE DIREITO DO 1.º JUÍZO,
Francisco Magueijo
O ESCRIVÃO DE DIREITO,
João Maria Tomás Salvé-Rainha

Consulte as secções
de informações
**Caminhos de Ferro
Portugueses**

FERRAGENS
FERRAMENTAS

PRECISA-SE EMPREGADO PARA BALCÃO.
RUA DA BOAVISTA, 18-LISBOA

ZIMBRA — Empreendimentos
Turísticos de Sesimbra,
SARL

Rua Coronel Luna de Oliveira, n.º 15 r/c C — Lisboa

CONVOCATORIA

Nos termos dos estatutos e da lei, convoco os Srs. Accionistas para reunirem em Assembleia Geral Ordinária na Rua Coronel Luna de Oliveira, n.º 15, 3.º C, em Lisboa, no dia 30 de Março pelas 10 horas, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

— Discutir, aprovar ou modificar o Balanço, as Contas e o Relatório do Conselho de Administração, relativos ao exercício de 1982.

Não havendo numero suficiente de accionistas na hora marcada a Assembleia reunirá meia hora depois, com qualquer numero de presenças.

Lisboa, 7 de Março de 1983.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
MANUEL DA SILVA BERNARDO GONÇALVES



SINDICATO DOS TRABALHADORES
DA FUNÇÃO PÚBLICA
DA ZONA SUL E AÇORES

CONVOCATÓRIA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

De acordo com os artigos 32.º, alíneas b) e c) e 33.º, convoco a Assembleia Geral para o dia 29 de Março de 1983 com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Aprovação do Relatório e Contas 81/82 e parecer do Conselho Fiscalizador.
- 2 — Apreciação e deliberação sobre o Orçamento/83.

De acordo com o n.º 3 do artigo 31.º competirá à Assembleia de Delegados deliberar sobre o modo de funcionamento da Assembleia Geral.

Pe'l'O PRESIDENTE DA MAG
(Raquel de Matos)

Nota da Direcção:

— A referida Assembleia de Delegados será convocada para 22 de Março, sendo aí apontados os locais de funcionamento e os horários.

— De acordo com o número 2 do artigo 67.º encontra-se, desde já, patente aos sócios, na sede do Sindicato, os documentos a analisar nesta sessão da AG, sem prejuízo da sua posterior edição e divulgação.

roteiro cultural

Cinema

O Ciclo de Cinema Dinamarquês Contemporâneo, com que se encerra o «Panorama do Cinema Dinamarquês» iniciado em Janeiro, chega ao fim na Cinemateca com a exibição dos seguintes filmes: «O Pescador de Hanstholm» (1978), de John Bang Carlsen (hoje), «Johnny Larsen» (1979), de Morten Arnfred (amanhã) e «Jeppes do Monte» (1981). Sessões às 21.30.

Música

Yannick le Gaillard, laureada em 1975 no Concurso Internacional de Cravo, em Paris, vai apresentar-se, hoje, às 18.30, num concerto no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian. Do programa constam obras de Duphy, Forqueray e Rameau.

Barbara Held, grande virtuose de flauta, interpreta amanhã, no mesmo local e à mesma hora, obras de diversos autores, entre os quais Phill Niblock, John Gibson, Carmen Moore e Eugénia Balcells.

Paola Volpe dará, hoje, às 21.30, no Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, um recital de piano em que interpretará obras de Bach, Mozart, Mazzotta, De-



Um aspecto da Feira Universitária do Livro que está a ocorrer no ISCTE

bussy e Tchaikovsky. O recital é promovido pelo Instituto Italiano de Cultura em Portugal com a colaboração da Faculdade de Letras de Coimbra. A entrada é livre.

Conferências

Bernadette Bricourt, professora de literatura moderna na Universidade de Paris VII, animadora de expressão oral

no Instituto de Estudos Políticos de Paris, vai dar hoje, às 18 horas, na Sala SINASE (R. Braamcamp, 9, 7.º) uma conferência sobre «A fotonovela: um exemplo de literatura marginal», a convite da Alliance Française. Tal como a banda desenhada, a fotonovela utiliza dois suportes: o texto e a imagem. Quais os seus temas, os seus personá-

gens, a sua ideologia específica? Será esta a literatura dos nossos dias?

A poetisa **Ofélia de Freitas** fará, amanhã, às 18.30, na Sociedade de Língua Portuguesa (R. de S. José, 41, 2.º, perto do cruzamento com a Rua das Pretas) uma conferência, seguida de colóquio, sobre «A mulher na educação».

Livros

Está a ocorrer agora, no ISCTE (Av. das Forças Armadas) uma Feira do Livro, integrada nas comemorações do 10.º aniversário daquela escola, que terminará no próximo dia 20. Esta feira conta com grande prestígio ao nível do meio universitário, na medida em que corresponde à feira que anualmente se realiza sob o nome de «Feira Universitária». Basta dizer que conta com a presença de, praticamente, todas as editoras nacionais e de algumas estrangeiras. Para lá do horário quotidiano previsto de funcionamento da feira entre as 14 e das 22 horas e 30, registre-se, hoje, às 15 e às 21 horas, a exibição do filme «Estado de Sítio»; amanhã, às 18, presença de José Saramago e, na 4.ª-feira, às 15 e às 21 horas, a exibição do filme «Jesus Cristo Superstar».

Exposições

Gama Diniz inaugurou, ontem, em Coimbra, na Galeria de «O Primeiro de Janeiro», uma mostra de pintura. A exposição, que encerra no dia 20, é promovida pelo Movimento Artístico de Coimbra (MAC).

«O Reino das Aparências», exposição de aquare-

las e fotografias, é hoje inaugurada, às 18.30, no Instituto Alemão de Lisboa (Campo dos Mártires da Pátria, 37). As aquarelas, de Júlio Resende, são inspiradas nas florestas do Sudoeste da Alemanha e feitas segundo bosquejos de viagem. Durante a mesma, o prof. Resende travou conhecimento com o fotógrafo alemão Jorg Amsel, e são deste as fotografias da exposição. O seu tema é a natureza: as alterações sofridas num pedaço de floresta, em curtos momentos ou no decorrer do tempo, e causadas pela luz, o vento, a chuva, a neve, as estações, o dia e a noite. Esses estudos fotográficos devem servir, segundo a ideia de Júlio Resende, de estimulante contrapartida aos seus trabalhos.

O pintor **Luís Rodrigues** apresenta, na Sociedade de Língua Portuguesa, uma exposição de aquarelas, conjunto de 19 trabalhos ensaísticos de nova figuração sobre papel. A exposição inaugura-se hoje e estará patente até ao próximo dia 25, de 2.ª a 6.ª-feira, das 13 às 19 horas e 30.

Maria Irene Ribeiro expõe gravura no Salão de Exposições da Câmara Municipal da Amadora. A mostra é hoje inaugurada, às 21 horas e 30, e ficará patente ao público até 3 de Abril.

MARQUISES

E CAIXILHARIA EM ALUMINO ANODIZADO

ORÇAMENTOS GRÁTIS



DIVISÓRIAS

ESCRITÓRIO E SALÃO DE EXPOSIÇÃO

Aberto das 9 às 19 h

Rua Francisco de Holanda, 28A

Telef. 777488 - 776323 - 1100 Lisboa

Fábrica - 9801203

Almada - 2755743 - 2755806

rádio

Antena Um

17.00: ZGHIBZ; 18.30: Informativo de trânsito; 19.00: Informação e música; 20.00: «Cristo Recrucificado», original de Nikos Kazantzaki 20.15: O espaço é seu; 21.00: Toda a gente é pessoa; 21.30: Viva a noite; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00, 22.00 e 23.00 horas.

Programa 2

15.30: Intérpretes portugueses; 17.00: Musicantes; 17.30: Quarteto em mi bemol, maior, kv. 493, de Mozart; 18.05: Cultivando; 19.30: Terra viva, planeta azul; 20.10: Sinfonia n.º 5, em mi menor, op. 64, de Tchaikovsky; 21.00: O canto e os seus intérpretes; 22.00: Tudo isto é música também; 22.40: Música portuguesa; 23.30: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Sortido fino; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos - hora luterana; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Círculo em FM; 21.00: Abandajazz; 22.00: Café concerto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Equipa da tarde; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Programa da LAR; 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Ouvir e pensar; 23.00: Última hora; 23.55: Meditando. Notícias intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Paju.

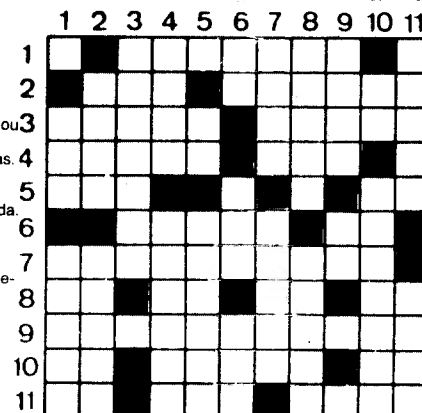
Tiragem média diária do mês anterior: 42 150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13685

HORIZONTAIS:

- Artigo definido. Curto.
- Doçura. Esconder.
- Habitas. Remoque.
- Paixão. Prendo.
- Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Letra grega.
- Chefes das antigas repúblicas italianas. Boro (s.q.).
- Acudiamos.
- Pedra de moinho. Em a. Culpada. Cobre (s.q.).
- Extrairias.
- Item. Velho. Letra grega.
- Preposição e artigo. Preposição. Se-nhoras.



VERTICAIS:

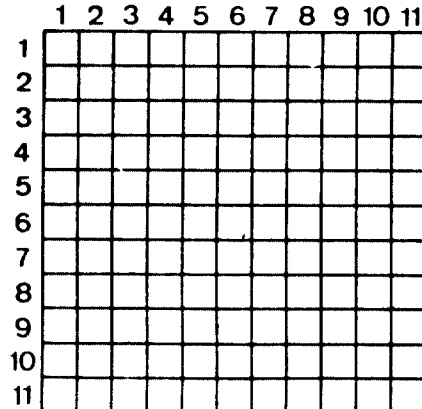
- Desgraça. Bailarina cigana, espanhola, já falecida.
- Vila e concelho do distrito de Évora. Talho.
- Esquecido.
- Antigo estado vizinho da Caldeia, na região situada a oriente do Tigre inferior. Enfeitais.
- Senhor. Vasto.
- Ouro (s.q. e inv.). Governador de alguns soberanos árabes. Preposição.
- Evidilha. Curas.
- Escudão (fig.). Simples.
- Cidade da Argélia. Boro (s.q.).
- Preposição latina que designa movimento. Parafusara.
- Farrapo. Costumes.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9535

HORIZONTAIS:

- Estado independente desde 1957, que faz parte da Comunidade Britânica, situado entre a Costa do Marfim e o antigo Togo alemão. Rima.
- Ilha do Pequeno Belt. Dar mios.
- Abreviatura de Santíssimo. Batráquio. Vou pelo ar com grande velocidade.
- Diz-se do indivíduo que vive em mancha.
- Caminhar. Espécie de jogo de azar.
- Sinal (ant.). Ratava.
- Preposição latina que designa movimento.
- Artigo definido. Cidade do Japão. Clima.
- Coloco. Advertência.
- Germe. Manuscrito. Aqui.
- Peneira. Restos mortais.



VERTICAIS:

- Consome. Guarda da mão na espada (pl).
- Tens. Nosso Senhor. Tareia.
- Brisa. Transfere para outro dia. Uma das Cíclades.
- Da Normandia.
- Freguesia do concelho de Barcelos. Adição.
- Criatura pegadiga, impertinente.
- Prefixo de negação. Faço doação de. Antepassados.
- Golfo também chamado de Riga.
- Tempo do verbo haver. Concede. Nojo.
- Perfume. Ressoas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13684

HORIZONTAIS:

- Cão. Que.
- Os. Tau. Armo.
- Ladra. Rol.
- Mauri. Cravo.
- Astros. Si.
- São. Restas.
- Mar. Parca.
- Osaca. Rara.
- Mercenárias.
- Dão. Alia. Ti.
- Sisas. Não.

VERTICAIS:

- Coima. MORDE.
- As. Assas.
- Lutáramos.
- Tarro. Ce.
- Vadio. Paras.
- Ur. Sra. Clá.
- Ac. Errais.
- Ua. Rascara.
- Erra. Tari.
- Movia. Áatá.
- Colosso. Sio.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9534

HORIZONTAIS:

- Abad. Criva.
- Sam. ODC. Mar.
- Atam. Pola.
- Dinás. Falam.
- Adaca. Riede.
- Aval. Oro.
- Aral. Sa.
- Uhl. Ab. Cu.
- Leandro. Mim.
- Verl. O campo.
- Ardor.

VERTICAIS:

- Asada. Fulvo.
- Batida. Heé.
- Amarava. Art.
- Macarani.
- Áo. Sala.
- DC. Laró.
- CC. Fr. Boca.
- Paos. Ar.
- Imolara. MMD. IO.
- Valado. Cipó.
- Arame. Rumor.

Provérbio: Cão que ladra não morde.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864

BANCO CENTENÁRIO
UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS

	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	66\$55	72\$55	
ALEMANHA FED. (marco)	38\$60	38\$70	
AÚSTRIA (xelim)	5\$35	5\$55	
BELGICA (franco)	1\$775	1\$975	
BRASIL (cruzeiro)	\$061	\$161	
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)	75\$10	77\$10	
(notas de 5 a 1000)	75\$60	77\$60	
DINAMARCA (coroa)	10\$65	11\$05	
ESPAÑA (peseta)	\$662	\$762	
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	92\$10	94\$10	
(notas de 5 a 1000)	92\$60	94\$60	
FINLÂNDIA (marca)	17\$05	17\$65	
FRANÇA (franco)	13\$25	13\$95	
HOLANDA (florim)	34\$80	35\$80	
INGLATERRA (libra)	139\$05	143\$05	
IRLÂNDIA (libra)	127\$90	131\$90	
ITALIA (lira)	\$059	\$069	
(APAC) (peseta)	\$359	\$069	
NORUEGA (coroa)	\$353	\$382	
SUECIA (coroa)	12\$65	12\$95	
SUÍÇA (franco)	12\$35	12\$95	
VENEZUELA (bolívar)	44\$85	45\$95	
	\$915	10\$15	

- Observações:
- No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo
 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

 Centro Comercial de Alvalade
SALA A

 Às 14.30, 16.30, 18.30, 21.15 e 23.15
- Int. men. 13 a.
A FACE DO PODER

SALA B

 Às 14.45, 17, 19, 21 e 23
- N. ac. men. 13 a.
ROADIE
ALVALADE 897480

Av. de Roma

 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
20 000 LÉGUAS SUBMARINAS

8.ª Semana

APOLO 763319

Av. Julio Dinis, 10-A

 Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- N. ac. men. 13 a.
ROMANCE EM NOVA IORQUE

13.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Avila, 45

 Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
ENFERMEIRA DE NOITE

2.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE

12.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
JERRY ENFERMEIRO SEM DIPLOMA
CASTIL 530194

Rua Castilho

 Às 15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
PERIGO IMINENTE

3.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
CONFLITO DE GERAÇÕES

 Às 24
ARMADILHA INTERNACIONAL
- N. ac. men. 18 a.

CITY CINE 49999

R. Tomás Ribeiro, 34

 Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

24.ª Semana

 Às 23.45
UM CASAMENTO
CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Choaos

 Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
SEM SOMBRA DE PECADO

- Int. men. 13 a.

7.ª Semana

 Às 24
O Bandido dos Olhos Azuis
CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

 Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

GERAÇÕES EM CONFLITO
CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O SOLDADO
EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

 Às 14, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A VINGANÇA FORÇADA
ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

 Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O SOLDADO
ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

 Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
SÉRIE NEGRA
IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

 Às 15.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
O FIM DA VIAGEM
LONDRES 801313

Av. de Roma 7-A

 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

O VEREDICTO

4.ª Semana

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

 Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.

DECAMERON N.º 3

2.ª Semana

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

 Às 14.15, 16.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.

VIETNAME, AS DUAS FACES DA GUERRA
MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15 e 21 - N. ac. men. 13 a.

DOCTOR JIVAGO
NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

 Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

A ESTRANGEIRA
ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

 Às 15.15, 18.15 e 21.30
O DEMOLIDOR

- N. ac. men. 13 a.

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
CASTA E PURA

A ESTRANGEIRA, um filme português de nível internacional em exibição no NIMAS
QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

 SALA 1
Às 14, 16, 18, 20 e 22 h.
UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO

 Às 24
IRMA LA DOUCE

SALA 2

 Às 14, 16, 18.20 e 21.15
PERIGO IMINENTE

 Às 23.30
FESTIVAL DE JOE COCKER

SALA 3

 Às 14, 16, 18, 20 e 22
CONTOS DA LOUCURA NORMAL

 Às 24
OS CAVALERIOS

SALA 4

 Às 14.30, 17.45 e 21
AO CORRER DO TEMPO

 Às 00.15
O ANJO AZUL
ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

 Às 15, 17.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

NOS AS MULHERES SOMOS ASSIM
ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
AS FREIRAS DE SANTO ARCANJO

2.ª Semana

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

 Às 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.

VICTOR, VICTÓRIA

5.ª Semana

S. JORGE SALA 2

 Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15
- N. ac. men. 13 a.

BAIRRO DA LATA

9.ª Semana

S. JORGE SALA 3

 Às 14, 16.15, 19 e 21.45
- Int. men. 13 a.

NA CALADA DA NOITE

9.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

ROMANCE EM NOVA IORQUE

12.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, a Est. de Entre Campos

 Junto ao n.º 68
Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45

 - Int. men. 13 a.
VICTOR, VICTÓRIA

Domingo às 11.15

OLIMPIADA DA BICHARADA
STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

 Às 15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

27.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

 Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.

UMA COMÉDIA SEXUAL NUMA NOITE DE VERÃO

3.ª Semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.

CHRISTIANE F.

5.ª Semana

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

 Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.

 O seu último e melhor filme de sempre
O BAR DA ÚLTIMA ESPERANÇA

6.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

 Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.

O ENTE MISTERIOSO

12.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - "E. T. o Extraterrestre", às 21.30 (6 anos)
ALFA-2 - "Os Salteadores da Arca Perdida", às 21.30 (13 anos)

ALFA-3 - "Christiane F.", às 21.45 (18 anos)
MUNDIAL - "E. T. o Extraterrestre", às 21.30 (13 anos)

ZODÍACO - "O Grande Magnate", às 21.30 (13 anos)
QUINTETO - "Perigo Iminente", às 21.30 (13 anos)

CINE-ESTÚDIO ACS - "Vida Parisiense", às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA - "O Bordo Fantástico", sessões permanentes (18 anos)

RESTELO - "Pottergeist, o Fenómeno", às 21.30 (18 anos)
ROYAL - "O Clarim da Revolta", às 21.30 (18 anos)

2000 - "Sem Sombra de Pecado", às 21.30 (18 anos)
CINEMATECA - "O Pescador de Hanstholm", às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - "Falcões em Duelo", às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL - Casino - "Fúria de Vencido", às 21.15 (13 anos)

CASCAIS - Oxford - "A Grande Bronca", às 21.30 (13 anos)

Outra banda

COSTA DE CAPARICA - Silcine - "Olho por Olho", às 21.30 (18 anos)

ALMADA - Cine-estúdio - "Fitzcarraldo", às 21.30 (13 anos)

ALMADA - Incrível - "O Destino de uma Vida", às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine-Plaza - "E. T. o Extraterrestre", às 21.30 (6 anos)

AMADORA - Lido - "O Ente Misterioso", às 21.30 (13 anos)

AMADORA - Cine-estúdio - "O Bar da Última Esperança", às 21.30 (13 anos)

CACÉM - Cine-estúdio Flores - "E. T. o Extraterrestre", às 21.30 (6 anos)

ERICEIRA - Cine-estúdio - "As Insaciáveis", às 21.15 (17 anos)

Porto

CHARLOT - "O Veredicto", às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-A - "Sem Sombra de Pecado", às 21.30 (18 anos)

LUMIÈRE-L - "A Estrangeira", às 21.30 (13 anos)

PASSOS MANUEL - "E. T. o Extraterrestre", às 21.45 (6 anos)

PEDRO CEM - "Os Deuses Devem Estar Loucos", às 21.30 (13 anos)

RIVOLI - "Belos e Insaciáveis", às 21.30 (13 anos)

FOCO - "Christiane F.", às 21.30 (18 anos)

VALE FORMOSO - "O Campeão", às 21.30 (13 anos)

ÁGUA - "Vingança Forçada", às 21.30 (13 anos)

TRINDADE - "Uma Comédia Sexual Numa Noite de Verão", às 21.30 (13 anos)

BATALHA - "A Agente em Nova Iorque", às 21.45 (13 anos)

OLIMPIA - "Operação Diamantes", às 21.30 (13 anos)

ESTÚDIO - American Gafittin', às 21.30 (13 anos)

BEBÊ - "Victor, Victoria", às 21.45 (13 anos)

COLISEU - "O Grande Desafio", às 21.30 (18 anos)

SÃO JOÃO - "A Felina", às 21.30 (18 anos)

JÚLIO DINIZ - "Bobby", às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE

AL. D. AFONSO HENRIQUES: Esperança, R. Carlos Mardel, 101-B (T. 882668); **ALCANTARA: Baírrão**, R. Prior do Crato, 27 (T. 661321); **ANJOS**
-AO CINEMA ROXY: Guerra, R. Andrade, 32-36 (T. 845513); **AV. DE ROMA - BAIRRO DE SÃO MIGUEL: São Miguel**, P. Francisco de Moraes, 1 (T. 771469); **BAIXA: Morão**, R. da Assunção, 17-19 (T. 321289); **ENCARNAÇÃO: Zira**, P. das Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **ENCOSTA DO RESTELO - ESCOLA PAULA VICENTE: Belém**, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **ESTADOS UNIDOS: Gasparinho**, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **GALINHEIRAS - CHARNECA DO LUMIAR: São Bartolomeu**, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **LAPA: Central da Lapa**, R. dos Navegantes, 10 (T. 661734); **LUZ - 2.ª CIRCULAR: J. Ribeiro**, E. da Luz, 199-A (T. 780969); **PAMPULHA: Hospital da CUF**, C. do Sacramento (T. 609111); **PICHELEIRA: Markuz**, R. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SÃO SEBASTIÃO: Sagres**, Av. Luís Bivar, 69-71 (T. 547213); **ALGÉS: Ca-brita**, Parque Residencial Miraflores, lote 12 (T. 2101480); **ODIVELAS: Gonçalves**, R. Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 915662); **PONTINHA: Pimentel**, Az. dos Besouros, lote R-8 (T. 881321).

REFORÇO

ALFAMA: Arnall, R. Escolas Gerais, 88-A (T. 863940); **ALTO DE SANTO AMARO - RIO SECO: Dilema**, R. Aliança Operária, 49-A-B (T. 636620);

ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Castro Rodrigues**, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Alamos, 2-A (T. 2296464). Até às 22 horas; **COSTA DE CAPARICA: Higilândia**, Av. da República, 23 (T. 2400200). Até às 19 horas; **SESIMBRA: Leão**, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **BARREIRO: Normal**, Av. Alfredo da Silva, 116 (T. 2073035). Permanente; **AMORA: Julieta Campos**, R. Ribatejo, 2, Cruz de Pau (T. 2211131). Até às 22 horas; **SEIXAL: Central**, E. Nacional, 9, Aldeia de Paio Pires (T. 2210365). Até às 22 horas; **MONTIJO: Montepio**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035); **MOITA: União Moitense**, Av

DL

Propriedade, Composição e Impressão:

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

Administração, Redacção, Publicidade

e Serviços Técnicos

RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA

TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3

Publicidade: 320740

Serviço de correio (pelo 21)

Porto: 321154

Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82

Edição: Segunda-feira, 14 de Março de 1983

Tel.: 12345 LISBOA PORTUGAL

DISTRIBUIÇÃO DO PORTO

Rua do Almada, 30-2 - 4000 PORTO

Telefones: 20354/5

Distribuição: INTERPRESS

Rua do Norte, 115-1 - 1200 LISBOA

Telefones: 322100-322204-320784



O TEMPO

MARES DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

3.09 4.0 m 8.46 1.0 m

15.27 3.9 m 20.57 1.0 m

Dia 15

3.41 4.1 m 9.16 0.9 m

15.58 3.9 m 21.28 0.9 m

TEMPERATURAS DO AR

AS 9 HORAS

VIANA DO CASTELO	13°
BRAGANÇA	4°
VILA REAL	8°
PORTO	10°
PENHAS DOURADAS	4°
COIMBRA	10°
C. CARVOEIRO	14°
PORTALEGRE	11°
LISBOA	12°
ÉVORA	11°
BEJA	13°
SAGRES	15°
FARO	17°
P. DELGADA	11°
FUNCHAL	17°

últimas

UM MORTO EM RIXA ENTRE CABO-VERDIANOS

ocorrida junto da residência de ambos, na Rua das Fontainhas. A vítima, Manuel José de Pina, de 31 anos, era natural de Nossa Senhora da Conceição, ilha do Fogo e recebeu uma facada junto da axila esquerda com a profundidade de 15 centímetros, tendo chegado já morto ao Hospital de S. José. O antagonista, de 22 anos, de nome Pedro, seria, mais tarde, preso naquele estabelecimento hospitalar onde se foi tratar a umas equimoses resultantes da contenda.

RECLUSO LIBERTOU-SE PELA MORTE

por meio de enforcamento no estabelecimento prisional da Colónia Penal de Sintra onde se encontrava em cumprimento de pena. Tinha 44 anos de idade, era pedreiro de profissão e chamava-se em vida Armando Ferreira Lobo. As razões que o levaram ao desesperado acto não foram reveladas pela Judiciária que divulgou a ocorrência nem as causas que o haviam levado à perda da liberdade.

Taxistas concentram-se na Rotunda do Aeroporto

A Rotunda do Aeroporto deveria ser palco, ao princípio da tarde, de uma das maiores concentrações de taxistas em sinal de protesto contra a onda imparável de agressões de que a classe tem vindo a ser vítima sem que sejam tomadas medidas de segurança eficazes e dissuasoras. Eles são as maiores vítimas do aumento da criminalidade, ao que parece.

Os taxistas que se preparavam para se concentrar na Rotunda do Aeroporto, no momento em que esta edição sai para a rua, defendem a colocação de um dispositivo qualquer nas viaturas que permita avisar a polícia da eventualidade de transporte de um criminoso, sem que este se aperceba. Se não for encontrado um sistema de salvaguarda, os taxistas não sabem como trabalhar, pois o criminoso senta-se, normalmente, no banco da retaguarda, só o fazendo no dianteiro se se faz acompanhar de mais marginais.

Com esta iniciativa os taxistas pretendem chamar a atenção do público para a sua insegurança, para o aumento incontrolado da criminalidade, para o escasso apoio policial e a necessidade de medidas em sua protecção, uma vez que ainda há dias um seu companheiro foi assassinado em Lisboa, enquanto três outros deram entrada no hospital.

A concentração prevista para o princípio da tarde - muitos taxistas tomaram posição na Rotunda já de manhã - não tem qualquer carácter de greve, porque os seus promotores se consideram independentes em relação à «ANTRAL» e à associação da classe.

A primeira assembleia geral da Associação 25 de Abril

Uma assembleia geral - a primeira - composta por 887 dos 1395 sócios inscritos ratificou sábado passado, na Manutenção Militar, os estatutos da Associação 25 de Abril.

Embora se admita que o grau de associado seja aberto «a outros cidadãos, nomeadamente militares que não sejam do quadro permanente», os estatutos aprovados apenas conferem a plenitude de membro aos «militares do quadro permanente» que tenham contribuído «de qual-

quer forma para a realização dos objectivos libertadores do MFA ou que, não o tendo podido fazer por razões de idade se identifiquem com os ideais do 25 de Abril».

Militares milicianos apenas poderão ver aprovada a sua adesão à Associação em assembleia geral.

A comissão instaladora, que foi dirigida pelo major Vasco Lourenço, teve direito a louvores, aprovados por toda a assembleia.

Legalizada em 21 de Outubro passado, com um anúncio

publicado no «Diário de Lisboa», a Associação 25 de Abril integra, entre os seus 27 sócios fundadores, antigos conselheiros da revolução (Vitor Crespo, Vitor Alves, Pizarat Correia, Franco Charais, Martins Guerreiro, Costa Neves, Marques Júnior e Melo Antunes) e alguns dos mais destacados capitães de Abril, como Salgueiro Maia.

A Associação ficará instalada no Forte do Bom Sucesso, junto à Torre de Belém, por cedência do Estado-Maior do Exército.

Nacionalização da Banca e Seguros comemora-se em Lisboa e no Porto

As comemorações do oitavo aniversário da nacionalização da Banca e dos Seguros, que hoje e amanhã têm lugar em Lisboa, deverão constituir «uma clara afirmação de todos de que não cederemos um passo na defesa dessas grandes conquistas que o 25 de Abril trouxe». A afirmação consta de um comunicado conjunto das Coordenadoras da Comissões de Trabalhadores da Banca e dos Seguros, organizações que promovem as referidas comemorações.

Segundo o documento, aquelas nacionalizações representam «um marco histórico na luta dos trabalhadores e do povo português pela edificação de uma sociedade mais justa e mais fraterna». Estas «importantes con-

quistas do 25 de Abril», acrescenta o texto, estão no entanto «na ordem do dia ao serem despuoradamente postas em causa, por órgãos governamentais cada vez mais apostados no seu enfraquecimento e destruição». Neste contexto, assiste-se actualmente «à escalada de forças ligadas aos antigos grupos financeiros internos e mesmo ao capitalismo internacional, que tudo fazem para o descrédito destes sectores, sua inviabilização e, com certeza, posterior destruição», dizem as coordenadoras das CT's.

Ao comemorarem mais um aniversário da nacionalização, os trabalhadores «exigem que estes sectores sejam colocados ao serviço da construção do fu-

turo e da segurança dos portugueses, bastando para tal que o novo poder político a sair das eleições de 25 de Abril reflita os interesses dos trabalhadores e adopte, na globalidade, as propostas e alternativas das suas estruturas».

Integrado nas comemorações realiza-se amanhã um jantar na Casa do Alentejo para o qual foram convidadas diversas personalidades, nomeadamente o Presidente da República.

No Porto, mas promovido pelo Sindicato dos Bancários do Norte, a celebração da data inclui um colóquio que hoje terá lugar no auditório da União de Bancos, e um encontro de reflexão, seguido de espectáculo, que se realizará amanhã no Cine Vale Formoso.

Contraída numas termas espanholas

José Afonso sofre de «pneumonia atípica»

— admite neurologista



A grave doença que há meses afecta José Afonso poderá ser uma variante das chamadas «pneumonias atípicas» provocadas pelo azeite espanhol adulterado, o óleo de colza que já fez centenas de vítimas no país vizinho, segundo revelou o médico neurologista Luz e Silva, do Centro de Neurocirurgia de Lisboa.

A mesma fonte referiu que o criador de «Grândola» esteve numas termas espanholas e que, posteriormente, lhe apareceu um

síndroma pulmonar, semelhante ao dos doentes afectados pelo consumo de azeite adulterado, após o que se verificaram os primeiros sintomas de doença neuromuscular. Diagnósticos feitos em Portugal e no estrangeiro apontavam para uma doença do sistema nervoso de carácter progressivo, precisou Luz e Silva, adiantando que a confirmar-se o diagnóstico do neurocirurgião daquele Centro, Armando Hasse Ferreira, a doença de José Afonso poderá vir a ser controlada.

Não há aulas na «Veiga Beirão»

Professores fecham a escola e exigem medidas do Governo para evitar mais mortes

Os órgãos superiores da «Veiga Beirão» decidiram encerrar preventivamente a escola e exigem que a Direcção-Geral do Ensino Secundário a feche oficialmente até conclusão das obras ali em curso que implicam a ocupação do espaço de recreio e convívio dos alunos. Os Conselhos Directivos e Pedagógico reclamam também que a Direcção-Geral do Pessoal destaque para a escola os funcionários necessários para que se possa manter aberta a sala de convívio e se processe, normalmente, o controlo de entradas e saídas, através do cartão de estudante.

Estas duas reivindicações constam de uma proposta aprovada na reunião geral de professores que teve a participação de representantes do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, na qual foi requerida ao ministro da Educação o encontro de «uma solução rápida» para a situação. Esta já era tensa, e «rebentou» com o atropelamento mortal, a semana finda, da aluna Nélia dos Santos Mestre, da Turma «D» da

«Veiga Beirão», cujo funeral, na passada sexta-feira, na Damaia, constituiu impressionante manifestação de pesar.

O SPGL não só apoia integralmente as reivindicações do corpo docente da escola do Largo do Carmo, e logo as exigências, também, dos alunos, como reclama o assumir de medidas que salvaguardem os alunos da «Veiga Beirão». É assim que se entendem as exigências para que a DGES responsabilize a DG das Construções Escolares pelo calendário das reparações e prejuízos físicos e a Câmara coloque gradeamentos protectores à volta da escola e controle o trânsito na zona, ou eventualmente o desvio do Largo do Carmo. Quer ainda que sejam criadas saídas de escoamento de alunos para prevenir eventuais acidentes.

As obras de beneficiação do edifício, em tempo de aulas, bem vindas que são, não deixam de «colocar em risco todos os que nela estudam e trabalham», refere ainda o SPGL.

Conferência da Linha da Frente

Carta de protesto enviada ao Presidente da República

Um grupo de individualidades enviou a Ramalho Eanes uma carta, hoje divulgada, protestando contra o «patrocínio explícito» de entidades conotadas com a Presidência à Conferência de Solidariedade com os países da «Linha da Frente».

Considerando tal conferência «claramente inserida na esfera ideológica oposta aos desígnios nacionais», os signatários do protesto, na maioria figuras destacadas em vários domínios da actividade intelectual, manifestam também «a mais viva preocupação», face a notícias recentemente divulgadas que sugerem estar o Presidente da República «na intenção de presidir ao acto inaugural da referida conferência».

«A eventual presença de vossa excelência, senhor Presidente, num acto de tal natureza - lê-se na carta de protesto - seria incompatível com a dignidade do cargo de Presidente da República e com os próprios interesses nacionais».

Tal presença, acrescentam os signatários, constituiria «um aval activo e comprometido a uma organização cujos objectivos se situam em contradição com os imperativos de defesa nacional que a nossa política externa perfilha».

Exprimindo o protesto pela «utilização do nome de Vossa Excelência (...) pelos promotores da conferência», as entidades signatárias afirmam esperar que um desmentido da Presidência

«venha pôr cobro não só a naturais especulações resultantes da indignação pública, como às legítimas preocupações dos portugueses».

Assinam a carta: Artur Andrade, António Alcáide Baptista, Mário Braga, Francisco Sarsfield Cabral, Proença de Carvalho, Rui de Carvalho, Iva Delgado, Rui Feijó, Rosado Fernandes, Eurico Ferreira, João Palma-Ferreira, Eduardo de Figueiredo, Adriano Jordão, José Miguel Júdice, Manuel Lucena, Torquato da Luz, Raul Rego, Vitor Cunha Rego, António José Saraiva, José Augusto Seabra, Veríssimo Serrão, Artur Santos Silva, Nuno Espinosa Gomes da Silva, Nikias Skapinakis e Francisco Veloso.

Manuel Alegre O Ter, o Ser e o Falar

No texto de Lurdes Féria sobre o «jantar» e convívio poético com Manuel Alegre, a nossa redactora discute alusões ao «ter» e ao «ser» que os leitores terão apreendido, mas quanto ao «falar» coloca Manuel Alegre nos microfones da «Rádio Portugal Livre». Na realidade, Manuel Alegre falou, aos portugueses, pelos microfones de «A Voz da Liberdade», emissora da Frente Patriótica de Libertação Nacional (FPLN).